

SOMNIUM

Revista do Clube de Leitores de Ficção Científica — Nov/Dez 92 — nº 58



SOMNIUM®

ANO 7 - Nº 58
NOV - DEZ 92

EDITOR
R. C. NASCIMENTO

CONSELHO EDITORIAL
LUIZ MARCOS DA FONSECA
HUMBERTO FIMIANI
RUBENILDO PITHON DE BARROS
RUBY F. MEDEIROS

TIRAGEM
200 EXEMPLARES

**CLUBE DE LEITORES
DE FICÇÃO CIENTÍFICA**

São Paulo
Caixa Postal 2209 - Ag. Central
São Paulo SP, 01060-970
Rio de Janeiro
Al. dos Instrutores / Bl. A / 401, Urca
Rio de Janeiro RJ, 22291-140
Porto Alegre
Rua Duque de Caxias 1531/91
Porto Alegre RS, 90010-000



ÍNDICE

Somnium é o clubzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC.

Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são creditados a seus autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria ou da Diretoria do CLFC. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC foi fundado em São Paulo (SP) aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob Nº 79.416/86.

Sua Diretoria para o biênio 92/93 está composta pelos sócios :

Luiz Marcos da Fonseca (Araraquara, SP)
Presidente

R. C. Nascimento (São Paulo, SP)
Secretário Executivo

Humberto Fimiani (São Paulo, SP)
Tesoureiro

Toda correspondência para esta publicação deverá ser encaminhada para :

Caixa Postal 2209 - Ag. Central
São Paulo, SP
01060 - 970

- 1 Editorial
 - 2 Cartas
 - Jornal da Fc
 - 3 Noticiário Nacional
 - 15 Robozé
 - 16 Big & Bang
 - Artigos
 - 17 Os Fãs de Star Trek No Brasil
 - 20 Ficção Científica Brasileira
 - Legião Estrangeira
 - 28 Pulp Time
 - Resenhas
 - 31 A Rainha do Ignoto
 - 35 Uma Obra-Prima Incompreendida
 - 38 Um Pouco da FC Argentina
 - Contos
 - 40 Gente de Letras
 - 48 Vento da Morte
 - 53 Rabukhói
 - 54 Ao Encontro do Sonho
 - 62 Introdução à Psiconáutica Elementar
 - 70 Onde Nenhum Homem Jamais Esteve...
 - 71 Crônicas do André
- Ilustrações: vide pag. 52



Este número do Somnium surge como renascido de cinzas. Qual legendária ave, surpreende por seu insuspeito vigor e, contrariando todas as expectativas, toma alento e se levanta uma vez mais para recomeçar sua jornada tantas vezes interrompida.

Os dois números anteriores foram publicados em rápida sucessão devido, basicamente, a dois fatores : (1) estávamos de posse de material já digitado -- que precisou ser revisado e corrigido, mas que de alguma forma estava disponível para aproveitamento imediato, e (2) tínhamos liberdade de acesso a recursos de informática para editoração.

Para os números seguintes, estávamos contando com as mesmas facilidades de acesso aos recursos de informática e, se não mais dispúnhamos de material digitado, pelo menos tínhamos material suficiente e dois ou três sócios dispostos a nos ajudar com sua digitação.

Estas perspectivas nos permitiram, à época, prever que o número que ora estamos colocando em suas mãos estivesse pronto em final de fevereiro. Ledo engano.

Ocorrências as mais diversas atrasaram os trabalhos de digitação que estavam distribuídos por três sócios e, o que é pior, nos foram cortados os acessos aos recursos de informática hoje indispensáveis para a editoração deste boletim.

Somente agora conseguimos, a custa de muito esforço, superar estas dificuldades e retomar a editoração do Somnium.

Não podemos garantir, em definitivo, que nunca mais voltaremos a enfrentar problemas que nos impeçam, ainda que temporariamente, de editar nosso boletim com regularidade; entretanto, temos agora acesso a recursos tais que certamente nos tornarão praticamente independentes de terceiros para todos os efeitos.

Este número do Somnium é meio aleijado, já que suas seções de noticiário nacional e internacional estão com matéria em boa parte superada ou já veiculada por outras fontes. Estávamos relutantes em mantê-las; entretanto, considerando-se (1) que as fontes alternativas têm alcance relativamente curto e (2) que o Somnium é -- e será ainda por algum tempo -- uma das raras fontes de registro para futuras pesquisas sobre o gênero, decidimos veiculá-las.

A determinação em divulgarmos trabalhos de sócios do CLFC de tal sorte que reflitam a produção média do quadro social, continua. Este número traz matéria bastante diversificada em estilo e amadurecimento, oferecendo uma vez mais excelente oportunidade para os que desejarem exercitar sua pena em resenhas, ensaios e crítica.

Inegavelmente, o hiato entre este número e seus antecessores frustrou leitores tanto quanto nossos colaboradores habituais -- que limitaram ou cessaram o envio de matéria; assim, estamos solicitando a todos que retomem o envio de trabalhos para publicação.

A propósito, reiteramos nosso pedido para que as matérias sejam enviadas digitadas, obedecendo, de preferência, os seguintes parâmetros técnicos :

* Processador de texto : Word 5.0 ou Word 5.5 (os que desejarem, receberão seus disquetes de volta com a Folha de Estilo contendo os estilos utilizados na editoração do Somnium, de modo a montarem suas matérias dentro daqueles e, assim, facilitar ainda mais sua inserção no boletim).

* Disquetes : 5 ¼ ou 3 ½ (todos os disquetes serão devolvidos; por favor assegurem-se de enviar os disquetes devidamente protegidos contra danos -- e, claro, tenham a preocupação de que estejam livres de vírus).

Bem, é isso. Estamos aguardando seus comentários. Até a próxima, e divirtam-se.



Prezado Editor,
 Como novo membro do CFC gostaria de parabenizá-lo pelo grande e excelente trabalho de incentivo, apoio e divulgação da FC no Brasil que vocês vêm realizando através do Boletim "SOMNIUM" (e outras atividades), num espaço aberto a talentos "enrustidos" que não tinham onde nem como se expressar. Para dar início a um primeiro contato com o clube e sua forma de atuação, solicitei os números 56 e 57 do SOMNIUM e, não foi para mim nenhuma surpresa ao encontrar -- porquê sabia que iria encontrar -- em suas páginas: o trabalho, a capacidade, a expressão e o talento de pessoas sensíveis e inteligentes, como o são quase todos aqueles que apreciam FC, visto que são pessoas que possuem uma visão mais abrangente das coisas e fatos que nos rodeiam e são pessoas que raciocinam em termos universais e não de forma tacanha, egoísta, preconceituosa e provinciana, qualidade inerente de boa parcela de nosso povo (mais por falta de uma boa educação) e de grande parte, de não da maioria, dos políticos ... estes, movidos por egoísmo centrismo hiperdesenvolvido. Acho que nós aficcionados de FC teríamos muito a ensinar aos homens que, pretensiosamente, supõem saber governar as nações. Nas isto é utopia -- talvez um dia não seja -- e eu estou a fazer digressões desnecessárias. Minha intenção mesmo era dar-lhes parabéns e incentivá-los, se aceitarem meu humilde incentivo, a continuarem este maravilhoso trabalho que vem sendo feito.

Os dois números do SOMNIUM estavam ótimos. Há alguns erros de dactilografia e/ou digitação, mas nada tão grave que comprometa o nível do todo. Espero que consigam manter o mesmo padrão e na medida do possível melhorá-lo. É claro que nem tudo está perfeito, mas perfeição só se consegue com muito esforço e bastante dinheiro, e sei como está difícil conseguir este artigo ultimamente, haja visto a triste e lamentável saída de circulação da "Isaac Asimov Magazine". Mas não há de ser nada ... nós, associados juntamente com a Diretoria do CLFC devemos lutar para que o clube e seu fanzine não desapareçam deixando-nos órfãos de todo.

Eu como fã de HQ, não poderia deixar de elogiar o talento e a produção inesgotável de Roberto Schima. Adorei todas as suas ilustrações e seu bom humor.

Nas Seção de Cartas (Somniun 57) concordo com Alexandre Pereira dos Santos com relação à diagramação em duas colunas, o que torna a leitura mais fácil, embora eu considere a diagramação numa coluna mais atraente. Concordo também com Marcello Simão Branco e acho que o SOMNIUM deveria ser mensal. Além de ser ótimo ter em mãos um número a cada mês, isso facilitaria e tornaria mais ágil o entrosamento e a integração entre sócios.

Apenas como sugestão, pergunto se não seria possível a inclusão do número de inscrição dos sócios no final das cartas, contos e artigos. Creio que seria útil a quem porventura pretendesse trocar correspondência com os autores e colaboradores do SOMNIUM.

Bom, para quem está chegando agora acho que falei/escrevi demais; importante é que estou contente por fazer parte desta confraria. Um grande abraço e meus votos de felicidade e sucesso.
 Carlos Eduardo de Menezes (400)

Gratos pelos elogios que, afinal, devem ir todos para nossos colaboradores. Como os corretores ortográficos ainda não são perfeitos, e nem sempre temos muito tempo para uma repassada extra nos textos produzidos alguns erros ainda nos escapam; lamentamos, mas ... paciência. Por enquanto, duas coisas não mudam: a diagramação, porque consideramos a melhor para nosso Boletim, sob todos os aspectos, e a bimestralidade (teórica) de publicação, já que ainda estamos recebendo a maior parte do material em papel, impondo tempo e trabalho extras

Olá,
 Grato pela divulgação de trabalhos meus no nº 57. Um número caprichadíssimo, diga-se de passagem. Gostei da divulgação dos desenhos estratagemas; é uma maneira de intercâmbio que só tende a acrescentar.

Roberto Schima (107)

Seus trabalhos são muito admirados e esperados, tanto pela Edição quanto por todos os leitores do nosso Boletim. Aliás, parabéns mais vez pelo enorme sucesso de suas ilustrações em fanzines pelo mundo afo. O espaço para o pessoal da "Legião Estrangeira" tem mesmo este caráter intercâmbio mas, principalmente, de oferecer, de alguma maneira, oportuna e de comparação entre o que se produz aqui e por lá. Volte sempre.

Caro Roberto

Recebi o nº 57 do Somnium e você está de parabéns pela retomada sem queda de qualidade gráfica.

Rubenildo Pithon de Barros (33)

Manter este nível mínimo de qualidade é uma questão básica, e exigido muito esforço. Este primeiro semestre de 93 trouxe consigo série de percalços, felizmente superados a partir do início de junho investimentos pesados numa infraestrutura computacional que nos permitiu doravante, uma certa tranquilidade. Continuamos contando com o apoio decidido do CLFC-Rio.

Ilmo. Sr. Humberto Fimiani

DD. Tesoureiro do CLFC

Foi com grande satisfação que recebi o Somnium 57. Torne extensivo Presidente Luiz Marcos, ao Nascimento também, a beleza desse número. sei que máquina usaram, mas a leitura não é cansativa; tipos claros, nítidos. Uma das melhores impressões gráficas. A página menos nítida minha pag. 77 que, como pude observar, é xerox duma xerox, daí a perda nitidez; mas mesmo assim ficou bem legível.

Por outro lado, o conteúdo : artigos bons e muito bons, contos (nem fala); desta vez acertaram com um material de excepcional qualidade como conto "SALDOS", de João Barreiros, e os outros também. Mas isso acoplado a excelentes desenhos, em especial do Schima, transformaram o Somnium num EXCELENTE EXEMPLAR. Parabéns a todos.

Ruby F. Medeiros (18)

Nosso "Bom Doutor", mais uma vez, gentil conosco e nossos colaboradores. A produção do nº 57 contou com editoração via MS-Word (caracteres Modern-a, 12 pontos), e originais gerados via impressora ser, o que garantiu uma boa redução para a gravação das chapas ofsete. resultado nos pareceu bastante bom, embora continuemos buscando melhor. Vamos ver como nos saímos doravante.

Sr. Editor

No Somnium 53, na coluna "FCuriosidades", de Luiz Marcos da Fonseca (aliás, o que foi feito desta coluna ?), mencionam-se contos ultra curtos dando-se alguns exemplos. Achei interessante e, outro dia, meu filho Guilherme fez uma pergunta que, sozinha, poderia ser considerada um conto deste tipo :

"Por que o planeta vermelho tem que ter habitantes verdes ?"
Creio que meu filho bateu o recorde nacional !

ou também enviando um pequeno conto, que espero seja publicado num dos próximos números do Somnium.
Aro A. L. Domingues (105)

A coluna do Luiz Marcos não é uma coluna fixa, mas é sempre muito bem-vinda. Seu conto aparecerá sim, oportunamente. Quanto ao recorde do herme, fica registrado até que alguém o supere.

Caro Editor :

É uma boa a última edição do Somnium, meus parabéns. Gostaria de dar uma pequena contribuição ao artigo do Carlos Angelo sobre Robert Heinlein. Além dos livros citados, também existem publicados em português (seguem-se vários títulos). Aproveitando a oportunidade, estou enviando dois contos para sua apreciação e, quem sabe, futura publicação no Somnium.
Aro C. Moraes (351)

Gratos pelos parabéns. Seus contos serão considerados com carinho. Quanto à bibliografia do Heinlein, o Carlos Alberto Angelo enviou-a juntamente com o artigo e, por uma lamentável falha de edição, não a publicamos neste número; estamos fazendo neste, com nossas desculpas ao Carlos Alberto pelo transtorno.

Caro Editor
Gostaria de apontar para o fato de que os cinco pontos citados por Bráulio Moraes em seu ensaio sobre o fantástico na ficção de Machado de Assis (Somnium 57), como sendo parte da introdução de José Guilherme Merquior na edição da Ed. Ática ao "Memórias Póstumas de Brás Cubas", poderiam ter bem definido as características da obra do nosso colega Ivan Carlos Lima.

Eu e Finisia estejamos casados de papel passado, e uma vez que a obra dela como escritora começou antes de nosso casamento, ela continua assinando apenas "Finsia Fideli". Acredito que outras pessoas devam ter seus trabalhos no Somnium creditados com seus "nomes de autor", aproveitando para -- pela primeira vez em sete anos -- chamar sua atenção para o fato de que não há nenhum "z" no meu Sousa.
Aro de Sousa Causo (23)

Registrado.

Caro Roberto
Creio para lhe dar os parabéns pelos dois últimos números do Somnium, e parecem restituir um pouco de sua saúde. É bom vê-lo, novamente, chegando pontual, não atrasado meses e meses. Desejo sucessos e que não ocorram novas "recaídas" do nosso boletim.

Os dois números estão muito bons, realmente. O 56 tem seu ponto alto no artigo sobre Isaac Asimov escrito por você. Um resumo bem completo da obra deste grande autor. Os artigos, também bastante interessantes. Apenas não gostei muito da Seção de Contos. Poderiam ser melhores. Contudo, o número está bom. Inclusive a coluna única. É mais econômica e, pessoalmente, gosto mais dela.

Além disso, o número 57. Primeiramente, uma Seção de Cartas bem interessante. Eu sempre gostei de ler as cartas ... espero que continue assim, pelo menos umas duas páginas. Os artigos também estão bons, principalmente a biografia do Heinlein e o relato da Finisia sobre o encontro com Thomas Dish. Os contos nacionais também melhoraram bastante.

Mas o que mais me agradou foi o espaço dos estrangeiros, principalmente seus contos; "Saldos" é uma deliciosa sátira (e crítica, creio eu) ao sistema capitalista, consumista, que reina em nossos dias. Realmente, o homem vem exagerando nesse sistema de vender e comprar; as propagandas, cada vez mais apelativas e exageradas. Esta estória é muito divertida, e também séria, por falar desta febre de consumo exagerada. Também ótimo, o conto "Terá Sido um Erro?".

O Somnium parece estar mais saudável, e sua qualidade está longe de decepcionar. Parabéns pelo esforço que, pelo jeito, está vingando. Posso imaginar que sufoco é produzir o Boletim nesta frequência; acho que o sucesso é a única forma de compensar um pouco este trabalho.

E, como editor, você está conseguindo sucesso, na minha opinião.

Aliás, gostaria de externar minha opinião sobre o que foi discutido pelo Marcello, na última cata da página 4 : eu prefiro o Somnium bimestral. Não que a idéia de tê-lo todos os meses não seja agradável; mas eu gosto dele assim : vindo de dois em dois meses, com uma boa fatura de páginas. E eu acho que, assim, dá para publicar com mais facilidade os trabalhos mais longos, que não precisariam ser divididos em dois números, para não tomarem uma edição inteira, caso ele tivesse apenas umas trinta páginas. É minha opinião

No mais, desejos para que o Somnium continue assim, melhorando cada vez mais ... e que você agüente a barra de editá-lo.

Alysson Fabio Ferrari (366)

Basicamente, o Somnium sempre foi saudável; sofre -- ou sofria -- de certa "timidez", que faz com que, vez por outra, relute em "aparecer" em público ... mas está sendo tratado e, esperamos, irá superar esta fase. Já disse que quem corre por gosto não se cansa : editar o Somnium é, antes de mais nada, um enorme prazer pessoal. Continuamos contando com você e demais colaboradores quem, mais que quaisquer outros, merecem os elogios e os parabéns pela qualidade do que produzem.

Caro Editor

Sou um dos sócios mais recentes do CFC. O Somnium 57 foi o segundo exemplar da revista que recebi. E, em suas linhas e entrelinhas, já se delineou uma pedra no sapato da Diretoria e dos fãs mais engajados. Refiro-me à apatia do diretório de sócios.

O sócio Marcello Simão Branco fez alguns comentários muito pertinentes a respeito, na última revista. Mas, perdoe-me a fraqueza, a resposta do Editor, ao reafirmar o surrado "uns poucos fazem, os demais não fazem nada", é a meu ver pobre e cômoda. Pobre, do ponto de vista que, sendo quase imperativa, desestimula um debate interno que poderá resultar num clube melhor para mais sócios. Cômoda, porque permite "aos que fazem" perpetuar-se na rabugenta posição de queixosos com a preguiça alheia.

Não pretendo em absoluto desmerecer o trabalho do Editor ou de quem quer que seja. É óbvio que ao gastarmos tempo, suor e trifosfato de adenosina para tornar concreto um trabalho que amamos e fazemos com todo nosso entusiasmo, dando o melhor de nós, fiquemos ressentidos ao ver que não temos a receptividade desejada. Ainda mais quando essa falta de receptividade provém de um grupo que, em princípio, deveria corresponder. Já senti este misto de frustração e perplexidade quando pertenci à Diretoria do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina Santa Casa (SP), e não conseguia entender porque todas aquelas ótimas iniciativas tomadas pouco repercutiam entre os alunos. E sei que a reação inicial -- que depois percebi ser improdutiva e inadequada, por não apontar para nenhuma solução -- é taxar os indiferentes de cretinos, oligofrênicos, babacas e outras lisonjas. A seguir, ou desiste-se e manda-se tudo para o diabo, ou entra-se numa fase de "equilíbrio dinâmico", onde a produção de outras iniciativas tão boas ou melhores que aquelas iniciais alterna-se com períodos de ódio contido ou não, ao vê-as originar graus variáveis de fracasso, do ligeiro ao vexame completo. E acabamos por fechar-nos em nossa amargura, correndo o risco de nós mesmos tornarmos-nos indiferentes. Indiferentes

aos indiferentes.

Essa análise, por ser propositalmente caricatural e exagerada nas tintas, pinta bem nitidamente o problema. Assim, fica mais fácil começar a achar o caminho. Vamos lá.

Parece-me que, dentro do CLFC, há um núcleo de entusiastas incontidos, tarados por FC&F e qualquer coisa correlata. Almoçam e jantam Henlein e Asimov, bebem Enterprises "on the rocks" ao Cair da Noite, entoam Cânticos Para Leibowitz até o Fim da Eternidade. E dormem com "a" Somnium, que é pobre e magrinha, mas tem um coração de ouro e é o grande amor de suas vidas.

De encontro a estes "cyberfãs", no outro canto do ringue, trajando pijama de flanela, temos os "ócios". Perdão, sócios. Serão iguais àqueles? Acho que não. São Estranhos Numa Terra Estranha. Gostam de FC. Muitos, como eu, lêem tudo que lhes cai nas mãos a respeito, correm atrás de títulos, etc.. Outros têm interesse mais relativo, e gostam do gênero o bastante para participar do clube, porém de forma descompromissada. E ainda há aqueles que nem lembram que são sócios, ou não fazem a mais porca idéia de porque o sejam (um instante de entusiasmo ... era baratinho ... sei lá, pô, não enche!).

Estes últimos é melhor deixá-los quietos. Pretender puni-los, expulsá-los, multá-los ou exterminá-los a tiros é cansativo, antidemocrático e profundamente inútil. Não incomodam. Tendem a sair do clube sozinhos, e alguns eventualmente podem até vir a adquirir mais entusiasmo.

Os demais só gostam de FC, ora muito ora nem tanto, mas de qualquer modo não são fanáticos.

E talvez aí esteja o cerne do problema: o CLFC é um clube, de muitas formas, fundado e tocado adiante por e para fãs engajados, e não para fãs comuns. A rotina do clube é um pouco distante da massa de sócios. Vejamos o Somnium. Dentro do esquema amador a que se propõe a Editoria, é em muitos momentos surpreendentemente bom, quase profissional; e, em outros pontos, é muito "para iniciados". Percebe-se, mais no conjunto, insuficiente didatismo para com a massa de fãs não iniciados; vejo pouca preocupação em criar espaços -- não só na revista -- que, ao apontar para direções que o diretório de sócios considere atraentes, estimule aqueles que estão quietos a ser mais ativos.

Um modo de tentar saber que tipo de clube o diretório quer, e o que deve ser feito para estimular a participação mais ativa, é enviar a todos os sócios um questionário abrangente, bem estudado e bem discutido durante sua confecção. Não sei se a idéia é nova nem se já foi realizada. Não sei sequer se é boa e se dará resultado. Mas me parece um bom início.

Outra questão a se por na roda é que tipo de maior participação se deseja do diretório. E acho que aí a porca vai torcer o rabo. É provável que se peçam mais vantagens práticas, como quinquilharias e "gadgets" diversos a serem vendidos por reembolso postal, descontos e convênios com livrarias e editoras no Brasil e exterior, etc.. E efetivar mesmo este tipo de aspiração, a ponto de com isso se estimular a atividade social e mesmo o aumento das adesões ao clube, exigirá um certo grau de gestão profissional, que acho que não se coaduna muito com o atual estado de coisas.

Se o que se deseja é o aumento a participação direta dos sócios nas atividades já existentes do clube, talvez concretizar isso seja um problema, simplesmente porque é possível que essas atividades não façam lá muito a cabeça de fãs comuns. E caso se consiga essa verdadeira façanha de atrair mais pessoas deixando a estrutura basicamente como está (possível, mas difícil), coloca-se uma consequência interessante: se os fãs comuns se tornam mais presentes, suas propostas ganham força e tendem a influir mais nos rumos do clube. E é inevitável que, gradativamente, aquelas aspirações práticas já citadas entrarão em pauta ...

Assim, é possível que, para se tornar mais abrangente, o CLFC deva fatalmente, de um modo ou de outro, deixar de ser um clube como o é em seus

modelos atuais. Está lançada a discussão. E é importante que mais pessoas enviem suas opiniões. Assim, já estaremos começando a melhorar o clube. Oziris Wagner Pezzuol (394)

No próximo mês de dezembro estaremos completando oito anos de existência. Nestes anos todos, tentamos de todas as formas possíveis alavancar a participação social. Por uma ou mais razões -- e aqui não descartamos mesmo a incompetência das nossas Diretorias -- não se conseguiu resultado maior. Suas idéias, boas é claro, de fato não são novas e já foram postas em prática ... sem resultado visível. Quando o clube foi fundado, pensava-se, antes de mais nada, reunir um grupo de amigos que tivessem ao menos a FC em comum; depois, com conseqüência, teríamos o resto. Assim, foi um clube formado para congregar e agradar o maior número possível de pessoas. Hoje, é acusado de ser um clube de escritores, e não de fãs de FC. Por que? Porque, afinal, são os sócios com pretensões profissionais no campo da FC (escritores, editores, críticos, ilustradores, articulistas, etc.) os que mais se mantêm ativos no âmbito social. E os demais sócios? Ou se mobilizam e atuam para voltar a fazer do CLFC um clube de fãs, ou continuam estranhos no ninho. É por isso mesmo que, entre outras coisas, estimulamos a criação dos Círculos de Interesse, como forma de diversificar interesses e participação. Uma coisa é fato: sempre demos espaço para os sócios se organizarem e semearem seus próprios campos -- que continuam desertos, à espera de seus desbravadores. Enquanto isso, os poucos interessados vão fazendo sua parte. Não é uma postura cômoda, nem pobre: é apenas a constatação de um fato.

Prezado Editor,

Depois do sabão dado nos sócios que não participam das atividades do CLFC em um dos informativos, parei para pensar que eu devia contribuir com alguma coisa, por mais simples que fosse. Prometi que quando tivesse tempo participaria.

Mas, na verdade, isso significa enrolar. Todo mundo é assim. Um amigo meu me dizia que se eu quisesse mesmo sair com alguma garota tinha que marcar dia, hora, local, tudo na hora, porque senão eu estaria enrolando a menina e ela perceberia.

Ele estava certo. E eu sabia que estava mentindo para mim mesmo dizendo que qualquer hora participaria do CLFC. Iria enrolar, apenas.

O que mudou foi o fim da IAM.

Quando vi que iam publicar contos de autores nacionais, pensei que publicariam contos de alguns amigos meus, dos tempos do "boom" dos fanzines de Histórias em Quadrinhos. Pensei que, se não fossem os vencedores, pelo menos os nomes estariam entre os que participaram do concurso. Pena, nenhum deles estava lá.

E, no último número da IAM, vejo um conto de uma das pessoas que, apesar de não conhecer pessoalmente, admiro muito pelo seu trabalho com o fanzine Hiperespaço -- o José Carlos Neves.

De repente, aquele último número e o contato, pela primeira vez, novamente, com o trabalho de alguém "do meu tempo", fez-me perceber a apatia e o desânimo que tomou conta de mim e que talvez tenha tomado de meus colegas.

Remeto, então, este pequeno trabalho para publicação no Somnium; espero que gostem. Quem quiser escrever fazendo a crítica, por favor faça.

Gostaria, ainda, que os sócios do CLFC que conheçam as seguintes pessoas, por favor peçam para que elas entrem em contato comigo: Wallace Vianna da Silva (RJ), Rogério Silvério de Farias (SC) e Marco Antonio Muller (RS), pois, apesar de saber onde moram, nunca mais consegui contactá-las.

Agradeço a atenção. Um abraço.

Magno Kretzschmar Nardin (364)

Sua contribuição é muito bem-vinda. Vamos ver se você terá sucesso em voltar a contactar velhos amigos por intermédio do Somnium. Continue conosco.



NOTICIÁRIO NACIONAL

O QUE VAI POR AÍ

O CLFC-RS criou seu primeiro Círculo de Interesse : trata-se do CI Starfleet Academy - Porto Alegre, cujo objetivo é reunir os trekkers do sul do país num núcleo organizado. O CISAPA terá suas reuniões mensais no sábado imediato à reunião mensal do CLFC-RS. Desde já convidam para integrá-lo todos os membros do CLFC interessados em Star Trek.

Luiz Gê está divulgando seu Ateliê de Quadrinhos e Artes Sequenciais que terá cursos bimestrais com temática específica e variada. As aulas são dadas às terças-feiras à noite. Às quintas-feiras, o ateliê dedica-se a atender profissionais interessados em se reciclarem. Para contato, escrevam para Rua Branco de Araújo 84, São Paulo (SP), 04715-010 ou telefonem para (011) 548-8170.

A SBAF - Sociedade Brasileira de Arte Fantástica organizou a entrega do Prêmio Nova de 1992, na Biblioteca Henfil, no dia 17/04/93. Os vencedores foram respectivamente :

Premiação Geral

Melhor Livro de Autor Nacional
Cristoferus, Henrique Flory (Edições GRD)

Melhor Livro de Autor Estrangeiro
O Parque dos Dinossauros, Michael Crichton (Best Seller)

Melhor Ficção Curta Nacional
Ato Continuum, Sylvio Gonçalves (Isaac Asimov Magazine, '22)

Melhor Ficção Curta Internacional
O Carteiro, David Brin (Isaac Asimov Magazine, 21)

Melhor Ilustrador
Roberto Schima

Melhor História em Quadrinhos
Sexdróide, Mozart Couto (Editora Nova Sampa)

Premiação Amadora

Melhor Fanzine
Megalon, editado por Marcello Simão Branco

Melhor Ficção Curta
Um Dia com Júlia na Necrosfera, João Manuel Barreiros (Somnium, 55)

Melhor Ilustrador
Roberto Schima

Melhor História em Quadrinhos
Perry Rhodan, Daniel P. Santos (Informativo Perry Rhodan)

Premiação Especial

Melhor Trabalho de Não-Ficção
Bráulio Tavares

A SBAF, além de abrigar a Comissão Permanente do Prêmio Nova, se prontificou a tornar possível a realização, no Brasil, da ConSur III (Convenção de Ficção Científica e Fantasia do Cone Sul) em 1994, e ainda a viabilizar o NASAFF (North American/South American Fan Fund).

* O Prêmio Tapiraí 1993, organizado e patrocinado pelo fanzine Megalon, de Marcello Simão Branco, teve como vencedores :

Melhor Ficção Curta : "Exercícios de Silêncio", Finisia Fideli
Melhor Trabalho de Não-Ficção : Roberto de Sousa Causo
Melhor Ilustrador : Roberto Schima
Melhor Editor : Renato Rosatti (Vortex, Megalon)

Aos interessados em se aprofundarem nos detalhes de votação em cada categoria, bem assim nos comentários dos patrocinadores, sugerimos leitura atenta de matéria publicada no Megalon # 25 (pág. 8 e seguintes).

* O Clube de Ficção e Divulgação Científica Frota Estelar Brasileira conduz suas reuniões mensais -- também chamadas de "convenções estelares" -- sempre com muito sucesso.

A 66ª reunião foi realizada em 13/02/93, na Oficina Cultural do Brás "Amácio Mazzaropi", com projeção de episódios da série e de um desenho de ST cedido pelo pessoal do fanzine ... E No Próximo Episódio ..., além das atividades habituais.

A 67ª reunião foi realizada também na mesma oficina cultural no dia 03/04/93, com programação semelhante e o lançamento do Manual Técnico "Guia da Enterprise do Sr. Scott", edição em português da Editora Aleph.

Ainda no mesmo local, a 69ª reunião teve lugar no dia 19/06/93 onde, a par do habitual, foi feito o lançamento do 10º livro da série de ST da Editora Aleph.

O quarto aniversário do CFDCFEB foi comemorado com festa na Up&Down no dia 04/06/93, com uma festa à fantasia centrada em personagens de histórias em quadrinhos e seriados de televisão.

* A Frota Estelar Brasileira e o fanzine Warp 9 promoveram a 1ª Star Cup, voltada a selecionar e premiar os cinco melhores projetos de naves espaciais. Os vencedores serão anunciados na 69ª reunião da FEB (em agosto de 93) e terão seus trabalhos publicados naqueles fanzines. Uma iniciativa interessante, na medida em que estimula a criatividade e o espírito de participação do fandom.

FÃS & ZINES

* Alexandre Pereira dos Santos casou-se com sua Maria Eliza no dia 29/05/93, na Capela de Sant'Anna, acontecimento para o qual nos enviou convite extensivo a todos os sócios do CLFC. Embora com muito atraso mas, também, com muito do nosso carinho, aqui vão os votos de que esta união seja duradoura, estável, produtiva e, antes de tudo, muito feliz.

* Miguel Carqueija mereceu destaque na seção "Escritores da Casa" do BIT - Boletim de Informação ao Pessoal, do Banco do Brasil. Carqueija é o Tesoureiro do CLFC-Rio onde, com os cuidados que caracterizam tudo que faz, vem desenvolvendo um excelente trabalho.

* Bráulio Tavares, que escreveu o verbete sobre FC brasileira para a nova edição da enciclopédia de Peter Nicholls e John Clute, está preparando o

lançamento dos três primeiros volumes da "Coleção Rama", da Editora 34 : O Palácio dos Perversos (Dinner at Deviant's Palace, de Tim Powers e tradução do próprio Bráulio), Uma pequena Morte (Dying Inside, de Robert Silverberg e tradução de Ivanir Calado) e The Anubis Gates (também de Tim Powers e cuja tradução ainda está sendo negociada) -- os volumes devem, em princípio, ser publicados no segundo semestre de 93.

A propósito, a Editora 34 está aberta e interessada em autores nacionais, lembrando : (1) a coleção é de literatura fantástica, o que inclui ficção científica, fantasia, realismo mágico e quetais; (2) por enquanto só publicará novelas (nada de coletâneas ou antologias), e (3) não há limite de extensão para os trabalhos, embora seja dada preferência para livros de tamanho médio (de 100 a 200 laudas de 30 linhas em espaço dois).

Além da coordenação da coleção já mencionada, Bráulio emplacou três peças: Brincante (com Antonio Nóbrega, que teve excelente resposta de público e crítica), Esperando Godofredo - Quinze Anos Depois (estreou em maio no Teatro Sérgio Cardoso, depois de ótima temporada no Rio), e sua "farsa cordalesca" Trupizupe, o Raio da Silibrina.

Não bastasse o sucesso "in house", Bráulio teve publicado um ensaio sobre o Movimento Antropofágico da Ficção Científica Brasileira, intitulado The Curse of the Brazilian Canibals, no prestigioso semi-prozine holandês Shards of Babel.

Mas fazer sucesso é "mal" de família : a irmã de Bráulio, Clotilde Tavares, está publicando pela Record o livro Iniciação à Visão Holística, "uma brilhante síntese científico-existencial-filosófica" nas palavras do irmão coruja.

* Roberto Schima, ganhador nas duas categorias de "Ilustrador" do Prêmio Nova 92, continua fazendo sucesso em fanzines do exterior com seus trabalhos. Capa e interior do Andromeda Nachrichten # 142 (alemão), capa do Dipsomanie # 18 (belga), interior do Strange Adventures # 45 (inglês), interior do Tesseract # 53, capa e interior do Flickers 'n' Frames # 18 (inglês) e capa, quarta capa e interior do Probe # 90 (sul-africano), entre outros. Além disso, recebeu merecidos elogios por seu trabalho em artigo no São Paulo Shimbun de 25/03/93.

A par de seus trabalhos publicados no exterior, continua sendo um dos ilustradores mais requisitados e elogiados pelos editores de fanzines nacionais. Sem dúvida, prenuncia-se uma carreira de muito sucesso que, estamos certos, logo estará em plano profissional.

* A Livraria Devir promoveu o I Encontro Internacional de Roleplaying Games (RPG) no início de junho, com a presença do conhecido Steve Jackson, criador do Gurps -- o principal manual sobre o jogo. O evento contou com palestras, noites de autógrafos, jogos especiais e reunião com "game masters".

* Recado (n°s 194 a 215, formatinho, 4/8 páginas, xérox), publicação semanal da Devir. A partir do número 204 passou a ter oito páginas, lista de reservas e grampos na lombada. # 204/5 contém os updates 93; 210 e 215 contêm os updates 94. Obrigatório para os fãs de quadrinhos, especialmente os importados. Solicite pela Caixa Postal 15239, São Paulo SP, 01537-970.

* Hiperespaço (n° 21, formatinho, 16 páginas, ofsete). É isso mesmo ! O consagrado fanzine de Cesar R. T. Silva está de volta, para alegria de todo o fandom. Previsto para ter presença trimestral, deve cobrir modelismo, quadrinhos, animação e cinema ligados a ficção científica, fantasia e horror. Este número, o primeiro desde 1988, traz reportagem traduzida sobre o desenho japonês "Nausica - Os Guerreiros do Vento", noticiário,

material sobre modelismo de FC, entrevista com Simone Saueressig e conto de Maurício Tavares. Caixa Postal 375, Santo André (SP), 09001-970.

Seja muito bem-vindo de volta à cena, e tenha desta feita uma vida longa, profícua e berço de muita satisfação para todos os seus inúmeros admiradores.

* ... E No Próximo Episódio ... (nº 8/jan-mar-93, formatinho, 46 páginas, ofsete, capa cartonada, grampos na lombada). Este número enfoca os seriados Família Adams e Os Monstros, e mais material variado e informativo.

Apoiado em conteúdo, diagramação e editoração de primeira linha, o ENPE firma-se como uma das mais importantes publicações do fandom nacional. O fanzine vem promovendo uma série de eventos juntamente com entidades como a Gibiteca Henfil (em 24/04/93) e o Cineclube Elétrico (em 12 e 13/06/93), quando passam episódios de conhecidas séries de TV e promovem sorteio de vários brindes, especialmente revistas da Abril Jovem, que dá seu apoio às iniciativas do ENPE. Roosevelt e Leo estão de parabéns, tanto pelos eventos como pela qualidade do fanzine. Caixa Postal 15608, São Paulo (SP), 03398-970.

* Cadernos Literários (ano 1/nº 2/mar.93, formatinho, 12 páginas, xérox, grampos na lombada). Publicação do CLFC-RS, sob a responsabilidade de Ricardo de Castro Campos, dedicada à divulgação da FC. Este segundo número aborda as viagens no tempo e traz trabalhos assinados por Ruby F. Medeiros, Gilberto Schoederer, Flávio Diegues e pelo próprio editor. Pedidos para Rua Duque de Caxias 1531/91, Porto Alegre (RS), 90010-283.

* Diário de Bordo (ano 3, nºs 12 e 13, A-4, 18 páginas, capa em papel couchê e a duas cores, grampos na lombada, editoração eletrônica, ofsete). Finalmente edições que fogem ao lugar-comum dos fanzines em princípio publicados por fãs de Star Trek. Sob a direção de redação de Silvío Alexandre Ferreira Neto, ganha nova personalidade e investe num conteúdo mais consistente e variado. Vale a pena, se você ainda não conhece. Produção profissional da "N2 Cultural e Editorial" publicada sob permissão da Frota Estelar Brasileira.

Star News é mais uma publicação da CFDCFEB. Sob responsabilidade de Amaury Antonio Monteiro Simoni, traz em duas páginas uma série de informações de ordem geral para os fãs de Star Trek, em estilo telegráfico e objetivo. Resta saber o que o Álvaro Ricardo de Souza Júnior (leia-se SAST) vai achar do uso do mesmo nome de seu fanzine.

Mas não é só : foi também lançado o Star Fleet, um boletim informativo assinado por Luiz Roberto M. Mundel e dedicado a explorar o universo das naves estelares, não apenas de Star Trek mas, também, as de outras séries e filmes do cinema e televisão, passando pelas V-2 alemãs e o Sputnik soviético e alcançando os mais recentes projetos espaciais norte-americanos, europeus e japoneses. Um projeto ambicioso e muito interessante se conseguir ter continuidade.

As publicações da Frota Estelar podem ser solicitadas através da Caixa Postal 14592, São Paulo SP, 03698-970.

* Boletim Informativo CLFC-RS (nºs 1 e 2, ofício duplo, duas páginas, xérox). Sob responsabilidade do Conselheiro Administrativo do nosso núcleo sulista, Ricardo de Castro Campos, este boletim traz notícias de interesse para os membros daquele grupo e, por que não, dos demais associados do CLFC. Rua Duque de Caxias 1531/91, Porto Alegre (RS), 90010-283 (tel/fax 051-225-5029).

* Observando o Mundo (nºs 1 e 2, ofício duplo, uma página, reprodução fotostática), é um típico exemplo de personalzine. Aborda de tudo um pouco,

sem esquecer de Rita Pavove, a musa maior do nosso Carqueija quem edita este que ele denomina de "boletim informativo e opinativo". Caixa Postal 29013, Rio de Janeiro (RJ), 20542-970.

* Notícias ... Do Fim Do Nada (nºs XVI/jan-abr-93 e XVII/mai-jul-93, 20 e 34 páginas, duplo ofício e A-4, respectivamente, ofsete). Quem já tinha a satisfação e privilégio de receber ou, pelo menos, conhecer este que era um personalzine do nosso "bom doutor" Ruby F. Medeiros, vê-se agora diante de um fanzine que já nasce maduro e com uma aceitação que -- discordando de seu editor -- não causa a menor surpresa, pois todos os seus números anteriores vinham repletos de material preciosíssimo para o fandom, fruto do trabalho dedicado, incansável e, acima de tudo, desprendido do nosso querido Ruby.

"Notícias ..." continua sendo valiosa fonte de dados sobre as publicações de FC no país, especialmente agora que traz o que se pode considerar de "encarte" com capítulos do "Acervo Bibliográfico em Língua Portuguesa de Ficção Científica" -- letras "A" e "B" publicadas nos números referenciados.

Adicionalmente, "Notícias ..." é agora o órgão oficial do CLFC-RS, o que definitivamente o inclui entre as publicações obrigatórias para o fandom. O "headframe" da publicação, de autoria de Roberto Schima, é um verdadeiro achado. Parabéns ao Ruby por mais esta merecida conquista. Rua Comendador Azevedo 506, Porto Alegre (RS), 90220-150.

* Vortex nº 6, dez/92, duplo ofício, 14 páginas, xérox. Fanzine dedicado ao cinema fantástico, editado por Renato Rosatti, trazendo material diverso assinado por Alysson F. Ferrari, Gerson Lodi-Ribeiro, Gilberto Schoerer, José Carlos Neves, Roberto Schima e o próprio editor. Oferece índice de matéria publicadas nos números zero a seis, inclusive, cobrindo os dois anos do fanzine.

A partir do número sete, muda de nome e passa a se chamar "Juvenatrix". Este primeiro número sob nova denominação traz material assinado por Carlos Orsi Martinho, Roberto de Sousa Causo, Jorge Luiz Calife, Alysson F. Ferrari, Cesar R. T. Silva, José Carlos Neves e Marcello Simão Branco. Pode ser encomendado à Rua Irmão Ivo Bernardo 40, São Paulo SP, 04773-070.

* Warp 9 (vol. 2, nº 1, mar-abr-93, A-4, 22 páginas, ofsete, grampos na lateral). Publicação da Divisão de Engenharia da Frota Estelar Brasileira, tem como editores Ivo L. Heinz e Paolo F. Pugno. Publicação impecável, é basicamente dedicada aos trekkers mas, sem margem de dúvida agrada a qualquer fã de FC. Material interessante e inteligente, aliquididade de texto e apresentação gráfica como poucas publicações de fandom consegue fazer. Sai do lugar-comum habitualmente chato e repetitivo das publicações trekkers. Vale a pena. Caixa Postal 14592, São Paulo SP, 03698-970.

* Papêra Uirandê (nºs 6 e 7, duplo ofício, 27 e 31 páginas, xérox). Fanzine dedicado a resenha de ficção científica e fantasia, editado por Roberto de Sousa Causo e trazendo material diverso assinado pelo autor nomes conhecidos do fandom como Henrique Flory, Jorge Luiz Calife, Marcello Simão Branco, Gerson Lodi-Ribeiro, Cesar R. T. Silva, Roberto Schima e outros. O número 6 é um especial sobre convenções, enquanto que o seguinte traz uma avaliação do desempenho da FC no país em 1992. Uma publicação que não pode faltar a qualquer fã mais engajado. Rua André Dreifus 109/B1.2/163, São Paulo SP, 01252-901.

* Megalon (nºs 24 [jan-fev-93], 25 [mar-abr-93] e 26 [mai-jun-93], 32, 33 e 34 páginas, duplo ofício, xérox). Três vezes ganhador do Prêmio Nova este fanzine editado por Marcello Simão Branco consegue, superando as habituais dificuldades, manter-se na liderança das publicações amadoras

brasileiras dedicadas ao gênero. Conteúdo variado e abrangente, reúne em suas páginas os nomes mais importantes do fandom nacional. Av. Clara Mantelli 110, São Paulo SP, 04771-180.

* Confederação Niets (nº 1, jun/93, duplo ofício, 10 páginas, xérox). Novo fanzine dedicado a ficção científica, horror e quadrinhos, traz neste número de abertura um conto de Roberto Causo, entrevistado com Pierluigi Piazzi, notícias e resenha. Merece ser incentivado, no mínimo pela coragem de seu editor, Wendell Stein, em enfrentar as agruras da editoração amadora já tão nossa conhecida -- é destes adoráveis loucos-idealistas que se nutre e sobrevive o fandom em todo planeta. Rua José Maria Barroca 5, Sumaré SP, 13170-330.

NAS PRATELEIRAS

* A editora Imago soltou mais um título da série Darkover : A Torre Proibida (The Forbidden Planet, Marion Zimmer Bradley).

* Da Editorial Caminho, coleção FC-Bolso, chegaram-nos : 149 O Limite de Rudzky, de Antonio de Macedo. Este trabalho concorreu ao Prêmio Caminho e foi recomendado para publicação. São cinco trabalhos, mais bem classificados como literatura fantástica do que FC mais clássica. Para conferir; 151 Heróis e Bandidos (Heroes and Villains, Angela Carter), um pós-apocalipse que foge ao lugar comum, em mais um trabalho com a marca inconfundível da autora; 153 O Demônio de Maxwell, outro título de Daniel Tércio, desta vez uma coletânea de dez contos escritos entre 1989 e 1992 - alguns deles publicados originalmente nas revistas Omnia e Vértice, que dividem o espaço com um artigo do autor, originalmente publicado com o mesmo título (A Ficção Científica e o Tempo Circular) na revista Vértice (24) em 1991, e um pequeno histórico do Prêmio Caminho; 155 O Atlântico Tem Duas Margens (Antologia da Novíssima Ficção Científica Portuguesa e Brasileira), reunindo treze contos de autores portugueses e brasileiros (Finisla Fideli, Gerson Lodi-Ribeiro, Ivanir Calado, José Carlos Neves, Jorge Luiz Calife e Roberto de Sousa Causo), trazendo ainda pequenos resumos biográficos dos autores num texto bem humorado e, por vezes, oportunamente mordaz.

* A Editora Moderna publicou a antologia Sete Faces da Ficção Espacial, com sete histórias por sete autores brasileiros : Fernando Portela, Julieta de Godoy Ladeira, Julio Emílio Braz, Martin Cezar Feijó, Ricardo Gouveia, Ricardo Soares e Rubens Teixeira Scavone. São trabalhos voltados para o público infanto-juvenil.

* Da Livros do Brasil, coleção Argonauta, recebemos os números 424 Imortalidade & Cia. (Immortality Inc., Robert Sheckley); 425 O Mundo Perdido no Fundo do Mar (The Maracot Deep [The Lost World Under the Sea], Arthur Conan Doyle); 426 Estrela Caída (Fallen Star, James Blish); 427/8 O Homem do Castelo Alto (The Man in the High Castle, Philip K. Dick); 429 A Chegada dos Terrenos (The Coming of the Terrans, Leigh Brackett); 430 O Mundo dos Anjos (Angel at Apogee, S. N. Lewitt).

* Da editora Europa-América, em suas várias coleções :

Coleção FC-Bolso : 190 O Homem Invisível (The Invisible Man, H. G. Wells), 191 A Máquina do Tempo (The Time Machine, H. G. Wells), 192/3 Reunião (Reunion, John Gibbin e Marcus Chown -- continuação de O Planeta Duplo, publicado na mesma coleção sob número 168); 194 Paragem em Anolento (Stopping at Slowyear, Frederik Pohl); 197 2001 Odisséia no Espaço (2001 A Space Odyssey, Arthur C. Clarke). Os volumes 195/6 não vieram.

Coleção Battletech : 2/3 A Estrela do Mercenário (Mercenary's Star, William H. Keith Jr.). Esta série tem muitos admiradores, pois resgata as velhas space operas ainda muito gostosas de se ler). Para conferir, já

e a coleção ainda está no início.

coleção Nébula : 45 Rendez-Vous com Rama (Rendez-Vous With Rama, Arthur C. Clarke), até hoje a mais premiada obra de FC, e 46 Visões de Robot (Robot Sions, Isaac Asimov), que reúne dezoito contos e dezesseis ensaios sobre tema, além de uma introdução assinada pelo mestre.

Da GRD, Tríplice Universo é o décimo-quarto volume da nova série; trata-se de uma antologia reunindo três trabalhos dos vencedores do Prêmio Prônomo Monteiro promovido pela Editora Record e pelo agora extinto Isaac Asimov Magazine -- Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto Causo. Vale lembrar que nem todos os volumes de numeração anterior foram publicados.

Da editora Aleph, em sua coleção dedicada a Star Trek, temos : 9 Os Guardiões da Paz (The Peacekeepers, Gene Dewese) e 10 Tempo Assassino (Killing Time, Della Van Hise) -- a idéia inicial de se dedicar os números ímpares à série clássica e os pares à nova geração, não está sendo seguida. Fora da série, foi publicada a versão em português do conhecido r. Scott's Guide to Enterprise, de Shane Johnson. Já a coleção Zenith, aproveitando a dinomania corrente, publicou 6 Dinossauros ! (Dinosaurs !), na antologia editada por Jack Dann e Gardner Dozois que reúne quatorze trabalhos sobre o tema.

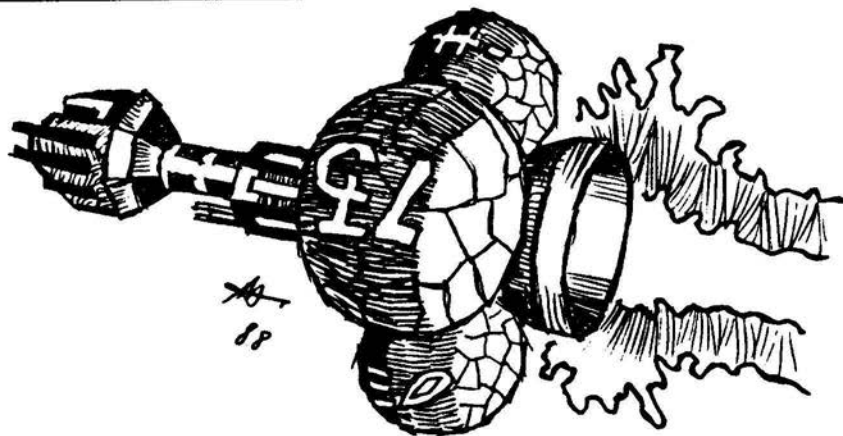
A editora Francisco Alves, na coleção Novos Mundos da Ficção Científica, nos trouxe 10 Noite Sem Fim (The Long Night). Trata-se de uma coletânea com seis trabalhos de Poul Anderson, originalmente publicados entre 1952 e 1979.

A editora gaúcha Artes e Ofícios publicou Contos de Dinossauros (Dinosaur Tales), reunindo cinco contos sobre o tema, todos de autoria de Ray Bradbury. Os trabalhos são antecedidos por um prefácio de Ray Harryhausen e uma introdução do autor. A edição é lindamente ilustrada por William Stout, Overton Lloyd, James Steranko, Gahan Wilson e Moebius. Surpreendentemente, a editora não fez constar o título original da obra.

A Record publicou o número seis da decalogia Missão Terra (Mission Earth), de L. Ron Hubbard : As Ondas do Medo (Fortune of Fear). Vale ainda anotar uma história de realidade alternativa, tão cara ao gênero, e a qual a Alemanha nazista venceu a Segunda Guerra Mundial : trata-se de Pátria Amada (Fatherland), romance de Robert Harris.

Finalmente, da Fonseca Livraria e Editora, vale a pena conhecer O Amarelo Morto, da brasileira Patrícia Larsen -- uma revelação.

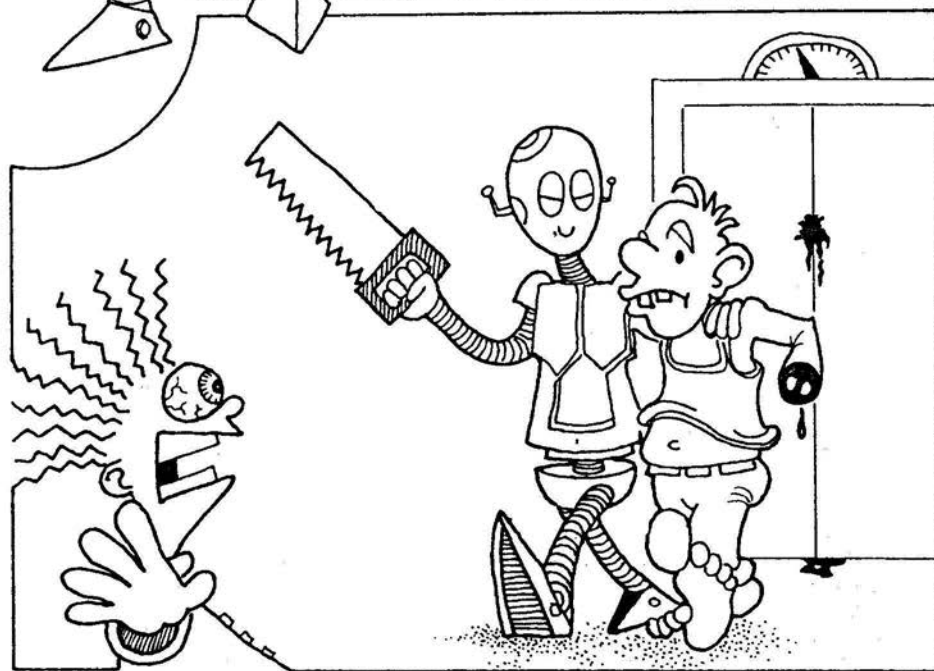
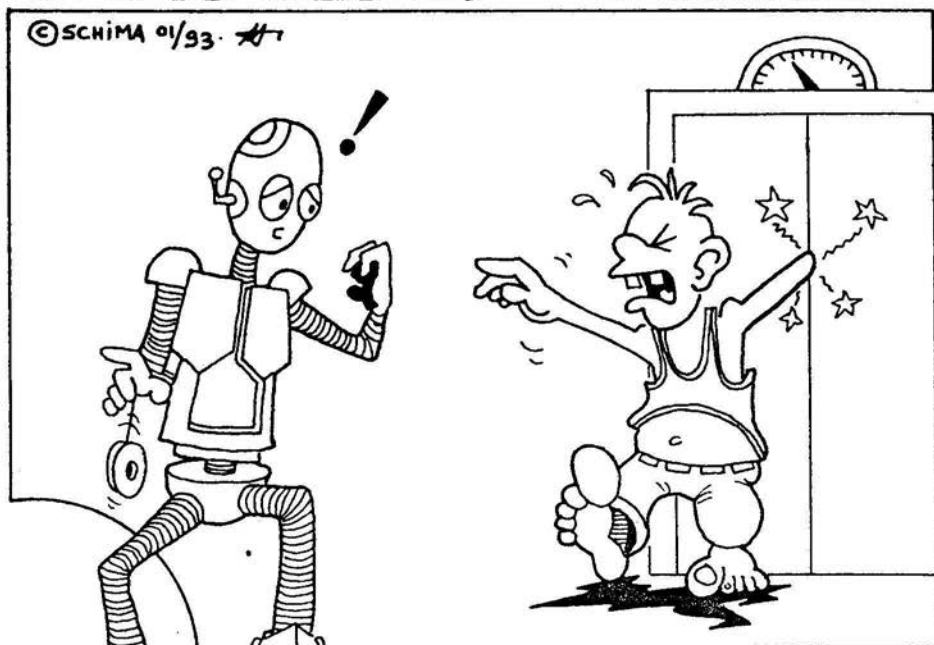
o próximo número colocaremos em dia o noticiário internacional



ROBOZHI!

MUI AMIGO

©SCHIMA 01/93. #1



BIG & BANG: EM CASA



POXA, BIG, AQUI
A GENTE SE SENTE
EM CASA, NÉ?

É SIM,
BANG





OS FÃS DE STAR TREK NO BRASIL

Marcello Simão Branco

Curiosamente, o primeiro grupo de fãs em torno de Jornada nas Estrelas (Star Trek) que se conhece foi formado quando a série não estava sendo exibida na televisão. Era o início dos anos 80, pouco depois da exibição do primeiro filme da série no cinema, Jornada nas Estrelas - O Filme (Star Trek - The Motion Picture).

O grupo era composto, em sua maioria, por fãs que conheciam a série e desde os tempos da primeira exibição no Brasil, em fins dos anos 60 na extinta TV Excelsior. Não era propriamente um fã-clube (no sentido que se dá a essa palavra hoje em dia), mas eles se denominavam como "Star Trek Fan Club do Brasil". Vestiam camisetas que lembravam a série e publicaram um único número de um fanzine chamado Trek News -- editado por Leonardo Bussadori (atual co-editor do fanzine ... E No Próximo Episódio ...). Suas atividades consistiam em reuniões semanais no fast-food "Well's" da Rua Augusta (centro de São Paulo) e numa loja de fotos e posters de cinema em uma galeria da mesma rua. Trocavam material, como livros, discos, revistas e informações sobre Jornada e cinema. Religiosamente todo sábado à tarde.

Alguns dos integrantes são figuras importantes ainda hoje no fandom de Jornada no Brasil, como Sérgio Figueiredo e Wilson Maffetano. Também faziam parte daqueles primeiros tempos o Paulo "Spock", Pupo, "Suat", Chen e outros.

Uma passagem interessante daquele período coube ao Figueiredo. Ele respondeu por algumas semanas sobre a série no quadro "O Céu é o Limite" do programa de televisão J. Silvestre.

SAST

Em março de 1983, contudo, surgiu aquele que é identificado como o primeiro e mais duradouro fã-clube de Jornada nas Estrelas no Brasil, a "Sociedade Astronômica Star Trek" - SAST. Inicialmente era um clube voltado à divulgação e prática da astronomia amadora e construção de foguetes experimentais. Mas dois de seus integrantes resolveram acrescentar Jornada às atividades da associação. Eram eles, Álvaro Ricardo de Souza Júnior e Eduardo Brandau Quitete, estudantes de 2º Grau do Colégio "XII de Outubro", em São Paulo.

Ao contrário da informalidade e descontração do primeiro grupo, a SAST tinha seu estatuto (que, apesar disso, nunca funcionou), cadastro dos associados e publicação do fanzine Star News, o mais regular e antigo sobre a série no Brasil -- e também um dos primeiros do fandom brasileiro de ficção científica ao lado do Boletim Antares, do "Clube de Ficção Científica Antares", de Porto Alegre.

O Star News foi publicado de 1983 a 1989, com 42 edições, noventa por cento delas tendo como editor o presidente do clube, o Álvaro. Continha notícias sobre as atividades do clube, informações sobre a série e sobre Astronomia e Astronáutica, além de artigos e ensaios científicos e, vez por outra, contos de ficção científica.

A SAST mantinha reuniões semanais no sábado à tarde no mesmo "Well's" da Rua Augusta. Isso não é simples coincidência. Os dois grupos de fãs se conheceram quando o Eduardo viu na fila de um cinema, membros do Star Trek Club do Brasil vestidos com camisetas relativas à série. Um papo leva a outro, e os dois grupos acabaram se conhecendo e integrando. A SAST, por sua maior organização, agregou os componentes do antigo grupo de fãs, que abandonaram aquela denominação.

A SAST contava com um quadro associativo invejável em número e desanimador em atividade. A maioria de seus sócios entraram para o clube motivados pela reprise da série na TV Bandeirantes, entre 1982 e 1985, e pelos sucessos dos longa-metragens no cinema.

Apesar de muita gente interessante compor a entidade, muito poucos ajudavam efetivamente. Isso acabou por levar à direção apenas uma pessoa -- no caso, o Álvaro. Ele ficou cada vez mais identificado pessoalmente com a instituição, levando-a de acordo com suas preferências e motivações. Em um certo momento isso acabou por trazer sérios problemas à SAST. Em fins de 1988 alguns sócios mais ativos reivindicavam mais espaço para atuar e se fazer ouvir no clube. Eram fãs que haviam entrado para a organização há alguns anos, sem vínculo com a fundação. Propunham alterações radicais na estrutura da SAST : redação de um novo (e efetivo) estatuto, eleição direta para presidente, reformulação do Star News e registro da entidade como uma instituição legal reconhecida.

Foi democracia demais para quem se costumara a conduzir o fã-clube sozinho por tantos anos -- e isso devido à falta de esforço do presidente em motivar os sócios a lhe ajudar e, principalmente, devido à omissão e desinteresse da maior parte do quadro social com relação aos assuntos de um fã-clube que deveria ser de todos.

O presidente Álvaro, apoiado por membros fundadores do clube, como o Eduardo (que, contudo, era um pouco mais flexível a mudanças) e seu influente vice-presidente Heitor Carbone Júnior, não concordou com a reformulação proposta e, infelizmente (também motivados a essa altura por razões de ordem pessoal), ocorreu um racha na entidade. Essa divisão transmite seus efeitos até hoje na composição dos grupos de fãs de Jornada pelo Brasil.

NOVO CLUBE

Sem espaço político para fazer valer suas propostas, os membros oposicionistas resolveram fundar outro clube. Assim, nasceu em maio de 1989 o "Trekker's Club". Eis os fundadores : Solange Castanheira, Ivo Luis Heinz, R. C. Nascimento, Dino Jorge Braga, Patrícia F. T. Mello, Gustavo Vargas e Marcello Simão Branco. Ambicionava por em prática todas as reivindicações propostas à SAST e, mais que isso, ser a "voz oficial" da série no Brasil.

O novo clube publicou dez números do fanzine Trekker's Log. Irregular e de conteúdo precário, foi o sinal mais claro do insucesso e fiasco em que se transformou a associação um ano depois de sua fundação.

O fato é que o Trekker's não deu certo. A diretoria foi mal escolhida - pessoas inexperientes e que se desentendiam facilmente (Solange, Presidente; Dino, Secretário Executivo, e Ivo, Tesoureiro), e os sócios fundadores não tiveram a devida compreensão e paciência necessária para com uma entidade nova e em formação. Outro fato é quanto à linha de atuação com que se concebeu o fã-clube. Ele foi muito influenciado pelo Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC, quanto à forma de se idealizar e administrar um clube de fãs. Mas o mal não é esse, mas o fato do Trekker's acabar por se parecer muito mais um clube literário do que o de um seriado de televisão. Esqueceu-se que Jornada é entretenimento e não erudição. Que a linha de um fã-clube de um produto de um meio popular como TV está muito longe de uma associação que se constitui para consagrar a arte e a erudição.

E a SAST como ficou ? Esvaziada e esquecida a seus fundadores. Até hoje é a esse plano que ela está relegada, embora continue existindo nas atividades do eterno presidente Álvaro. Os fundadores do Trekker's Club tomaram caminhos diferentes : uns se integraram a novos grupos de fãs da série; outros mantiveram-se ativos no fandom, mas independentes, e houve os que (levando a coisa para o lado pessoal) se afastaram do convívio da comunidade.

FROTA ESTELAR BRASILEIRA

Mas no rastro da implosão da SAST e do fiasco do Trekker's se edificou aquele que é o maior clube sobre a série até agora em número de sócios, atividades, eventos e popularidade. Por volta de junho de 1989 é fundada a "Frota Estelar Brasileira" - FEB. Formada inicialmente por professores

universitários e de cursinhos, apareceu com muita propaganda e auto-promoção, sendo a marca registrada os integrantes vestidos com os uniformes dos personagens da série clássica. Tinham como bandeira "levar o conhecimento científico através de ficção científica".

Críticas e polêmicas à parte, a FEB realiza atividades que o fã médio de Jornada (que não lê livros de ficção científica, mas assiste a muita TV) espera: entretenimento. Arregimentam centenas de jovens fãs, reunindo-os em pomposas reuniões mensais intituladas "Convenções Estelares". Exibem-se episódios das séries clássica e nova-geração, palestras com temas e linguagem bem popular, sorteio de produtos relativos à série. Impulsionada pela exibição das duas séries na TV Manchete em 1991-92, com o apoio dos representantes da marca Star Trek no Brasil e com forte entrada na mídia -- através da divulgação de suas atividades e alvo de reportagens depreciativas (coisa que não os incomoda nem um pouco, pois o importante é se fazer conhecer) -- vem se constituindo num fã-clube ativo e bem-sucedido.

Dá suporte às atividades e propostas da FEB o fanzine "Diário de Bordo" -- muito luxo, pouco conteúdo -- e informativos rápidos e regulares, que notificam e integram o sócio à entidade: TrekkerGramma, TrekkerCultura e TrekkerBiografia. Existe também um grupo dentro da FEB que se reúne apenas para discutir a tecnologia relacionada à série, que publica até um fanzine, "Warp 9", editado pelo Ivo e pelo Paolo F. Pugno, outro trekker dos primeiros tempos.

Mas, como a SAST, a FEB também é sustentada e conduzida precariamente. Ou seja, tem um líder que responde totalmente pela instituição, no caso o Luiz Ambrósio Navarro. A diferença é que ele conta com uma equipe que o ajuda ativamente. Resta saber se sempre as idéias do Luiz prevalecerão frente ao seu corpo social.

OUTROS GRUPOS

Ao largo da FEB, existem outros fã-clubes e fanzines organizados pelo Brasil. O mais importante deles se agrega ao fanzine "Jornada nas Estrelas - Terminal de Comunicações" - JetCom, publicado desde 1991. Situa-se no Rio de Janeiro e é o braço perdido da antiga SAST (e depois do Trekker's Club). É liderado pela mais ativa fã da série no Rio e uma das principais do Brasil, a Cristina Nastasi. Fã e colaboradora desde os primeiros anos, é respeitada por todas as tribos de Jornada de ontem e de hoje.

Em Belo Horizonte, existe (embora poucos saibam disso) desde 1986, o "Clube Estelar Star Trek". Regionalistas, nunca se deram por conhecer ao restante do fandom. Publicaram alguns números do fanzine "Diário de Bordo" -- mesmo nome do fanzine da FEB.

As duas manifestações independentes mais recentes vêm através de Porto Alegre e do fã-clube "Kobayashi Maru" -- que vem publicando um fanzine -- e do fanzine paulistano "Trekker Report", por fãs novos e que se intitulam "independentes" de qualquer outro grupo de fãs. Eles vêm publicando seu fanzine desde o segundo semestre de 1992.

Tem-se, assim, um panorama breve e genérico sobre a trajetória dos fãs do mais popular seriado de ficção científica da história da televisão mundial no Brasil. Os conceitos expressos neste artigo são os do autor e seria interessante que outros fãs trouxessem críticas e mais informações a respeito da história do fandom brasileiro de Jornada nas Estrelas.

(Janeiro de 1993)



FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA
Roberto de Sousa Causo

A literatura fantástica ainda não se fixou como uma presença de peso no Brasil -- o que levou o editor norteamericano Thomas Colchie a anunciar na introdução da antologia de contos latinoamericanos A Hammock Beneath the Mangoes, a aparente falta de vocação dos brasileiros para o fantástico, quando comparados aos seus vizinhos de continente.

Mas o fantástico, sob suas várias formas, já existia no Brasil mesmo antes da década de 1930, quando o fim da primeira etapa de industrialização do país propiciou o surgimento das primeiras obras por autores conscientes do que, entre outras coisas, estavam fazendo ficção científica. Normalmente, esta proto-FC (obras com elementos do gênero, mas escritas antes da Revolução Industrial) constituía-se de exercícios de utopia ou antiutopia, com dispositivos que permitiam aos autores lançarem olhares críticos ou satíricos sobre a própria sociedade em que viviam -- o que justifica seu surgimento tardio em um país que também descobriu tardiamente o nacionalismo e a autodeterminação.

Para Braulio Tavares, coordenador do primeiro catálogo de literatura fantástica nacional, "na última metade do século XIX houve uma larga produção de contos e novelas nas quais prevalecia uma atmosfera sinistra alucinatória, apresentando a influência de autores como E.T.A. Hoffman, Edgar Allan Poe e Guy de Maupassant. As primeiras décadas de nosso século viram a emergência de utopias futuristas na maneira de H.G. Wells, que junto com Jules Verne, era muito popular (...) no Brasil. Nos anos trinta, muitos autores começaram a explorar temas da ficção científica (...) e aventuras fantásticas reminiscentes de H. Rider Haggard ou Edgar Rice Burroughs, envolvendo reinos perdidos, cidades ocultas na selva, civilizações descendentes dos incas ou atlantes, e afins".

Este breve roteiro resume a evolução -- frequentemente de trajeto fortuito e desconexo -- do fantástico nos instantes anteriores ao surgimento da ficção científica como gênero literário. Nos países desenvolvidos, esse surgimento se deu nas décadas de 1920-30 (nos Estados Unidos, em especial quando Hugo Gernsback começou a reunir autores pedindo-lhes que escrevessem histórias seguindo os passos de Wells e Verne, e os publicou na revista Amazing Stories a partir de 1926), mas no Brasil, apesar da atuação de pioneiros como Jerônimo Monteiro, Epaminondas Martins e Beril Neves, é comumente aceito que apenas com o surto de desenvolvimento econômico do pós-guerra, com as administrações de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek trazendo ao país as indústrias eletrônica e automobilística, que a ficção científica pôde se fixar como presença real nas letras nacionais.

A partir de 1960 o editor baiano Gumercindo Rocha Dorea tornou-se responsável pela publicação no país de autores de inegável importância como James Blish, Ray Bradbury, Robert A. Heinlein, Fred Hoyle, C.S. Lewis, Walter M. Miller Jr., Clifford D. Simak e John Wyndham, antes apenas disponíveis através de coleções portuguesas como Europa-América e principalmente, Argonauta.

Preocupado com a descoberta de novos nomes para a literatura brasileira (entre outros, é responsável pelo lançamento dos primeiros trabalhos de Ruben Fonseca e Nelida Piñon), Dorea, ele próprio um ardoroso fã de FC, procurou desde o início abrir espaço a autores nacionais em sua coleção Ficção Científica GRD, começando logo em 1960 com Eles Herdarão a Terra de Dinah S. de Queiroz. A coleção trazia obras traduzidas em seus números ímpares, e nacionais nos pares, sendo que as ações do editor foram no sentido de interessar nomes já conhecidos a se aventurarem no âmbito do gênero. A publicação de Dinah Queiroz exemplificou a iniciativa, mas outros autores importantes produziram FC sob os auspícios de Dorea, entre os quais Raquel de Queiroz (hoje integrante da Academia Brasileira de Letras), Fausto Cunha (já então um respeitado crítico literário), Antônio Olinto, Clóvis Garcia e Leon Eliachar.

Também se agregaram a Dorea pioneiros que haviam publicado obras do gênero anos ou décadas atrás. Jerônimo Monteiro, por exemplo, radiofonava novelas de FC já nos anos trinta, e escrevia contos publicados em jornais e revistas. Seu romance Três Meses no Século 81 data de 1947, e Monteiro foi ainda o organizador da antologia O Conto Fantástico, de 1959. Com Dorea publicou Fuga para Parte Alguma em 1961, além de participar da Antologia Brasileira de Ficção Científica no mesmo ano. Monteiro foi ainda uma peça importante do primeiro esboço, surgido na época, de uma comunidade de autores e fãs de FC. Ele permitiu reuniões em sua casa e se tornou uma espécie de aglutinador daquele grupo que chega hoje até nós como o Primeiro Fandom.

Outro pioneiro muito ativo nos anos sessenta, inclusive sob o abrigo da sigla GRD, foi Rubens Teixeira Scavone, que publicou seu primeiro romance, O Homem que viu o Disco Voador, em 1957. Dele saíram em 1961 o romance Degrau para as Estrelas (Martins), a coletânea Diálogo dos Mundos (GRD) e uma segunda edição do primeiro romance. Degrau para as Estrelas, em especial, é visto pelo pesquisador Leo Godoy Otero como sendo seu melhor trabalho no gênero.

Contudo, Gumercindo Rocha Dorea também descobriu novos autores para a ficção científica. O mais importante deles foi André Carneiro, que esteve presente nas duas antologias organizadas por Dorea, a Antologia Brasileira de Ficção Científica e o volume Histórias do Acontecerá, ambas de 1961. Já sua coletânea Diário da Nave Perdida apareceu pela Edart em 1963. Também pela Edart sua segunda coletânea, O Homem que Adivinhava, em 1966. Por fim, Carneiro também esteve na antologia Além do Tempo e do Espaço, publicado pela Edart em 1965, totalizando uma década de intensa atividade, para os padrões brasileiros.

A Geração GRD -- o grupo de autores abrigados por esta sigla -- era desigual em qualidade e variado em tendências, mas com alguns pontos em comum: sua aproximação dos temas e dispositivos da ficção científica era ingênua e centrada em motivos típicos desenvolvidos com superficialidade -- viagens espaciais, robôs humanizados, mutações genéticas, experiências de "cientista louco" e OVNIS aparecem; as narrativas eram geralmente circunspetadas, onde os efeitos literários não diferiam muito daqueles do mainstream, e o conceito de "sensação de se maravilhar" foi poucas vezes enfocado com sucesso; a influência discernível, em alguns autores, de Ray Bradbury, cujo lirismo se aproxima bastante da natureza romântica e mística do brasileiro. A leitura da produção desses autores revela certa nostalgia do futuro (própria também da literatura de Bradbury), e um saudosismo por um idílio distante, característico talvez da geração do pós-guerra, que suportava, mesmo com uma ótica periférica, a carga de megatons que a guerra fria e sua ameaça nuclear dividiam com todos os habitantes do planeta. A soma de todos esses componentes pinta um quadro de obras que muitas vezes partilhavam de ambientações, estilos e temática muito semelhantes.

Alguns poucos nomes da Geração GRD chegaram ao leitor moderno, por se elevarem acima dos demais em qualidade e pela constância dentro do gênero. Scavone, cujas qualidades de linguagem e estilo levaram a bom termo muitos dos aspectos que teriam prejudicado muitos de seus contemporâneos. Fausto Cunha, por características semelhantes e por sua versatilidade. E, principalmente, André Carneiro, por preocupações mais sofisticadas girando em torno de investigações da natureza da realidade, com grande propriedade psicológica e um senso dramático único. Sua noveleta "Escuridão" é um dos poucos clássicos que nos chegam daquele período.

As atuações de Gumercindo Rocha Dorea e da Edart (que publicava FC por iniciativa de Álvaro Malheiros, presente em várias antologias da época) não foram continuadas na década seguinte, e, curiosamente, o fim dos anos sessenta trouxe o maior evento que a ficção científica jamais teve no Brasil -- o Simpósio de FC organizado por José Sanz (um destacado tradutor, falecido em 1987) em 1969 no Rio de Janeiro, com a presença de nomes como J.G. Ballard, Alfred Bester, Arthur C. Clarke, Brian Aldiss, Robert A. Heinlein, Frederik Pohl, Harlan Ellison, Damon Knight, Forrest Ackerman, Sam Moskowitz, e outros grandes nomes da FC internacional. En-

tre outras coisas, o simpósio apresentou ao país as revoluções conceituais da new wave, para confrontar-se com nossa ficção científica ingênua e antiquada, e nos revelou o que marcaria a FC brasileira vinte anos depois -- a onipresente influência dos autores anglo-saxônicos.

Nos anos setenta, a Geração GRD e aqueles que orbitaram em torno dela na década anterior ainda apresentaram ecos de grande importância. Jerônimo Monteiro tornou-se editor do Magazine de Ficção Científica, periódico iniciado em 1970 contendo histórias originalmente publicadas em The Magazine of Fantasy & Science Fiction (editada nos EUA por Edward L. Ferman), e um conto nacional por número. Muitos nomes da Geração GRD apareceram ao lado de alguns novatos. Incluíam-se o próprio Monteiro, Scavone, Walter Martins, Clóvis Garcia, etc. A revista chegou ao seu vigésimo número em novembro de 1971, quando cessou suas atividades por falta de resposta comercial.

Galáxia 2000, outra revista especializada no gênero, também chegou a publicar material nacional, incluindo contos de Fausto Cunha e Raquel de Quiroz. Como aconteceu com sua contemporânea dirigida por Monteiro, boa parte constituída de contos já vistos na década passada.

Em 1972 a revista Planeta, na época editada por Ignácio de Loyola Brandão, surgiu publicando um conto fantástico ou de ficção científica em cada número, dividindo espaço com matérias sobre paranormalidade, ufologia e mistérios não resolvidos pela ciência. Por sua vez, autores brasileiros como José Agripino de Paula, Murilo Rubião, Caio Fernando de Abreu, Rubens Teixeira Scavone (sob o anagrama de Senbur T. Enovacs) e o próprio Loyola Brandão, dividiam as páginas com Heinlein, Asimov, Bradbury, Ramsey Campbell, Philip José Farmer, Robert Sheckley, Robert E. Howard, Ambrose Bierce, H.P. Lovecraft, Frederic Brown, Jorge Luiz Borges e Júlio Cortázar, entre outros.

De qualquer modo, as revistas não foram capazes de manter a continuidade da Geração GRD, e a década de 1970 foi ponte balouçante entre aquele grupo de autores e os leitores atuais. Fausto Cunha, cuja coletânea As Noites Marcianas é considerada por muitos como um clássico brasileiro, publicou o romance O Beijo Antes do Sonho em 1974, e a coletânea O Dia da Nuvem em 1980. Tornou-se diretor da prestigiosa coleção Mundos da Ficção Científica, da Ed. Francisco Alves, publicando nomes importantes como Bradbury, Clarke, Heinlein, de Camp, Farmer, Jack Vance, Jack Williamson, Michael Moorcock e Colin Wilson. Cunha tem um conto na excelente Antologia Cósmica, organizada por ele em 1981.

Scavone continuou sua carreira basicamente com republicações. Seu melhor trabalho na década foi, talvez sintomático de perda momentânea de interesse pelo gênero, um romance mainstream, Clube de Campo, vencedor do importante Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro em 1973.

Já André Carneiro dirigiu sua carreira principalmente para revistas e antologias estrangeiras, tornando-se um dos poucos autores brasileiros do gênero a ser reconhecido no exterior. Sua novela Piscina Livre, também publicada na Suécia, apareceu aqui pela Ed. Moderna em 1960, tratando-se de uma antiutopia com o enfoque do sexo no futuro, dotada de amplas influências de autores como Aldous Huxley e George Orwell. A novela é uma extensão de um universo ficcional iniciado com "Diário da Nave Perdida" e "Um Casamento Perfeito", histórias que apareceram nos anos sessenta.

Dinah Silveira de Queiroz publicou a coletânea Comba Malina em 1971 e Zora Seljan, talentosa autora que esteve na Antologia Brasileira em 1961, também publicou sua coleção de histórias, Contos do Amanhã (1978).

Todavia, desconsiderando esses autores, a ficção científica praticada nos anos setenta foi esporádica e insípida, pouco influenciada pelos exercícios da década anterior. Outros trabalhos surgidos revelam influências múltiplas da FC estrangeira -- que ganhava cada vez mais espaço naqueles anos -- especialmente aquelas mais tecnicistas ou com maiores tendências à antecipação social. Muitas obras de preocupações didáticas, refletindo os assuntos da época: superpopulação, catástrofes ambientais e guerra nuclear. Com frequência o exercício futurológico, sem intenções literárias, é a tônica, quer seja versado sobre tecnologia ou evolução social.

Outra tendência era a de uma ficção de cunho alegórico, voltada para a crítica do regime militar e enveredando acidentalmente na seara da ficção científica.

Apesar disso, o mesmo tempo, seguidores de filosofias místicas descobriram que era possível defendê-las no apreço das usando contextos típicos do gênero: o fim do mundo, comunicações telepáticas, viagens a sociedades utópicas. A ficção mística ainda é forte no Brasil, às vezes sem a gentileza de sequer definir-se como o tipo de ficção. Os trabalhos de Paulo Coelho, o autor mais vendido do país, são narrados como fatos reais, embora entrem nas listas dos livros de ficção mais vendidos, e é bem possível que não passem de fantasias contemporâneas distorcidas como o esterótipo. As influências desse tipo de literatura vêm aos poucos se sentindo nos autores da ficção científica nacional, com alguma presença de doutrinas espiritualistas em seus trabalhos. Se se trata de uma contaminação pernicioso ou de tendências legítimas que ainda não encontraram seus melhores momentos, torna-se difícil determinar.

Uma saudável exceção a esse estado de coisas foi o trabalho do gaúcho Gerald C. Izaguirre. Seus trabalhos Espaço Sem Tempo (1977), Fenda no Tempo (1980) e Vamos Guri, Conta Essa (1984), todos pela Nova Época Editorial, mostram um autor com domínio narrativo e histórias interessantes onde o aspecto hard da ficção científica chagava a sobressair em um texto cujo estilo, infelizmente, era ainda um tanto amador. Izaguirre chegou a ser Diretor Conselheiro da World Science Fiction, entidade sediada em Dublin, Irlanda, e participou de pelo menos um encontro internacional de escritores de ficção naquela cidade. Lamenta-se que sua carreira tenha se limitado aos três romances citados, e que sua influência não tenha chegado à atualidade.

Como usualmente acontece com a ficção científica em outras partes do mundo, histórias de um estilo mais antigo continuam coexistindo lado a lado com correntes mais modernas. A utopia, a aventura fantástica na selva e a antiutopia totalitária continuam por aí, tanto quanto o altera didático e a narrativa parietária esotérica. Porém de maneira incidental, cabótica, quase sempre páida e incapaz de acrescentar alternativas interessantes para a ficção brasileira.

O fechamento da geração GRD tornou os jovens autores órfãos de uma possível influência continuada. Apesar da importância da maioria de seus participantes, eles começaram juntos e, como atestam os fatos de vários deles, poderiam ter alcançado uma posição que fosse ponto de referência para os novos. O que se lamenta em toda a história da ficção científica brasileira é justamente a ausência de uma evolução formal e temática que nos possibilitasse ter uma ficção madura, em pé de igualdade com a internacional, capaz de contribuir para com a literatura brasileira como um todo. Na falta desse quadro, os novos escritores adotaram como pais os autores da ficção estrangeira.

Diferentemente da geração GRD, eles não eram autores que apenas eventualmente se dedicaram ao gênero, a convite ou por força das circunstâncias. Partiram da posição de fãs de ficção, exercitando-se primeiramente em reuniões, reunindo-se em associações e comunicando-se através de ampla correspondência. A nova geração da ficção científica nacional nasceu com o surgimento do segundo fandom brasileiro.

Em fevereiro de 1983 foi fundado, como ramificação de um clube de astronomia amadora chamado GPFCC, o Clube de Ficção Científica Antares, de Porto Alegre (RS). O CFCA instituiu logo no mesmo ano o Prêmio Fausto Cunha, concurso de contos inéditos que homenageava o conhecido autor, e passou a publicar o Boletim Antares, também trazendo ficção. Outra entidade vinculada à astronomia amadora foi a Sociedade Astronômica Star Trek, também um fa-cube de Jornadas nas Estrelas, que já em 1982 publicava um boletim astronômico, o Star News, com 20% de seu material relacionado àquele série de TV ou ficção científica em geral.

Em outubro de 1983 apareceu o fanzine Hiperspaco, editado por Cesar R. T. Silva, José Carlos Neves e Mário Dimov Mastrotti, tornando-se bastante popular entre a pequena comunidade de ficção da época. Sua influência se fez sentir em outros títulos, como Millennium, do Grupo Gênesis de Porto

Outra tendência era a de uma ficção de cunho alegórico, voltado para a sátira/crítica do regime militar e enveredando acidentalmente na seara da ficção científica.

Ao mesmo tempo, seguidores de filosofias místicas descobriram que era possível defendê-las ou apregoá-las usando contextos típicos do gênero : fim do mundo, comunicações telepáticas, viagens a sociedades utópicas. A ficção mística ainda é forte no Brasil, às vezes sem a gentileza de sequer definir-se como ficção. Os trabalhos de Paulo Coelho, o autor mais vendido do país, são narrados como fatos reais, embora entrem nas listas dos livros de ficção mais vendidos, e é bem possível que não passem de fantasias contemporâneas disfarçadas como esoterismo. As influências desse tipo de literatura vêm aos poucos se sentindo nos autores da ficção científica nacional, com alguma presença de doutrinas espiritualistas em seus trabalhos. Se se trata de uma contaminação perniciososa ou de tendências legítimas que ainda não encontraram seus melhores momentos, torna-se difícil determinar.

Uma saudável exceção a esse estado de coisas foi o trabalho do gaúcho Gerald C. Izaguirre. Seus trabalhos Espaço Sem Tempo (1977), Fenda no Tempo (1980) e Vamos Guri, Conta Essa (1984), todos pela Nova Época Editorial, mostram um autor com domínio narrativo e histórias interessantes onde o aspecto hard da ficção científica chagava a sobressair em um texto cujo estilo, infelizmente, era ainda um tanto amador. Izaguirre chegou a ser Diretor Conselheiro da World Science Fiction, entidade sediada em Dublin, Irlanda, e participou de pelo menos um encontro internacional de escritores de FC naquela cidade. Lamenta-se que sua carreira tenha se limitado aos três romances citados, e que sua influência não tenha chegado à atualidade.

Como usualmente acontece com a ficção científica em outras partes do mundo, histórias de um estilo mais antigo continuam coexistindo lado a lado com correntes mais modernas. A utopia, o OVNI, a aventura fantástica na selva e a antiutopia totalitária continuam por aí, tanto quanto o alerta didático e a narrativa panfletária esotérica. Porém de maneira incidental, caótica, quase sempre pálide e incapaz de acrescentar alternativas interessantes para a FC brasileira.

O fenecimento da Geração GRD tornou os jovens autores órfãos de uma possível influência continuada. Apesar da ingenuidade da maioria de seus participantes, eles começaram juntos e, como atestam os feitos de vários deles, poderiam ter alcançado uma posição que fosse ponto de referência para os novos. O que se lamenta em toda a história da ficção científica brasileira é justamente a ausência de uma evolução formal e temática que nos possibilitasse ter uma FC madura, em pé de igualdade com a internacional, capaz de contribuir para com a literatura brasileira como um todo. Na falta desse quadro, os novos escritores adotaram como pais os autores da FC estrangeira.

Diferentemente da Geração GRD, eles não eram autores que apenas eventualmente se dedicaram ao gênero, a convite ou por força das circunstâncias. Partiram da posição de fãs de FC, exercitando-se primeiramente em fanzines, reunindo-se em associações e comunicando-se através de ampla correspondência. A nova geração da ficção científica nacional nasceu com o surgimento do segundo fandom brasileiro.

Em fevereiro de 1983 foi fundado, como ramificação de um clube de astronomia amadora chamado GEPEC, o Clube de Ficção Científica Antares, de Porto Alegre (RS). O CFCA instituiu logo no mesmo ano o Prêmio Fausto Cunha, concurso de contos inéditos que homenageava o conhecido autor, e passou a publicar o Boletim Antares, também trazendo ficção. Outra entidade vinculada à astronomia amadora foi a Sociedade Astronômica Star Trek, também um fã-clube de Jornada nas Estrelas, que já em 1982 publicava um boletim astronômico, o Star News, com 20% de seu material relacionado àquela série de TV ou ficção científica em geral.

Em outubro de 1983 apareceu o fanzine Hiperespaço, editado por Cesar R. T. Silva, José Carlos Neves e Mario Dimov Mastrotti, tornando-se bastante popular entre a pequena comunidade de FC da época. Sua influência se fez sentir em outros títulos, como Millennium, do Grupo Gênese de Porto

Alegre; Space Jornal, de Sergioval Bruno e Sandro Victor de Lima e Luciano A. Marques, baseados em Recife (PE); Magazine de Ficção, de Aristóteles Baiense, do Rio de Janeiro (RJ). O próprio Boletim Antares e alguns fanzines atuais como Megalon e Juvenatrix refletem algo do estilo do Hiperespaço.

Jorge Luiz Calife, que no I Prêmio Fausto Cunha ficara em segundo lugar com o conto "Uma Semana na Vida de Fernando Alonso Filho", pode ser considerado como o primeiro autor da fase moderna da FC brasileira. É autor de uma trilogia de romances de FC hard e de vários contos nessa vertente. Sua maior influência é o inglês Arthur C. Clarke, mas sua ficção tem grande afinidade com o que vem sendo produzido por nomes como Larry Niven e Gregory Benford. Calife é um otimista, e suas obras -- principalmente os romances Padrões de Contato (1985), Horizontes de Eventos (1986) e Linha Terminal (1991) -- evidenciam o hedonismo com clima e humor cariocas, mas com momentos de lirismo e beleza extraídos de hábeis descrições de ciência e tecnologia. Jornalista científico do Jornal do Brasil, trata com atualidade e imaginação os elementos hard de seu trabalho. Suas narrativas costumam penetrar profundamente no tempo e no espaço, em imagens e situações audaciosas que fazem uso amplo da imagética do gênero, até mesmo como referência a outras obras da ficção científica. Sua prosa clara, fluente, e as mulheres de aparência e comportamento idealizado formam sua marca registrada.

Em 1985 Marien Calixte, autor baseado em Vitória (ES), publicou sua coletânea Alguma Coisa no Céu, um exemplo muito bom de que o tema do OVNIS pode receber um tratamento literário interessante e conduzir a resultados consideráveis.

Já o franco-brasileiro Daniel Fresnot escreveu uma história de mundo pós-guerra nuclear, A Terceira Expedição, em 1987. Sem fugir dos clichês Fresnot produziu uma boa aventura ambientada no Brasil, e sua caracterização de linguagem e paisagem típicas trouxeram à narrativa um novo frescor. Fresnot também possui alguns contos de FC publicados como literatura juvenil, além da novela de ficção especulativa "O Cerco de Nova Iorque", título de uma coletânea do autor.

O surgimento do Clube de Leitores de Ficção Científica, fundado em 1980 por R.C. Nascimento, que incluíra uma ficha de inscrição no seu trabalho de referência Quem É Quem na Ficção Científica Vol. 1 - A Coleção Argonauta, publicado naquele ano. O CLFC acolheu significativo número de fãs, pesquisadores, editores e autores especializados no gênero. Através de sua publicação oficial, o fanzine Somnium, permitiu o surgimento de escritores interessantes como Ivan Carlos Regina e José dos Santos Fernandes. A atmosfera intelectual criada em torno do clube atraiu André Carneiro, e motivou Gumercindo Rocha Dorea a retomar uma nova versão de sua Ficção Científica GRD.

Descoberto através de um concurso promovido pelo jornal Folha de São Paulo, Henrique Flory foi o autor escolhido por Dorea para abrir o espaço brasileiro na coleção, com seu livro Só Sei que Não Vou por Aí!, coletânea de contos de FC hard, a maioria enfocando um futuro próximo e pessimista, povoado tanto por pessoas desapercebidas quanto pela tecnologia que desponta hoje no mundo moderno. A Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida é tema recorrente. Flory rapidamente tornou-se, para uma parcela dos leitores, uma promessa para a vertente hard nacional.

No mesmo ano Dorea lançou a única antologia brasileira vista nos anos oitenta, Enquanto Houver Natal ... - Oito Estórias de Ficção Científica um antigo projeto idealizado na década de 1960, quando não obteve histórias com o tema Natal em número suficiente. Dois dos contos compilados na época estão no livro, de autoria de Álvaro Malheiros e Dinah Silveira de Queiroz. Já os autores modernos incluídos foram José dos Santos Fernandes e Ivan Carlos Regina, para os quais a antologia representou suas estréias no meio profissional, além de Calife, Flory e Calixte.

1990 marcou o início da curva ascendente da ficção científica brasileira. No ano anterior Braulio Tavares, que iniciara nas páginas dos fanzines Hiperespaço, Boletim Antares e Somnium e que publicara em 1986 o ensaio introdutório O Que É Ficção Científica, venceu o concurso Prêmio Caminho

promovido pela Editoria Caminho, de Lisboa, Portugal. Sua coletânea vencedora, *A Espinha Dorsal da Memória*, apareceu no Brasil em 1990 e foi considerada um dos melhores trabalhos de ficção curta já realizados por um brasileiro. Também em 1990, Flory publicou o seu primeiro romance, *Projeto Evolução*, obra ambiciosa e complexa, mas não tão bem recebida pelos leitores. José dos Santos Fernandes contribuiu com sua coletânea *Do Outro Lado do Tempo*, trabalho de qualidade irregular, mas com algumas histórias interessantes. E surgiu no cenário Ivanir Calado com seu romance *A Mãe do Sonho*, uma fantasia folclórica de elevado índice de brasilidade e uma história muito bem contada. Os dotes narrativos de Calado o apontaram imediatamente como a melhor promessa surgida nos últimos anos na área do contador de histórias, fazendo interessante contraponto a Braulio Tavares, cujo mérito essencial foi fundir com propriedade os valores da ficção literária com a imagética da ficção científica, em um trabalho que deixa transparecer forte influência de Jorge Luiz Borges e outros autores do fantástico.

Em 1990 também surgiu a versão brasileira do Isaac Asimov Magazine, a revista americana mais premiada da década de oitenta, prometendo realizar um concurso, batizado de Prêmio Jerônimo Monteiro em homenagem àquele autor, para inaugurar a participação dos autores nacionais nas páginas da revista. Os vencedores, Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto de Sousa Causo, primeiro, segundo e terceiro lugar, respectivamente, tiveram suas histórias publicadas em 1991, nos números 12, 13 e 14 da IAM. A partir do número 15, com uma noveleta de Gerson Lodi-Ribeiro, a revista se abriu para submissões, publicando dezesseis histórias ao todo em seus 25 números de existência, incluindo peças de autoria de André Carneiro, Jorge Luiz Calife, Ivanir Calado e Finisia Fideli, uma autora que publicara profissionalmente um conto em 1983. Dentre os autores que tiveram sua estréia profissional nas páginas da revista, destacam-se Lodi-Ribeiro e José Carlos Neves (um dos antigos editores do fanzine *Hiperespaço*), que eram fãs ativos já por volta de 1983, além de Carlos Orsi Martinho e Sylvio Gonçalves, com trabalhos algo interessantes. Infelizmente grande parte dos trabalhos nacionais publicados eram de baixa qualidade, e o fim da revista em janeiro de 1993 não permitiu que a publicação, editada por Ronaldo Sergio de Biasi e publicada pela Editora Record, contribuísse mais significativamente com a FC brasileira.

Em 1991 Calife havia terminado sua trilogia *Padrões de Contato com Linha Terminal*. André Carneiro acrescentava a novela *Amorquia*, publicada na prestigiosa coleção *Zenith*, da Ed. Aleph, ao universo ficcional iniciado com *Diário da Nave Perdida*, quase trinta anos atrás, e Henrique Flory relançava sua primeira coletânea com cinco novas histórias e o título de *A Pedra que Canta*.

1992 marcou o retorno mais intenso de Rubens Teixeira Scavone, com três contos publicados em diferentes veículos -- um deles, a *Revista da Academia Paulista de Letras*, e os outros antologias de FC juvenil. Flory, se colocando de uma vez por todas como o autor mais ativo da ficção científica brasileira, aparece com *Cristoferus*, novela juvenil que transpõe a saga de Cristóvão Colombo para uma espécie de futuro alternativo. Ivanir Calado publica *Imperatriz no Fim do Mundo*, seu segundo romance, uma fantasia histórica não tão eficiente quanto seu primeiro trabalho. Outros autores desconhecidos também se exercitaram em 1992, destacando-se Pereira Lima, com *Cosmofuturo*, volume de poesia com alguma coisa de FC e um estilo muito original.

Os vencedores do Prêmio Jerônimo Monteiro foram reunidos, em 1993, na antologia *Tríplice Universo*, apresentando novas histórias por Schima, Fernandez e Causo. O livro, assim como as coletâneas e a novela de Flory, a coletânea de José Fernandes e o romance de Calife, saíram pela *Ficção Científica GRD*, que promete ainda lançar uma coletânea de Ivan Carlos Regina e o primeiro romance de Roberto Schima.

O cenário da moderna ficção científica brasileira é composto, pois, desses nomes que ainda lutam por espaço e reconhecimento, ao lado dos experimentados Scavone e Carneiro. A comparação com a *Geração GRD* faz despontar uma série de diferenças de grande relevância.

Primeiro, há um ambiente cultural muito mais propício para o desenvolvimento do gênero, especialmente com o uso que o cinema tem feito dele, com avanços tecnológicos de grande impacto sobre o cotidiano das pessoas e pela penetração dos computadores pessoais nos lares, alterando o relacionamento dos indivíduos com a informação.

Os autores de hoje têm muito mais leitura de ficção científica e lidam melhor com as suas possibilidades, desenvolvendo os dispositivos, convenções e approaches do gênero com maior habilidade e segurança. Também os aspectos literários como caracterização psicológica, integração das ações com o background, abordagem temática, narrativa e estilo são tratados de modo mais profissional.

E, principalmente, enquanto a Geração GRD transmitia uma sensação de homogeneidade e limitação de seu espectro, os autores modernos caminham para a ampla diversidade, partilhando de múltiplas influências. A FC hard tem em Calife, Flory e Lodi-Ribeiro alternativas totalmente diferenciadas. Calado está desenvolvendo um trabalho que o aproxima do tipo de fantasia contemporânea que define a dark fantasy de Stephen King e Dan Simmons nos Estados Unidos. Roberto Schima faz sua FC soft com nítida influência de Bradbury, plena de lirismo e prosa poética, enquanto Cid Fernandez parece ter herdado a fluência narrativa de Isaac Asimov. Finisia Fideli e José dos Santos Fernandes fazem a sua FC de sabor clássico, opondo-se um ao outro através de aproximações joviais e melancólicas, mas mantendo o humanismo característico. Braulio Tavares imprime uma sofisticação de linguagem, fundindo ficção literária e ficção científica em uma única exploração que diz ainda muito do caráter humano. Ivan Carlos Regina faz sua FC experimental com uma carga de crítica à sociedade moderna que soa dramática e contundente. Novos nomes como os de Carlos Orsi Martinho e Sylvio Gonçalves expõem trabalhos de grande versatilidade, e ainda temos os escritores veteranos buscando novas alternativas.

A sensação que o ambiente da ficção científica no Brasil transmite é a de que temos um terreno fértil produzindo trabalhos que nunca foram tão substanciais e saborosos. Há ainda a marca de uma literatura que tenta escapar do estigma da imitação, que tenta ombrear-se em igualdade com tradições literárias mais antigas e desenvolvidas, e a grande questão para o futuro é : seremos capazes de acrescentar algo às tendências da ficção científica mundial e às letras nacionais como um todo ?

Tal pergunta foi primeiramente posta em 1988, quando Ivan Carlos Regina divulgou seu "Manifesto Antropofágico do Movimento Supernova", nas páginas do fanzine Somnium. Inspirado no Manifesto Antropofágico dos modernistas brasileiros da Semana de 1922, ele tentava alertar para que nos afastássemos dos clichês importados da ficção científica em inglês, e pregava que tentássemos nos aproximar da realidade nacional. Há implícita uma aceitação do subdesenvolvimento brasileiro, em oposição a uma idealização artificial da vida calcada na tecnologia. A própria imitação das fórmulas estrangeiras seria reflexo desse impulso escapista por uma realidade desenvolvida, próspera e menos caótica que a do Brasil. O Manifesto foi primeiro recebido como uma manifestação xenófoba que ofendia um certo princípio universalista da ficção científica. Em 1990, com a adoção do tema "Movimento Antropofágico da Ficção Científica Brasileira" (nome pelo qual o Movimento Supernova acabou se consagrando) pela I Convenção de FC do Interior de São Paulo, o debate se generalizou e aos poucos os autores nacionais vêm se conscientizando da proposta e se aproximando, tentativamente, da realidade do país.

Durante aquela convenção e em outras oportunidades, o escritor norteamericano Orson Scott Card defendeu a concepção de uma FC afim com o Brasil, afirmando que, "se vocês, que escrevem FC no Brasil, quiserem dar um presente ao público norteamericano, permitam que experimentemos a cultura de vocês em suas histórias". Outro autor de FC proveniente dos Estados Unidos, em visita ao Brasil em 1991, Thomas M. Disch, também afirmou que não seria mais do que natural que nossos ficcionistas usassem temas como a Amazônia em suas obras, de modo que a pressão pelo ideal do Movimento Antropofágico veio tanto de fora como de dentro.

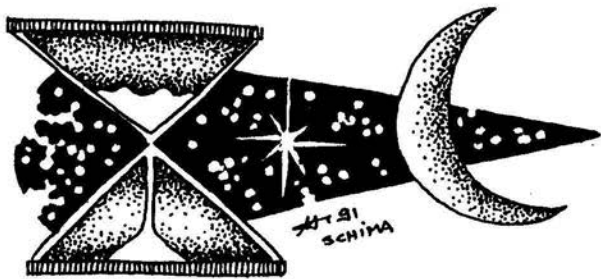
Hoje, usar personagens com nomes anglo-saxões não passa despercebido pelos leitores, e há uma surda cobrança por mais cores nacionais na ficção científica, especialmente quando percebemos que os próprios autores norte-americanos estão se cansando de povoar seus futuros apenas com "gente do Kansas", como Card costuma declarar, e se voltando para a interface do relacionamento entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido ou em desenvolvimento. Tanto a Amazônia quanto os tristes dados levantados sobre o Brasil por organizações internacionais de direitos humanos estão povoando os trabalhos recentes da FC americana, enquanto aqui grande parcela de nossos artistas e escritores permanece reflexiva a essa realidade. Num mundo onde a bipolarização ricos-pobres começa a se afirmar como conceito estratégico, talvez tenhamos algo a dizer sobre essa interface -- vista de outro ângulo.

Para Bráulio Tavares, a própria literatura brasileira, com seu cabedal de técnicas e sua tradição na investigação de linguagens e temáticas, é o que temos para contribuir. Contudo, a ficção científica tem ambições que vão um pouco além disso -- ela busca novos conceitos não apenas literários, mas também sócio-culturais e científicos. Ela demanda a codificação de mitologias, a compreensão de realidades marcadas por mudanças sensíveis nessas áreas que ela tenta antecipar. Os aspectos literários do "ficção" se unem à investigação dos aspectos inerentes ao "científica" para buscar novas combinações que reflitam as respostas do espírito humano a mudanças que a velocidade do avanço tecnológico imprime em nossas consciências sem que, muitas vezes, a detectemos.

Conforme afirmou o escritor Frederik Pohl em visita ao Brasil feita em 1989, "a ficção científica não é a literatura da ciência, mas a literatura da mudança". Bruce Sterling, o ideólogo do polêmico Movimento Cyberpunk, afirmou que se os brasileiros quiserem produzir uma ficção científica de alguma importância, devem escrever sobre o que está mudando a vida das pessoas hoje. Para Ivan Carlos Regina, a FC brasileira não pode estar distante da realidade da população, sob pena de manter-se indefinidamente restrita a um gueto interessado apenas em clonar uma realidade mais atraente.

A atual geração de autores escrevendo ficção científica brasileira está no verge de alcançar essa revolução -- ou de perecer com a anterior por falta de interesse por parte da cultura onde ela está inserida. Ela tem realmente possibilidades de alcançar esse feito e materializar a nossa FC como algo instigante e novo. Tanto pela consciência de que os valores do Movimento Antropofágico são importantes indicadores do caminho, quanto pelo fato de que cada um, amparado pela ampla gama de possibilidades que provê a ficção científica, cada um pavimentará a sua própria trilha, descobrindo suas próprias paisagens e acrescentando suas linhas num novo mapa para o futuro.

Pois, como salientou Orson Scott Card, "toda vez que você lê uma história de ficção científica, você está indo para um novo mundo e está praticando adaptação, aprendendo como pensar novamente. Assim, mesmo se nós nunca chegarmos ao futuro certo, ainda estaremos preparando o mundo para o futuro. Você não pode ler FC e permanecer despreparado para a mudança. E, os céus sabem, mudança é o que vamos ter". --





PULPTIME
Don Webb

A mulher.
O homem.
A Ameaça.
A perseguição maluca.
O tiroteio sangrento. A fuga para uma caverna juncada de ossos. A louca (um travesti ?) que sabia demais.
A transição mística. O vôo para Marte. Os gorilas verdes, bebedores de sangue. A masmorra.
A mulher e seu veloz carro esporte.
- Posso ajudá-la, moça ? Meu Deus ! .. Você está sangrando !
A mulher conhece o doutor. A esposa ruiva do doutor torna-se sua esposa. O doutor casa com a mulher. Amor numa cidadezinha na fronteira Arizona/México. A ruiva procura consolo na religião. O pastor acaba ganhando uma esposa ruiva. Ela compra um posto de gasolina.
Surge a Ameaça procurando gasolina -- procurando confusão.
A Ameaça deixa seu cartão no consultório do doutor. Ele sabia tudo sobre as experiências secretas.
O homem escapa da masmorra. Ele descobre o segredo de Xanthipus Xorn. O pastor faz uma visita ao doutor para avisá-lo do perigo. Ele descobre o laboratório secreto. A experiência o descobre. A ruiva agora é uma viúva.
Roy Rogers, Gabby Hayes e os rapazes entram a cavalo na cidade.
A Ameaça foge para o México. O deserto à luz do luar.
O fundo arenoso dos mares marciais, à luz das luas rodopiantes. A aranha gigante de Xanthipus Xorn parte numa missão maligna.
A ruiva chorando diante do altar. Roy canta lá fora.
O doutor enterra as provas do crime. A mulher chega a um posto de gasolina e rouba cupons sem ser observada.
A loura (um travesti ?) chega em seu jatinho particular. O inescrutável piloto oriental. Ele não parece um pouco com Xanthipus Xorn, assim, à luz da lua ?
A Ameaça encontra seu velho colega de escola, agora um líder de bandidos mexicanos. Comem frioles à luz da aurora.
Roy, Gabby e os rapazes partem a cavalo para Hollywood. As lágrimas da ruiva se misturam à poeira deixada por eles, transformam-se em lama.
O xerife sonha com Marte e passa da hora de acordar. Howard Waldrop faz uma rápida aparição, sobre uma nuvem que passa.
O homem cai numa poça formada pela gosma da aranha. Terá conseguido salvar o templo milenar ? O ruído distante de um motor de avião.
O inescrutável piloto oriental chega ao posto de gasolina. A ruiva diz que ali não vendem gasolina de avião. E além do mais não aceitam pagamento em pesos. Ele sai para trocar o dinheiro. A ruiva dá pela falta dos cupons.
O doutor retorna para a prancheta. "Eu poderia ter me tornado um artista gráfico", pensa ele.
A mulher cola cupons e mais cupons, feito louca.
O grande xamã reptiliforme cura os ferimentos do homem. O templo estremece temporariamente a salvo.
O xerife é despertado pelo telefone. Ele parte correndo para o posto de gasolina e pela primeira vez em dezesseis anos esquece de fumar um cigarro assim que acorda.
C. Everett Koop, o ministro da saúde, dá um sorriso.
O inescrutável piloto oriental faz um sinal milenar sobre seu tórax magro. Quatro vice-presidentes de bancos se precipitam, pondo-se ao sa-

serviço. Ninguém repara o quanto suas moedas mexicanas de prata são anti-
gas.

O bispo desembarca, procedente de Las Vegas. Onde está o pastor ? Por
que tantos cavalos amarrados no estacionamento da igreja ?

O xerife espalha uma fina poeira para colher impressões digitais. Ele
está contente por ter feito o curso de detetive por correspondência.

A ruiva se defronta com o bispo.

O inescrutável piloto oriental envia um telegrama.

A tonalidade da luz do sol no Arizona, ao meio-dia em ponto.

O homem descobre hieróglifos egípcios na parede do templo. Todas as
coisas finalmente começam a se encaixar.

Os bandidos mexicanos limpam suas pistolas. Seu líder desapareceu. Eles
perseguem a Ameaça.

Roy, Gabby e os rapazes assinam contrato para trabalhar num musical de
praia.

A ruiva e a loura (um travesti ?) fazem um lanche, em mesas separadas, no
Salão de Chá de Madame Rosa.

A mulher envia os álbuns cheios de cupons em troca de um ciclotron.

O doutor põe um revólver de seis tiros na sua bolsa preta.

Generais do Pentágono curvam-se sobre um mapa.

Um carro blindado sai lentamente do banco.

Os bandidos atacam.

Garras gigantescas emergem das águas de Manhattan Beach, Califórnia.
Estranhos pesadelos perturbam os campeões de tiro ao alvo do mudo inteiro.

Roy, Gabby e os rapazes largam as pranchas de surfe e empunham os revólve-
res. Eles fazem as garras recuarem para dentro do oceano poluído.

O homem afasta os olhos do telescópio. Ele diz ao xamã que precisa re-
tornar à Terra.

O xerife identifica as impressões digitais. Os bandidos atiram nos pneus
do carro blindado. Minutos depois estão de posse das moedas de prata. A
lora (um travesti ?) os observa à distância, através de um binóculo.

Marte entra em conjunção com a Terra.

Chega finalmente o ciclotron. O inescrutável piloto oriental vem di-
rigindo o caminho da UPS.

O doutor visita o bispo e recebe sua bênção.

O xerife coloca a mulher contra a parede. Ela o conduz até o laboratório.

A Experiência se engalfinha com o xerife. Ela salva a vida do xerife, mas
amarra seus pés e suas mãos. Mais tarde explicará tudo. Ela liga o
ciclotron. A Experiência foge.

Os generais sobrevoam Manhattan Beach. Roy precisa de ajuda. Imagens de
arquivo de tropas armadas em plena mobilização.

O xamã estende ao homem um pote com uma poção espessa, esbranquiçada. Ele
bebe o líquido sufocante. As paredes do templo começam a girar.

O doutor enfia seis balas na cabeça púrpura da Experiência. Tarde demais.

O doutor vai juntar-se ao ministro.

O bispo começa a instalar a grande tenda ao lado da igreja. Vai haver uma
cerimônia à noite.

Explodem cargas de profundidade no Pacífico.

A Experiência se aproxima do inescrutável piloto oriental. O piloto
hipnotiza a Experiência com gestos mais antigos que as pirâmides. Ele deve
saber. Ele as construiu.

Os bandidos param diante de uma loja de eletrodomésticos para ver na TV as
notícias sobre explosões de bombas na Califórnia. A patrulha emerge da
loja e prende a todos. Mas onde está o xerife ?

O xerife luta contra as cordas que o prendem. Uma névoa, com a vaga
silhueta de um homem, flutua no vácuo. Ela é absorvida pelo campo magné-
tico do ciclotron. Ela se solidifica : é o homem.

O homem, a mulher e o xerife fogem do laboratório em chamuscas. Eles acenam
para a Ameaça no camburão. Apressam-se na direção do aeroporto.

A Experiência escala a torre de controle aéreo, carregando o inescrutável
piloto oriental em sua gigantesca mão púrpura. O inescrutável pi

loto oriental segura uma antiga estátua marciana e um rolo de fita adesiva.

O homem toma a arma do xerife e alveja Xanthipus Xorn um instante antes de conseguir afixar a estátua marciana à torre de rádio. A democracia sobre a Terra está salva. Os exércitos de aranhas não invadirão a Arizona.

A experiência tomba do alto da torre.

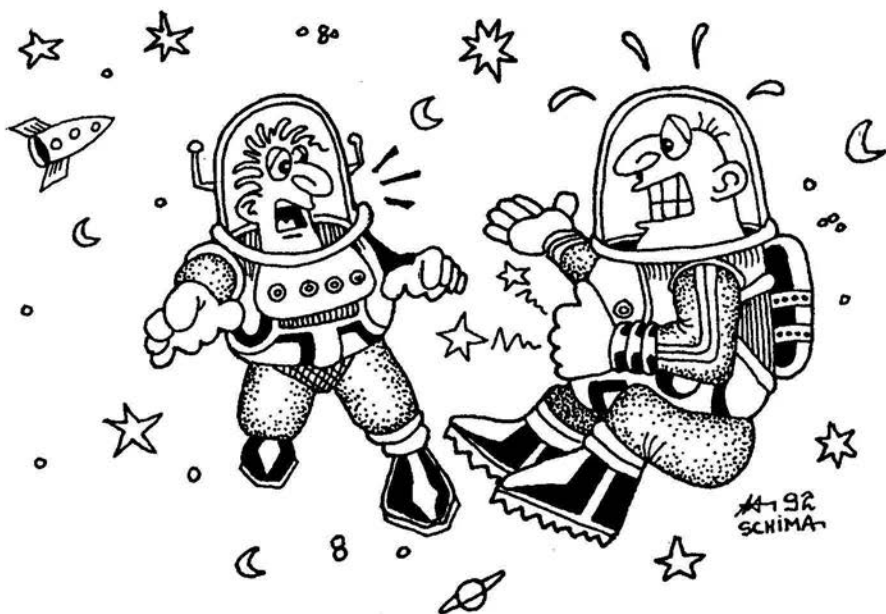
A mulher casa com o homem e o bispo casa com a ruiva. O ciclotron é instalado no posto de gasolina.

Longe, muito longe, no meio do Pacífico, a garra se ergue no meio das águas.

A loura (um travesti ?) dá uma gargalhada. Quem já ouviu falar em Roy estrelando um musical de praia ?

Donn Webb já teve trabalhos publicados nas revistas "Interzone" e "New Pathways". É um desses escritores pouco convencionais; suas histórias sempre têm algo diferente, mesmo quando não são grandes histórias. Este conto, enviado especialmente para publicação no Somnium, tem a assinatura de Bráulio Tavares em sua tradução e comentários.

• • •



-MAS DOR DE BARRIGA LOGO AGORA?!



A RAINHA DO IGNOTO

Uma Utopia Romântica de 1899

Bráulio Tavares

Devo a descoberta desse livro a dicas providenciais que me foram dadas pelo escritor Carlos Emilio Corrêa Lima e pelo estudioso de MPB José Ramos Tinhorão, o qual recentemente concluiu uma importante pesquisa sobre o romance-de-folhetim brasileiro no século XIX. Embora tendo sido reeditado há pouco mais de dez anos, *A Rainha do Ignoto* padece deste mal terrível que é pertencer a uma "literatura regional", como são chamados todos os planetas literários que circulam em torno do sistema binário Rio-São Paulo. Portanto, atenção, fãs de FC de outros Estados: de vez em quando procurem dar um pulo à Biblioteca Pública de sua cidade, e procurem no fichário de ASSUNTO (LITERATURA), FANTASIA, VIAGENS MARAVILHOSAS, VIAGENS FANTÁSTICAS, FUTURO, UTOPIAS, FIM DO MUNDO, DISCOS VOADORES, EXTRATERRESTRES, QUARTA DIMENSÃO, ATLÂNTIDA, FANTASMAS, SÉCULO XXI ... Bem, botem a imaginação de vocês para funcionar (e a paciência). E não esqueçam de me escrever comunicando os resultados (Rua Tavares Bastos 117, Rio e Janeiro RJ, 22221-030).

A Rainha do Ignoto é um romance da escritora cearense Emília Freitas, nascida em Aracati (Ceará) em 15 de janeiro de 1855 e falecida em Manaus (Amazonas) em 18 de agosto de 1908. Em 1891 ela havia publicado um volume de poesias intitulado *Canções do Lar* (Fortaleza: Typografia Universal, 1891). Há notícia de uma terceira obra intitulada *O Renegado*, da qual não se tem outra informação a não ser o fato de que o título é citado pelo Barão de Studart em seu *Dicionário Bibliográfico Cearense*. A edição original de *A Rainha* ... também saiu pela Typografia Universal, de Fortaleza. Esquecido durante muitos anos, este livro só não desapareceu devido ao esforço do crítico cearense Otacílio Colares, que no volume 3 de sua coleção de ensaios *Lembrados e Esquecidos* escreveu a seu respeito. Esse artigo possibilitou que a obra fosse reeditada em 1980 sob o patrocínio da Secretaria de Cultura e Desporto, e impresso na Imprensa Oficial do Ceará, com uma introdução e notas do próprio Otacílio Colares.

A OBRA

A Rainha do Ignoto é sob muitos aspectos um livro esclarecedor sobre sua época, pela convivência nem sempre harmoniosa de elementos de uma literatura regional brasileira, onde predomina a descrição de costumes da vida rural, e a influência da literatura Romântica européia, com personagens, situações e ambientes meio orientalizados, revestidos de uma fantasia delirante, e tentando descrever "estados d'alma" inexprimíveis, onde as emoções são tão intensas que assumem quase a qualidade de um transe místico.

É um livro volumoso (499 páginas na edição original, 363 na reedição de 1980) e se inicia com a chegada de um jovem médico, o dr. Alberto, a uma cidade do interior cearense. Durante sua convivência com os habitantes do local, ele toma conhecimento da existência de uma mulher misteriosa que às vezes é vista descendo o rio de barco: as pessoas da cidade a chamam de "A Funesta", e a tratam como se fosse uma assombração. Pouco tempo depois, o próprio dr. Alberto avista a mulher: é belíssima, veste-se como uma princesa oriental ou coisa que o valha, e desce vagarosamente o rio numa barca, tocando harpa e cantando uma canção dolente em francês (cuja letra é reproduzida na íntegra). Aos seus pés, numa atitude de guarda, há um orangotango monstruoso.

O dr. Alberto fica fascinado por aquela mulher e resolve segui-la; descobre que ela se oculta no interior de uma gruta, a Gruta do Areré, onde é quase impossível penetrar, pois é muito estreita e vive infestada de morcegos. (No final do livro há uma foto reproduzindo a entrada dessa gruta, que existe de fato).

Seguem-se vários episódios de convivência do dr. Alberto com as pessoas da cidade, e a certa altura ele consegue entrar em contato com um indivíduo chamado Probo, que tem acesso aos domínios da mulher misteriosa. Ela explica ao dr. Alberto que somente mulheres podem penetrar naquela gruta, mas que o doutor pode fazer-se passar por Odete, uma moça muda que ia lá com frequência; além de ser muda, a moça só ia lá mascarada -- o que sem dúvida é extremamente conveniente para o doutor, que assim conseguiu penetrar naquele ambiente sem ser descoberto. Diga-se de passagem que a roupa utilizada pela moça muda era a vestimenta dos Templários, os Cavaleiros da Ordem do Templo, que as recentes ondas de ocultismo voltaram a colocar em evidência.

Vestido de Templário, isto é, de Odete, o doutor penetra na gruta em companhia de Probo. Lá tomam um trem subterrâneo, coisa que espanta só de bremaneira o doutor, mas que a própria autora do livro se encarrega de justificar como plausível, citando o túnel subterrâneo construído em Londres, sob o Tâmsa, pelo engenheiro Brunel, em meados do século XIX. (Também há no fim do livro uma reprodução fotográfica desse túnel). Depois, os dois entram num barco que os leva a uma ilha misteriosa situada no litoral do Ceará.

Esta ilha, chamada de Ilha do Nevoeiro (não há como não lembrar das brumas da ilha de Avalon, outra recente utopia feminina), é invisível tanto da terra quanto do mar, devido a uma barreira hipnótica. É lá que a mulher misteriosa, conhecida como Rainha do Ignoto, mantém uma espécie de reinado feminista, onde centenas de mulheres se dedicam às mais variadas tarefas. Há descrições competentes do castelo e das cerimônias que lá acontecem; o dr. Alberto fica sabendo que a Rainha do Ignoto é abolicionista republicana e espírita. Há seções que são descritas como seções hipnóticas mas que são seções tipicamente espíritas (pessoas entram em transe e recebem um espírito alheio que transmite mensagens por escrito). Também é interessante ressaltar que essa irmandade feminina é descrita pelos moradores da região como "a maçonaria das mulheres": veja-se como na cabeça dos personagens (quem sabe até na cabeça da própria autora) misturavam-se "fraternidades misteriosas" -- os Templários, os Maçons, os republicanos e os espíritas, os abolicionistas, as feministas ...

As mulheres que vivem ali se auto-intitulam As Paladinas do Nevoeiro, viajam com frequência pelas regiões em torno, ajudando pessoas necessitadas. A narrativa prossegue sem muitas peripécias dignas de nota; o doutor (sempre sob disfarce) percebe que a Rainha está cada vez mais melancólica com o passar do tempo. Nos capítulos finais, essas crises de melancolia se agravam e a Rainha, reclinada nos coxins da sala do trono, morre de tristeza. Após seu funeral a ilha, que era de origem vulcânica, entra em erupção e tudo desaparece, tragado pelo oceano.

COMENTÁRIOS

Como já falei antes, o livro tem capítulos totalmente Romântico-europeus e outros totalmente regionalistas-nordestinos. Isso, que poderia parecer um defeito, acaba sendo uma qualidade: se fosse totalmente regionalista não estaria acrescentando muita coisa ao gênero, e idem idem se fosse totalmente Romântico. (Acho oportuno insistir em que "Romântico" aqui não tem o sentido vulgar de "história de amor", e sim do tipo de literatura subjetiva, meio mística, meio orientalizante, que se opôs ao Realismo no século passado).

É essa salada mal-resolvida de regionalismo e Romantismo que dá personalidade ao livro de Emilia Freitas, mais do que as outras qualidades literárias que possa eventualmente ter. Certos livros valem pelo que o

tor conseguiu, e outros pelo que ele não conseguiu; às vezes o valor literário reside justamente em deixar claras as contradições e os impasses de uma época.

"Romantismo" é hoje um termo banalizado, usado a torto e a direito com referência a gatos e cachorros (ou, como dizia um humorista: "filme romântico é a história de uma perua em busca de um peru"); mas para o nosso propósito aqui, pode servir a descrição breve e nítida de Silvio Romero, em sua História da Literatura Brasileira (Rio: Garnier, 1903 -- 2ª edição)

"O romantismo foi o predomínio da imaginação, o princípio da fantasia. Que é um livro romântico? É um livro fantástico, eivado de miragens, de encantamentos, como o Ashverus de Quinet. Que é um herói romântico? É um ente raro, miraculoso, uma espécie de arquétipo em contraste com o mundo positivo, vivendo numa vida ideal".

A ficção científica já foi apontada por muita gente (Peter Nicholls, Mark Rose, entre outros) como um substitutivo, num século saturado de tecnologia, para a imaginação Romântica, devido ao seu gosto pelo estranho, pelo maravilhoso, pelo misterioso, pelo fantástico, pelo irreal. Nada mais próximo da mentalidade Romântica do que os heróis de Van Vogt ou de Alfred Bester. Autores como Mary Shelley e Edgar Allan Poe têm ligações igualmente fortes com o Romantismo e a FC; e é interessante notar que essa conexão entre os dois gêneros vem sendo reforçada nos últimos anos sob a forma de "homenagens": basta pensar em Tim Powers recorrendo a Lord Byron e a Shelley em *The Stress of her Regard*, ou em Dan Simmons transformando John Keats numa espécie de síntese da humanidade em *Hyperion* e *The Fall of Hyperion*. Os exemplos são numerosos.

A Rainha do Ignoto não deixa de produzir no leitor uma impressão de texto contaminado de autobiografia: não é difícil ver na personagem central uma projeção idealizada da própria Emilia Freitas, uma mulher culta e bem informada, que lia inglês e francês, sentindo-se meio perdida em andanças do Ceará para a Amazônia, e usando seu romance metade como desabafo fantasioso, metade como crônica de costumes do mundo que a cercava (com ênfase para os dramas pessoais vividos pelas mulheres da região). É essa bipolaridade que o torna fascinante, mas é uma dessas obras que não se sustentam apenas pela história que contam ou pelo estilo que exibem -- precisam ser enxergadas em contraste com o que se escrevia em seu tempo e seu lugar, porque só assim sua originalidade se sobressai. A originalidade de Emilia Freitas era de um espírito que não se contentava com os limites acanhados de sua vida cotidiana nos confins de Nordeste, mas também não se deixava seduzir totalmente pela fantasia Romântica. A contradição não foi resolvida a ponto de gerar um livro de qualidades auto-suficientes, mas o que A Rainha do Ignoto nos apresenta é tão bom quanto o que aparece em obras de fantasia mais famosas -- como A Luneta Mágica de Joaquim Manuel de Macedo, que ainda hoje é reeditado ...

Talvez não seja exagerado ver em A Rainha do Ignoto a influência de outra obra de Macedo, a epopéia romântica A Nebulosa, de 1857. De acordo com a descrição de Wilson Martins em sua História da Inteligência Brasileira (São Paulo: Cultrix/USP, 1977; volume III, pags. 52-54), A Nebulosa é "um folhetim romanesco escrito em versos brancos", dividido em seis cantos e um epílogo. Nele, um personagem misterioso chamado O Trovador vai morar num rochedo da Baía de Guanabara, que dizem ser frequentado por um fantasma feminino, uma mulher espectral chamada A Nebulosa. O Trovador encontra, em vez de fantasma, uma mulher real que habita o rochedo: ela é tida como louca e canta baladas à beira do precipício. O Trovador é apaixonado por uma terceira mulher, chamada A Peregrina, que vive num castelo paradisíaco à beira de um lago, cercado de luxuriante floresta; quanto à Doida, já conhecia o Trovador desde que era menina, e o amava em segredo. Nas últimas partes do poema, o Trovador canta um "Hino da Morte", e a cada

estrofe que conclui, arrebenta-se uma das cordas de sua harpa; no final, ele e a Doida atiram-se no precipício e "a natureza entra em convulsões, no meio de aterradora tempestade".

Comenta Wilson Martins :

"Correspondendo assim aos lugares-comuns do gosto romântico e aos seus mitos mais caros, como o poeta maldito e a natureza selvagem, a virgem pura e o amor impossível, a fantasia sobrenatural e as peripécias rocambolísticas, é natural que A Nebulosa tenha alcançado prodigioso sucesso".

Não é difícil imaginar que o impacto dessa obra tenha ecoado na feitura de A Rainha do Ignoto, cerca de quarenta anos depois. Por outro lado, o livro de Emilia Freitas tem um aspecto feminista que se destaca nas letras daquele período; havia poucas escritoras no Brasil daquela época, e eram ainda menos numerosas as que se atreviam a propor uma nova ordem de coisas, mesmo que sob o disfarce da fantasia. Um traço distinto do Romantismo literário foi o fato de que, a par das virgens lânguidas cujo seio palpitava de desejo e cujas faces enrubesciam de timidez, ele abriu espaço também para uma visão igualitária dos sexos, e para uma espécie de feminismo ainda nebuloso quanto à praxis mas resoluto em suas intenções. No Brasil, o nome feminino que se destaca no século passado (pelo que conheço) é o de Nísia Floresta (1809-1885), educadora e escritora que foi uma espécie de líder feminista de sua época -- influenciada, aliás, por Mary Wollstonecraft (1759-1797), líder feminista inglesa cujo A Vindication of the Rights of Woman ela traduziu no Brasil em 1832, sob o título de Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens. Mary Wollstonecraft era uma voz feminista muito conhecida na época; é inclusive citada no romance A Moreninha de Joaquim Manuel de Macedo (1844) num contexto onde fica claro que ela era uma espécie e Simone de Beauvoir daquele tempo, um referencial de emancipação para as moças e senhoras intelectuais da sociedade brasileira (existiam, sim; se vocês pensam que nosso feminismo começou com Rose Marie Muraro estão muito enganados). Além disso, Mary Wollstonecraft era também a mãe de Mary Shelley, que por sua vez tornou-se em 1808 a "mãe da FC", com seu Frankenstein. Literatura romântica, feminismo e ficção científica brotavam, no século passado, tanto na Inglaterra como no Ceará. Como esse mundo é pequeno ! ... _

LOCUS P. O. BOX 13305 OAKLAND, CA 94661 USA	ASSINATURA (EM US\$)		
	NÚMERO DE MESES	VIA SUPERFÍCIE	VIA AÉREA
O MELHOR MAGAZINE DO GÊNERO.	12	40.00	64.00
VENCEDOR DE 16 HUGOS	24	75.00	108.00

Vocês já leram "Boneca do Destino", de Clifford D. Simak ?
Ainda não tiveram o privilégio ? Então embarquem conosco nesta viagem. Não encontrarão uma estrada plana, asseguramos (poucas coisas boas são fáceis, não é ?). Mas é um caminho fértil, cujo percurso obrigará os leitores a revisar seus conceitos sobre o que consideram uma boa ficção científica e os recompensará, talvez, com uma dose do autoconhecimento conquistado pelos protagonistas.
Se a estrada não é amena, a leitura é fácil e gostosa. Embarcarão num cruzador espacial último modelo e farão parte de uma quest nos sertões de um planeta não catalogado, perdido Via Láctea adentro. Seu piloto será o comandante Mike Ross, aventureiro, descobridor de mundos e, atualmente, proscrito. Uma pequena falha em seu passado, mas ninguém é perfeito, não é mesmo ? Seu guia será George Smith. Um homem cego, é verdade. Além disso, desprovido de qualquer qualificação técnica ... Tudo bem, nós temos certeza que vocês o julgarão um autêntico idiota. Mas ele "ouve vozes". Vozes que lhe indicam o paradeiro de uma lenda viva.
Como nossos companheiros de jornada, teremos Tuck, que afirma ser frei, na verdade uma mistura de místico e charlatão, mas temos que levá-lo, pois é o único em quem Smith confia; e Sarah Foster, uma jovem e bela aristocrata terrestre que está financiando a expedição. Ela é uma caçadora. Costuma abater predadores de grande porte com antiquadas carabinas de projéteis. Em sua mansão, na Terra, há um salão suntuoso repleto de carcaças de animais, ostentadas como troféus.
A Srta. Foster está em busca de um novo troféu. O maior de todos. Os conhecimentos perdidos, de Lawrence Arlen Knight, explorador emérito cujas façanhas são cantadas em prosa e verso até os confins da periferia galáctica. Acompanhado de seu fiel robô-telepata Roscoe, Knight procurava algo importante, mas parece ter sido engolido pelo mistério que cerca aquele verdadeiro zoológico para criaturas racionais de âmbito planetário.
Esta expedição vai tentar encontrá-lo e desvendar o enigma.
Caso desejem acompanhar-nos, apertem os cintos antigrav, abandonem os conceitos arcaicos sobre jornadas nas estrelas e preparem-se : o show vai começar; um show além da imaginação !

* * *

Boneca do Destino foi publicado em 1971, quando Simak já contava com 67 anos. Três anos depois, o trabalho desembarcava em terras brasileiras trazido pela Hemus e, segundo nos consta, vende homeopaticamente até hoje.
Embora seja fruto da maturidade de um mestre -- então já agraciado com dois prêmios Hugo, pelo conto The Big Front Yard em 1958 e pelo romance Way Station em 1963, além do International Fantasy Award pela série City em 1952 -- Boneca do Destino parecer ser um de seus trabalhos menos marcantes na opinião dos críticos, e talvez o pior compreendido da vasta bibliografia do autor. A explicação para o fato reside na crença errônea de que Simak seria à época um autor já em franca decadência. Opiniões desse tipo foram refutadas anos mais tarde, não apenas por trabalhos do quilate dos romances Choice of Gods (1973), Mastodonia (1978) e Project Pope (1981), como ainda pelo reconhecimento prestado ao romance A Heritage of Stars (Jupiter Award, 1977) e ao conto The Grotto of the Dancing Deer (Hugo e Nebula, 1980).
Contudo, Boneca do Destino pode ser tranquilamente considerado como um dos melhores romances da ficção científica moderna, não só pela originalidade da abordagem de um tema recorrente na obra de Simak, as viagens por mundos estranhos sob a forma de peregrinações ou quests que culminam na conquista do autoconhecimento pelos protagonistas, como também pela urdidura firme de uma trama complexa, pelo andamento inusitado e pelo final absolutamente surpreendente.

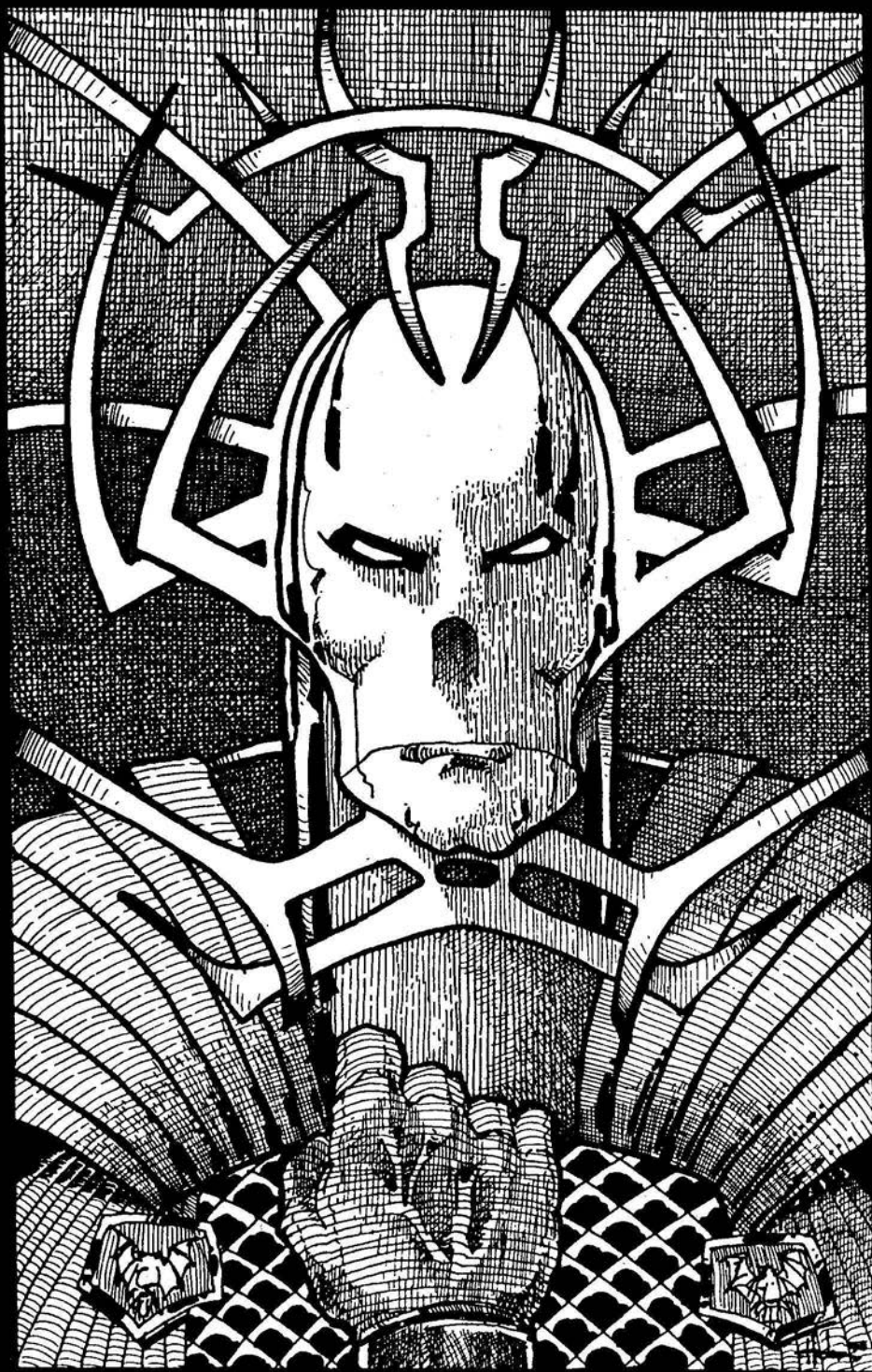
Em Boneca do Destino encontramos Clifford D. Simak em seu apogeu. Nela observamos a grande maioria dos elementos e conceitos que fazem de Simak um autor único dentro de gênero.

A fantasia científica e o misticismo se fundem num enlace harmonioso levado às últimas consequências. Uma fusão que dá margem a uma ambigüidade proposital, possibilitando as interpretações mais diversas dos elementos do ambiente onde se desenrola a trama: universos paralelos; realidades superpostas; telepatia; múltiplas existências; vida após a morte; felicidade através de alucinação coletiva voluntária; contraposição existencial entre a sabedoria arcana de uma cultura autóctone e o aparato super-tecnológico de uma civilização alienígena; e muito mais. Várias indagações filosóficas sobre assuntos que têm instigado o espírito humano desde o alvorecer da história -- tais como a natureza do tempo, a ecologia, o conhecimento, a ciência, a magia, o amor, a fé e a fraternidade dentro e fora do âmbito do gênero humano -- são expostas ao longo da narrativa com suavidade precisa, como pano de fundo delicado, jamais enfadonho mas, pelo contrário, capaz de provocar inquietação na alma do leitor. Os personagens são sólidos e marcantes, autênticos em suas fraquezas e inseguranças, grandiosos em seu heroísmo e despreendimento. Inesquecíveis. Igualmente antológicos são os diálogos. Alguns, saborosos pela simplicidade, a um só tempo elegante e funcional; outros, memoráveis pelas pitadas de humor e ironia, caracterizando com perfeição a índole dos personagens, como a canalhice à toda prova do diminuto primata-gnomo, tentando sensibilizar o rude Mike Ross com um apelo a uma pretensa "solidariedade entre os humanóides"; ou a fina inteligência do alienígena Pio, retratada no insólito diálogo que entabulou com o porteiro eletrônico do vilarejo místico, no qual ambas as partes se rendem à praticidade das expressões oriundas de uma gíria tipicamente humana.

A construção de alienígenas dotados de psicologia verossímil é uma das marcas registradas de Simak. Mas o próprio mestre se excede nesse romance: a história se passa num mundo-armadilha, populado pelos descendentes bárbaros de antigas tripulações de espaçonaves atraídas e capturadas. Desta forma, o autor consegue estabelecer um relacionamento assustador e maravilhoso entre humanos e alienígenas -- uma galeria variada que se estende desde aracnóides necrófagos; tribos de centauros decaídos na barbárie e gnomos humanóides, até monstros enfurecidos e simbioses racionais das gigantescas árvores cujas sementes armazenavam o conhecimento de milhares de mundos. E esse painel de possibilidades, digno de um tratado de xenobiologia, culmina em Pio (Hoot no original), um astronauta com corpo de barreira, antigo naufrago de um planeta desértico resgatado pelos portões dimensionais da Cidade Branca. Uma criatura com numerosas perninhas minúsculas, rosto repleto de tentáculos e três vidas a viver: inteiramente alienígena! E, como tal, uma das criações mais felizes, enternecedoras e inteligentes da história da FC.

Os robôs também não deveriam ficar de fora. Ao menos, não num trabalho de Simak, um autor que ousou atribuir sentimentos humanos aos seus robôs, numa época em que ninguém ainda o fazia. Desta vez, existem cavalinhos falantes, construídos de porcelana branca e incorruptível, com a aparência de montaria de um carrossel, andando sobre balancins e tendo em Pinta Velha o único representante capaz de lealdade e amor pelos humanos. Em termos de máquinas autoconscientes, no entanto, Roscoe é o protagonista. É o tal robô-telepata que acompanhava a lenda-viva (a própria idéia de um robô assim já parece soar um tanto esdrúxula...). Seu cérebro foi usado pelos centauros como bola de pólo e as pancadas repetidas parecem tê-lo enlouquecido: ele emite frases incoerentes, falando apenas através de rimas enervantes. Mas é o único capaz de solucionar o enigma que envolve o planeta-armadilha.

A ambientação é algo de magnífico. O cenário onde a história se desenvolve é como um ser vivo, um personagem importante, visualizado com facilidade. O planeta é minuciosamente descrito, tomando forma dentro da mente do leitor, participando harmoniosamente do conjunto narrativo. A imensa Cidade Branca em cujo espaçoporto a ação se inicia, primorosa em arquitetura e mistério, é tão somente a linha de largada. Seus prédios

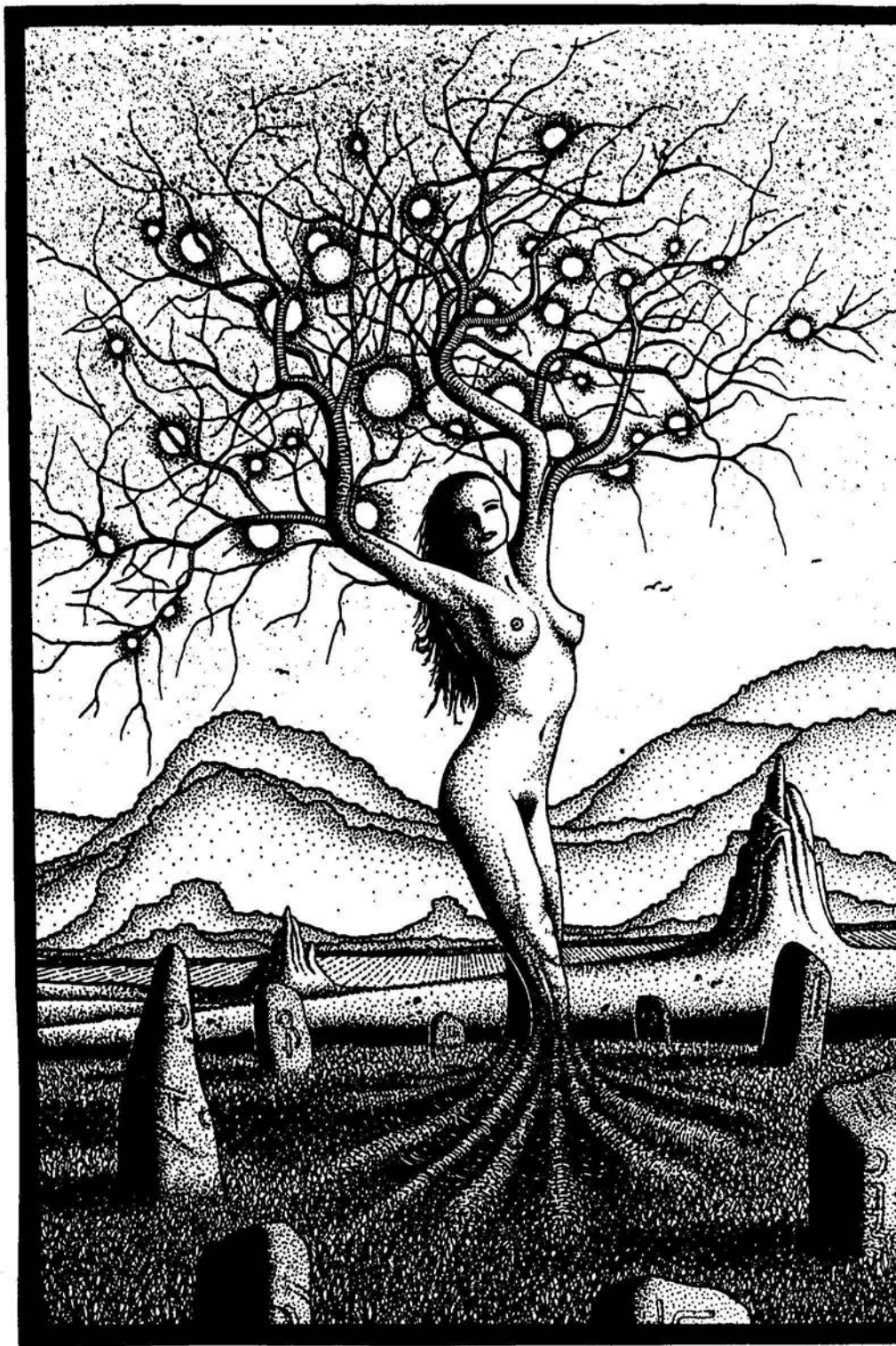






„Im Goldenen Käfig“
29,7 x 42 cm
1989
Werk Nr. 50

Harrak 5.89



cos como montanhas e avenidas multiquilométricas acabam dando lugar a um orama de sonho, onde árvores colossais estão dispostas num pomar fabu- so. Árvores do Conhecimento, posicionadas como peças de xadrez num ta- leiro de dimensões continentais, onde um jogo extraordinário será dispu- do. Os viajantes deverão enfrentá-las, bem como à trilha que os condu- rá a paisagens inesquecíveis, portas abertas a múltiplos planos de rea- dade.

edifício da veneranda espécie autóctone funciona como uma chave para meçar a abrir essas portas. Nela, os expedicionários encontram uma quena boneca de madeira, há muito esculpida por um nativo. O signifi- do desse ícone rústico transportará cada um dos personagens para o des- no escolhido. A boneca acompanhará os protagonistas ao longo de toda a rnada.

narrativa é uma tessitura elaborada, que funciona em vários níveis stintos, permitindo desdobramentos e soluções, muitas vezes tão bem ur- das que antecipam um clímax inusitado. Idas e vindas na trilha que con- z os viajantes a existências independentes, contrapõem-se a mudanças de rspectivas e de atitudes no comportamento dos personagens.

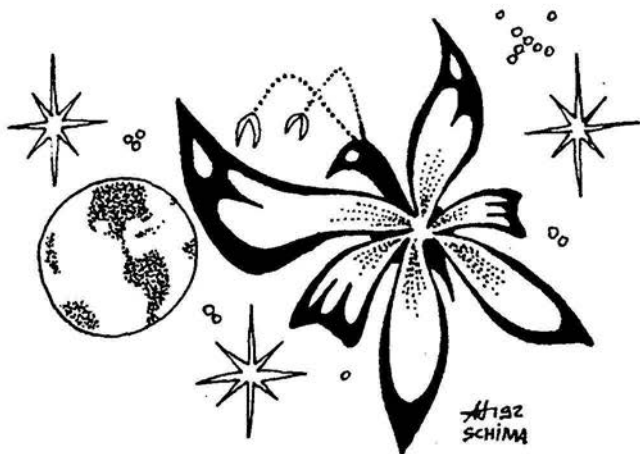
se é um trabalho no qual todos os detalhes, mesmo os aparentemente mais suais, têm a sua razão de ser. Todas as inúmeras filigranas brilham com z própria, jamais se ofuscando mutuamente. "É como um quebra-cabeças m um milhão de pedaços, e tudo o que se tem a fazer é colocá-los no gar certo e ele surge, tão simples que causa espanto não ter sido visto go no começo". O autor nos convida, então, a dar um "passo minúsculo", eis-nos dentro de uma tapeçaria, finalmente completa. Todos os fios stos no lugar. Todas as explicações fornecidas, compreendidas e eitas.

ega-se ao ponto em que nos rendemos naturalmente à poesia de Simak. rnamo-nos cientes de que "certas coisas e atitudes mentais não podiam r levadas àquela terra".

na viagem como essa obriga o leitor a uma preparação que não tolerará reconceitos ou falsas expectativas. Impõe atenção e entrega incondicio- is. Exige a aceitação de um contexto novo e de uma nova maneira de con- r uma história que, afinal de contas, é bem antiga. Qual o destino que os aguarda enquanto indivíduos? Qual o destino do mundo, ou da vida so- e a Terra? Perguntas tantas vezes feitas por tantos seres humanos esde o despertar da racionalidade ...

em, Simak deu sua resposta, nesse trabalho extraordinário. mpreendê-lo é como viver uma história de amor. E nós todos sabemos, o elhor da vida é se apaixonar.

então, o que estamos esperando?
bertem os cintos, senhores passageiros.
gnição! _



UM POUCO DA FICÇÃO CIENTÍFICA ARGENTINA
Marcello Simão Branco

Em outubro do ano passado estive no Brasil o fã e editor argentino Horaci Moreno. Uma pessoa inteligente e entusiasmada pelo desenvolvimento da FC seja na Argentina ou no Brasil.

Na oportunidade ele me entregou sua "menina dos olhos", a antologia de ficção científica *Más Allá* - Ciencia Ficción Argentina. Contém novelas e contos dos mais promissores talentos do gênero por lá, revelados e aprimorados desde a criação, em 1982, do Circulo Argentino de Ciencia Ficción Fantasia - CACyF. A única estrela do volume -- por uma questão comercial -- é Adolfo Bioy Casares, um dos mais importantes nomes da literatura argentina.

E é ele quem abre a antologia com o conto "Una Puerta se Abre". Trata-se de uma fantasia futurista permeada por uma relação amorosa mal resolvida. Já conhecia Bioy Casares pelo seu clássico *A Máquina Fantástica* (Invenção de Morel), publicada no Brasil pela Expressão e Cultura, onde me impressionei com sua fluência narrativa, rica em evocações poéticas e transcendentais. Pois bem, neste conto em questão, os mesmos elementos se encontram adicionados a um senso de tragédia e melancolia dos personagens que nos faz sentir e torcer pelos seus destinos. E o final, apesar de ser surpresa, encaixa-se muito bem no contexto e na estrutura do conto da obra.

"Apocalipsis 3" vem a seguir e não decepciona. Mostra uma Buenos Aires pós-apocalipse nuclear, com os elementos característicos deste tipo de história. Mas não pense que explicita facilmente os clichês contidos e histórias que todos nós já nos fartamos de ler. O autor, José Manuel López, cria um ambiente convincente, caracteriza razoavelmente bem seus personagens e procura (ainda que não alcance) buscar soluções próprias às dificuldades de se criar algo novo em temática tão desgastada. A história tem clima, envolve e mostra uma interpretação bem própria à realidade histórica e cultural do povo argentino. A melhor história da antologia.

Já Marisa Balhario em "Cambio de Guarda" não tem a mesma felicidade. Trata da mesma temática do conto anterior mostrando a luta e as dificuldades de uma família para sobreviver a uma Buenos Aires caótica e destruída. A abordagem, apesar de interessante, não flui, não permitindo uma leitura contínua. Talvez minha apreciação desta história esteja um pouco prejudicada pelo fato de se tratar novamente de um enredo pós-nuclear -- a exemplo da história que a antecede. A melancolia e a desesperança dos personagens -- mas no limite crêem num futuro renascedor -- também não é novidade nesta temática já tão explorada.

Segue a antologia, a história mais longa e diria, ambiciosa. "La Gerra Perpetua", de Tarik Carson. Narra em flash-back a história de um cientista responsável por descobertas científicas que modificaram a humanidade. Humanidade que acha-se subjugada por uma raça alienígena que procurava "melhorar a raça" e instaurar um novo homo sapiens e uma nova ordem sócio-cultural na Terra. Mais uma vez não há equilíbrio entre introspecção e ação no ritmo da narrativa -- a exemplo das histórias anteriores (com exceção ao conto de Casares). O autor se preocupa mais com a condição existencial, filosófica e sexual (e nessa parte há situações que deixaria Campbell de cabelos arrepiados; seqüências fortes e despojadas) do protagonista, mergulhado em sua psicologia, do que com o desenvolvimento de um enredo que em poucos momentos exprime a razão primeira da novela. Carson levanta, contudo, questões e críticas interessantes e pertinentes sobre liberdade, totalitarismo, ética moral versus progresso científico. E especula superficialmente as implicações das críticas que levanta. Pela riqueza de questões e, especialmente, pelos desdobramentos no comportamento do personagem condutor da trama, esta história daria, talvez, um melhor romance do que deu esta novela.

"Los Invasores del Sabado", de Fernando J. Cots, e "La Flota Estelar", de Ruben Tomasi, são duas preciosidades. Incursionam pelo universo infantil com muita sensibilidade. O conto de Cots nos mostra uma brincadeira entr

grupo de crianças que na verdade nos diz muito sobre a forma toda particular em como as crianças vêem o mundo e suas mazelas (e como reagem nele). No caso o enfoque é remetido aos familiares desaparecidos na ditadura militar argentina. Uma bela história que através da espontaneidade de seus personagens nos tem muito a dizer. Pelo mesmo caminho embarca o conto curto de Tomasi. Uma história simples, direta, sobre algo que só a criança é capaz de vislumbrar no mundo amargurado e endurecido dos adultos.

Uma história de uma antologia "Marina del Silencio" de Santiago Oviedo. Uma história que começa interessante, torna-se confusa e termina de maneira enigmática. Tentando muito mais a explicar do que se propõe o autor na pele de seus personagens. Uma narrativa mais situada no folclore e nas lendas regionais argentinas, específica demais, ou, talvez, não tão bem desenvolvida pelo autor. O caso é que no final das contas foi um tour de force a fechar a leitura.

Inclui-se que a qualidade dos jovens escritores argentinos está num nível semelhante ao dos autores brasileiros da mesma geração. Muito potencial, talento latente na maioria deles ainda à espera de um momento certo de florescer e se configurar numa realidade estabelecida no gênero. O que eles precisam é se exercitar e mostrar cada vez mais seu trabalho. E usar a crítica a favor deles, retirando delas aquilo que elas podem ter de construtivo e enriquecedor em seus trabalhos.

Uma antologia organizada pelo amigo Horacio nos serve de exemplo de realismo e determinação. Por que afinal de contas nós brasileiros ainda editamos uma antologia semelhante por aqui? Nomes não faltam. Está faltando união e vontade política de se realizar a iniciativa. Mas infelizmente estes dois elementos têm estado muito ausentes do fandom brasileiro nestes últimos tempos. _

de Allá - Ciencia Ficción Argentina, Horacio Moreno (organizador), desde Gente, Buenos Aires (Argentina), maio de 1992, 130 páginas.



— É O SENHOR QUE FAZ EXPERIÊNCIAS
COM PLANTAS ?

1992
SCHIMA



GENTE DE LETRAS

Morton Coll

Walter dá pequenos murros na mesa indefesa, que escoam pelo modesto quarto de hotel. As contrariedades que deixou do lado de fora são inúmeras, desde o processo que lhe vem movendo a ex-mulher por falta de pagamento de pensões, até a dívida do alfaiate. A este, deve um traje preparado para uma ocasião especial. A roupa ainda aguarda o momento consagrado, no fundo do armário.

Mas as ameaças interiores são piores, pois dão sinais de que o filão artístico de sua pena começa a estancar. Os diretores, pelo menos, parecem ainda confiar no potencial de venda dos livros de Walter Amorim, senão teriam restringido há muito os cheques de adiantamento que lhe vêm marcando.

Ele olha agora desamparado o teclado diante de si. Walter é um homem chegado à quarta dezena de seus anos, fisicamente saudável. A sobranceira espessa sobre os olhos castanhos lhe empresta um aspecto mais velho. O cabelo começa a rarear nas têmporas. Para ele, é um dia como qualquer outro, para fazer nova investida, e assim começa a seguir cuidadosamente uma seqüência meio ridícula de preparativos criada há muito tempo por ele para a qual sempre buscou, sem sucesso, uma justificativa a nível da razão.

Veste uma calça folgada, sem cinto, e um par de meias, calça um par de chinélos confortáveis e mune-se de uma jarra de água destemperada e de uma garrafa térmica de café. Acomoda uma almofada na cadeira e, sobre a mesa, coloca uma dezena de lápis e canetas de qualidades variadas. É este o ritual que se propõe a cumprir até que finalmente comece a rabiscar nervosamente num velho bloco de rascunho.

Os traços em sua mente são, no começo, dissipados e imprecisos. Num momento, uma idéia qualquer se destaca e parece ganhar substância; no instante seguinte, pode já se ter tornado desinteressante e é abandonada. De todo jeito, aos poucos vai ganhando coragem para penetrar na desafiante floresta de folhas brancas à sua frente.

Eis que sobrevivem as primeiras impressões mais persistentes. Lentamente se concretiza a imagem de um jovem estudante universitário. Eurico é o nome que leva na carteira em seu bolso. Estuda à noite, fazendo um curso de filosofia. Trata-se de um tipo sossegado, introspectivo, que sempre se sentiu atraído pela literatura e pela obra dos grandes pensadores.

O teclado do microcomputador começa a ser pressionado com regularidade, indicando que Walter acredita que as idéias estão cada vez mais definidas e merecem registro.

" ... Eurico já está no terceiro ano de seu curso, conhece bastante gente mas nunca se viu muito à vontade no meio da algazarra própria do ambiente de estudantes. Por seu temperamento, jamais se sentiu motivado a participar de verdade da extroversão de seus colegas. Chega a ter uma dificuldade acentuada em se relacionar com os outros, o que não o chega a preocupar muito. No contato com os grandes Mestres encontra um substituto produtivo e inofensivo para o convívio com os demais que, afinal, muito pouco parecem ter a lhe oferecer. Não, isto de fato não é visto por ele como um problema real".

Suas alternativas profissionais não são muito variadas. Escrever é o que melhor sabe fazer. Com o aparecimento de Eurico, o ânimo de Walter se reconstitui com rapidez. Começa a ter em suas mãos um personagem real, verossímil, com um certo perfil já delineado e um potencial bem rico para trabalhar.

" ... Eurico está passando por um período de indecisão em seu ano letivo

ve-se definir pelo pensamento em particular de algum mestre e sobre ele eventualmente aprofundar uma tese conclusiva. O ideal seria trazer um enfoque novo sobre alguma corrente histórica do pensamento ou sobre alguma obra polêmica.

As leituras têm se prendido mais à teoria do conhecimento e, dentro dessa área, mostrou casualmente predileção por Locke, o arauto do empirismo. Para os empiristas, todo nosso conhecimento deriva, em última instância, da experiência de nossos sentidos.

Al escolha leva Eurico a se fechar ainda mais dentro de si mesmo. Gasta longos períodos de tempo lendo as obras de seu autor escolhido, não raro consumindo inteiramente suas noites solitárias".

Nesse ponto, Walter já se compreende perfeitamente entrosado com seu personagem. Talvez excessivamente. Pode-se dizer que começa a sentir a si próprio como o tipo taciturno e um tanto sombrio que é Eurico. Ocorre algo que poderíamos chamar de um caso inverso de transferência. O autor, passando por uma fase depressiva, está recebendo estímulo de sua própria criação. O certo é que, à medida em que Walter se debruça sobre tal indivíduo de ficção, parece se envolver muito com alguns problemas sérios desse personagem.

Percebe, em Eurico, um emaranhado de desordens pessoais aflorando e ameaçando sua própria integridade. É como se, na fictícia interioridade e sua imaginária criatura, estivesse ocorrendo uma ebulição de conflitos: solidão, carências, dúvidas.

Como aconteceu em outras ocasiões, isto perturba a Walter. O quarto, os objetos, o mundo real, nada parece lhe aliviar o padecimento com os problemas de seu personagem. Tendo chegado a esse ponto de envolvimento, não sabe como retroceder. Reconhece, porém, que algo muito forte existe no presente caso de Eurico.

Atualmente põe-se a considerar maneiras de solucionar ou atenuar o desespero de Eurico. Uma forma de ir em socorro de seu protegido é proporcionar-lhe alguém que possa escutá-lo de perto, um outro personagem que o acompanhe e ajude a dar consistência e respaldo a seu pensamento. E nada servirão a unidade e a coerência de seu discurso intelectual se não puder ser transmitido e entendido por outros, e mesmo contestado.

... - Mas escute, Henrique, você tem de reconhecer que, quando Locke diz que se não fosse nossa mente não poderíamos perceber nada do que existe a nosso redor, está sendo profundo e traz mais implicações do que se poderia supor.

Ora, tudo o que existe não depende daquilo que se passa dentro de nós. Qualquer um entende isso".

Henrique é um dos poucos alunos do quinto ano de filosofia. Como ocorre em qualquer universidade, muitos vão desistindo das leituras filosóficas e transferindo-se para os caminhos mais objetivos das assim chamadas ciências exatas". Nada aceita sem passar primeiro por sua reflexão. Ele forma um par perfeito para tais discussões".

Veja bem, meu caro. Todos dão isso como líquido e certo e ninguém pára para refletir sobre o que realmente está acontecendo quando conhecemos alguma coisa. O que, de fato, é o processo de percepção? -- questiona Eurico.

É prossegue empolgado :

Sim, o que sabemos? Podemos dizer que os estímulos externos colidem com os receptores nervosos localizados, por exemplo, no ouvido interno, nas terminações nervosas dos dedos. Como resultado, o impulso nervoso gerado percorre as vias nervosas aferentes que conduzem ao cérebro, transformando-se aí em uma sensação.

Muito bem, estamos até aqui no reino da fisiologia e qualquer um aceitaria esse resumo que você descreveu.

Sim, mas preste atenção nisso ...

Eurico, munido de uma pequena ripa de madeira, persegue uma lagartixa que corre pela parede suja do corredor da escola e finalmente acerta-a com um golpe.

- O que passou aqui ? -- indaga Eurico. Isso que vimos teria realmente ocorrido ou teria sido uma ilusão de nossos sentidos ?

- Espere aí. Nós dois somos testemunhas oculares e podemos descrever com propriedade, quase com as mesmas palavras, o que aconteceu !

- Não será que cada um viu uma coisa diferente que, por conveniência, estabelecemos que era a mesma coisa ?

E, após uma pequena pausa, Eurico prossegue :

- Duas pessoas podem ter duas percepções diferentes da mesma coisa, como quando eu vejo verde e um daltônico vê cinzento, ou quando digo que a água está quente, enquanto a outrem ela parece apenas tépida.

- Claro, claro, mas sempre há uma explicação para cada um desses casos. Olha aqui, não quero parecer grosseiro, mas tenho muita matéria hoje para estudar. Não sei bem o que você quer concluir gastando seu tempo na defesa de um homem do século XVI, há muito ultrapassado e ...

- Eu também não sei muito bem, mas ...

- Talvez em outra hora possamos continuar -- diz Henrique, afastando-se".

Walter interrompe a digitação no processador de palavras, retesando as costas contra o espaldar da cadeira. Está inseguro. Está inseguro. Algumas gotas de suor se formaram em sua testa. Pela primeira vez se dá conta do profundo envolvimento que surgiu com seu personagem Eurico. Bem, ele é um escritor profissional : talvez esse relacionamento de fato só contenha aspectos positivos para seu trabalho. Mas não está certo disso.

Não se trata de um simples caso de identificação, como em seus livros anteriores. Há, na verdade, muito pouco em comum entre o moço confuso, porém cheio de planos e ideais, e o homem próximo da meia idade, frustrado e buscando no exercício da escrita um simples meio de resolver seus problemas mais mundanos. Mas o relacionamento existe e é ativo.

De qualquer forma, Walter está mantendo um bom ritmo de produção e sente que é um bom momento para procurar o conselho editorial.

A reunião é marcada. Já fazia um bom tempo que não visitava o velho edifício cinzento da editora.

Quando ele quer ou está sob grande pressão financeira, Walter sabe ser tão eloquente como as personificações em seus livros.

Três senhores ouvem pacientes sua exposição, onde procura mostrar seus avanços e apelar ao espírito geral de condescendência. Ao final, se entretolham. Um deles conclui :

- Está bem, Sr. Walter. Acho que posso falar pelos três. Damos-lhe mais duas semanas.

E, ao perceber o sorriso do escritor, acrescenta :

- Mas escute bem. Se não tivermos seus escritos ao final desse prazo, iremos passar às providências legais adequadas ao caso.

Segue-se um curto intervalo silencioso, adequado aos propósitos da reunião.

- Sabemos de seus problemas pessoais. No entanto, temos compromissos com nossos patrocinadores. Sabe que não estamos numa época exatamente próspera ... Temos certeza que o senhor nos compreende ... Passe bem.

" ... Segurando-o pelo braço, Eurico insiste :

- Olhe aqui, Henrique. Sei que isso pode se afigurar bastante enfadonho para você, mas estou bem perto de certas conclusões inescapáveis sobre o pensamento de Locke. Preciso de sua atenção. São conclusões lógicas de muita importância para mim. E podem ser -- por que não ? -- uma modesta contribuição à história do pensamento.

- Está bem, está bem -- concordou resignadamente. Desabafe.

- Lembra-se do que falávamos no outro dia ?

Henrique faz que sim com a cabeça.

- Você concordou que só nos damos conta realmente de algum objeto à nossa frente ou de algum fato ocorrendo diante de nós depois que uma série de eventos orgânicos se sucedem em cadeia, até finalmente chegar a 'notícia' a nosso cérebro.

- Sim. Fomos até aí.

- Mas eu pergunto agora : o que me garante que o objeto que eu estou vendo realmente está existindo ?

- Já discutimos isso. Tudo é quase imediato -- argumenta Henrique. Ouvimos alguma coisa logo depois que as ondas sonoras, a uma certa velocidade, alcançam os tímpanos, e no caso do cheiro, temos uma percepção olfativa quando certas moléculas liberadas pelo objeto alcançam as extremidades receptoras nervosas em nossas narinas. Portanto, o tempo que consomem essas ocorrências é extremamente curto e desprezível. É evidente que o objeto não se modificou nesse interim.

- Não esteja tão seguro. E aí você se engana -- arremata Eurico com ar um pouco zombeteiro. Citemos, por exemplo, o caso da observação de uma estrela. Diz a astronomia que, de uma certa área do espaço, a milhares de milhões de quilômetros de distância, em um ponto do tempo que pode estar situado há muitos meses atrás, emanaram raios de luz que começaram a se irradiar em todas as direções. Alguns desses raios atingem o lugar onde começa a atmosfera. Aí se transforma numa espécie diferente de significado físico, o qual, em forma de ondas, finalmente penetra no lugar onde estão nossos olhos. Mas é só depois que as ondas atingem a retina de nossos olhos que o mecanismo neural começa a funcionar. E contanto que os eventos finais em nosso cérebro ocorram, experimentaremos a sensação à qual chamamos 'ver uma estrela'.

- Bem, nesse caso ...

- Nesse caso -- Eurico interrompe -- todos esses processos levaram tempo. No caso que apresentei, levaram com efeito muitos anos. Durante esses anos a estrela podia ter deixado de existir ou ter-se mudado numa diferente qualidade de estrela. Contudo, uma vez que ocorrem no cérebro os eventos requeridos, ainda assim teríamos a sensação de vê-la. Mas não podemos, está claro, ver uma estrela que não existe. Logo ...

Henrique é levado a interferir :

- Logo, parece que somos forçados à conclusão de que, seja o que for que acreditamos estar vendo, o que vemos não é certamente a estrela !".

Um toque de campainha irrompe os instantes de satisfação que Walter Amorim experimenta pelo progresso de Eurico. Sente que é um progresso também seu. A insípida realidade, porém, ignora tudo isso e lhe traz um telegrama do advogado da antiga diva de seus sonhos.

No papel dobrado, palavras descuidadamente reunidas formam um texto de ameaças. Ele coloca a mensagem de lado. Não há mais surpresas. Nunca houve. O compromisso de viver com alguém não traz garantias de que as pessoas serão ainda as mesmas com o rolar do tempo.

Por um instante, passa pela cabeça agitada de Walter um anseio forte de que a antiga companheira tivesse sido apenas mais um personagem gerado por sua imaginação. Pegaria a caneta e teria de volta o conjunto de motivos tão pessoais que o fizeram se aproximar dela no primeiro instante. Quatro parágrafos descreveriam os traços de feminilidade e inspiração que havia encontrado nela um certo dia. Talvez tudo tenha existido somente no terreno do imaginário e é possível que tais características nunca tenham feito parte de uma pessoa de carne e osso.

Mas que diferença faz isso agora ? O espírito de Walter Amorim não está mais envolvido com isso. Suas maiores inquietações estão junto a Eurico, o estudante de filosofia.

"... Eurico está empolgado. Se não pode afirmar que Henrique está sendo totalmente convencido, pelo menos está dando um peso certo a tudo que Eurico tem considerado.

Ah ! Como é doce desfrutar essa vida estudantil. Poder se isolar do que é material e profano e entregar-se a questões acadêmicas com o mesmo afino de quem está procurando uma fórmula de salvar o mundo.

Eurico chega ao auge de seu arrebatamento metafísico quando Lola entra em cena. É ela uma garota que atualmente frequenta o quinto ano do mesmo curso. Bem, isso se podemos chamar de 'garota' uma balzaquiana bem conservada e não muito conformada com sua vida.

Não que seja muito atraente, se isso fosse relevante. Na realidade é um tipo vigoroso de mulher. Alta, tez clara, com propensão a adquirir uma figura mais arredondada nos anos por vir. O cabelo rareando levemente no cocuruto.

Eurico fica encantado com sua atitude positiva, que exterioriza uma disposição vivaz para captar tudo que é novo, onde quer que apareça, dando sua contribuição no momento correto. No curso de filosofia, companhias femininas são escassas e Lola é um achado para ele.

Casualmente ela ouvira parte da conversa dos dois rapazes e se interessou pelo assunto, que era relacionado com um tema abordado por ela anteriormente. E assim começou a participar dessas tertúlias filosóficas até então exclusivas da dupla.

Eurico logo experimenta um misto de admiração e intensa atração por ela. Isso não descreve realmente nada do que se passa com ele. Na verdade, Lola era tudo o que faltava para sua existência isolada receber algum calor. É a musa tardia que se projetou do Olimpo para inspirá-lo em sua busca incansável pela verdade. Está apaixonado.

Sabe, porém, que não vai deixar seus sentimentos embarçarem o cumprimento de suas tarefas, especialmente suas preocupações atuais. Ao contrário, sente que adquire nova motivação.

É com grande satisfação que faz uma retrospectiva completa de tudo que vem sendo discutido até agora. Quem diria que um velho tema dentro da teoria do conhecimento poderia atrair ainda novos simpatizantes ?... "

Walter interrompe um pouco o trabalho. É inegável que, a essa altura, ele vê seu próprio ser intrincadamente confundido com seu personagem, e o destino imaginário deste enlaçado com seu próprio futuro.

Isto é tão concreto que Walter vivencia, como o outro, o mesmo pasmo e confusão. Pergunta a si mesmo : "Onde Eurico quer chegar ?", como se o desdobramento da questão não dependesse mais de sua própria mente e como se o personagem tivesse adquirido a capacidade de formular sua resposta. A visão do mundo que Eurico está elaborando o inquieta. No íntimo não concorda com as conclusões a que está chegando, e estremece. Sabe que tais conclusões, sejam quais forem, estarão afetando sua própria existência.

" ... Naquela manhã Eurico acorda sentindo-se um tanto fraco. Parece que seus ossos resistiam para não levar sua carga habitual. Talvez tenha descuidado de sua saúde, passando noites e noites reunindo idéias e argumentos para convencer, em primeira instância, a si mesmo, e depois, a Lola. Restou ela, pelo menos, pois Henrique está por demais envolvido com uma morena de fora do círculo dos livros. Eurico chegou a procurá-lo, mas não está disposto, no momento, a envolver-se nessas confabulações. Lola, cada vez mais, se revela uma mulher formidável. No último encontro, suas palavras soaram como música aos ouvidos do estudante :

- Eurico, se você me ajudar a compreendê-lo, talvez eu possa participar melhor de seu trabalho !

Era fundamental que houvesse outra pessoa envolvida em suas questões. Sabia que aquelas elucubrações que o atormentavam há tanto tempo serviam a um propósito certo. E está convencido agora de que suas conclusões deveriam ser verdades desde que aceitas como verdadeiras pelo menos por mais uma pessoa além dele mesmo !

Porém, mais do que isso, está convencido de que precisa de Lola para dar um sentido e um arremate a isso tudo.

O cansaço anormal o leva a consultar um médico. Este, porém, não localiza qualquer sinal de enfermidade em seu corpo".

Walter começa simultaneamente a sentir alguns dos sintomas da debilidade física de seu personagem. Na realidade, ele também está gastando seus dias e noites na busca de um desenrolar lógico para sua história.

As idéias fluem com desembaraço no papel, não requerendo tanto esforço seu, como se elas brotassem da energia de suas próprias criações. Sua memória física, porém, já tropeça. Percebe isso ao tentar chamar ao telefone o editor. É obrigado a consultar a suja caderneta para localizar um número que lhe devia ser excepcionalmente familiar. De todo jeito, vê isso como contingências da vida sedentária e insalubre de escritor.

* ... - está me deixando realmente confusa, Eurico, devo admitir. Pode ser que aquilo que estejamos vendo não seja de fato a estrela ou outro objeto qualquer de nosso dia-a-dia, mas ... a que resultado isso nos leva? - Lola, você está começando a perceber. Mas avance um pouco mais ... Locke entende que todo nosso conhecimento se desenvolve a partir de nossos sentidos, que podem até dar percepções diversas a cada um. Mas eu acho que podemos ir mais ao fundo. Seja um objeto ou um acontecimento, tudo tem de passar pelos nossos sentidos. Tudo o que experimentamos como realidade tem de passar por eles. Você percebe? Acha que seria correto supor que todos os acontecimentos dos últimos cinco minutos teriam ocorrido exatamente como ocorreram, mesmo se não existissem nossas mentes para interpretar as sensações que os acompanha?

E diante do olhar interessado da mulher, conclui:

- Claro que não! E por uma única razão. Tudo o que existe tem sua existência estabelecida por nossa mente, por nossos sentidos!

Faz-se um momento de silêncio entre os dois.

- Entendo ... creio que agora ... as idéias que você vem discutindo comigo ganharam sentido para mim. Eurico, tudo agora aqui começa a adquirir um significado inevitável e bastante sólido. Tudo, no fundo é estabelecido em nossas mentes!

Era isso o que Eurico queria ouvir. Era exatamente essa concordância sem restrições que ele estava buscando. Estava satisfeito.

E arremata:

- Se não fosse assim, nada existiria, nem eu, nem você. Se existimos, é porque existe uma mente que garante nossa existência, não importa de quem seja.

Há momentos em nossa vida em que nos defrontamos com alguns princípios, embora muito simples e evidentes, os quais podem modificar para sempre o sentido de nossos dias. Eurico e Lola estavam diante de um deles.

Eurico expõe, por fim, o corolário lógico que acompanha:

- E o inverso também é válido. Isso significa que, se deixarmos de existir, estaremos desagregando de nossa mente toda realidade que se relaciona conosco. Se nossa existência cessar, estaremos pondo abaixo o alicerce de toda realidade sob nossa responsabilidade e à nossa volta. Estarão sendo apagados todos os fatos, objetos e pessoas que estiveram intimamente envolvidos conosco ...".

Talvez não tenha sido fácil para Walter dar consistência a essas conclusões. É possível até que tenha sido muito custoso para ele chegar, junto com Eurico, a esse veredicto sobre a realidade. Talvez ele desejasse mesmo nunca ter chegado até ali.

Pode ser que, se tivesse recuado nesse ponto, teria se poupado de conhecer o diálogo que veio a seguir.

* ... Formidável seu raciocínio, Eurico. Poucos seriam tão brilhantes -- elogia Lola. - Entretanto, vendo seu esforço e o empenho com que chegou até aqui, cresce mais minha indignação contra essa nossa condição de marionetes ...

- De que está falando, querida?

- Eurico, você sabe de que se trata. Revolta-me saber que somos todos aqui tratados como objetos da criação de um autor qualquer, meros figurantes sem qualquer arbítrio próprio.

- Lola, eu ...

- Já é tempo de você tirar o véu de seus olhos também, Eurico. Como pode agüentar sempre ser o sujeito que age, luta e sofre e, no fim, ter todo seu mérito vilmente negado, com a alegação de que se trata de uma simples criação sem importância ? Todos nós aqui sabemos quem é o responsável por isso !!

- Sabe de uma coisa ? Acho que você está muito certa, Lola. Temos que acabar com essa situação !!".

- Não ! Não é possível que isto esteja acontecendo ! -- bradou Walter Amorim, levantando-se de um salto. - Não é possível que eu esteja escrevendo isto !

Seus olhos são duas lâmpadas avermelhadas na cara suada. Apesar de tudo, ele tenta recuperar a calma. Talvez ainda seja possível colocar as idéias no lugar. Anda agitado de um lado para outro do quarto, buscando uma explicação para o que está ocorrendo consigo.

Pela sua cabeça cansada voltam a passear todos seus problemas pessoais, tanto domésticos, como profissionais e financeiros. Todos se agigantam dentro dele, aparentemente incansáveis e destrutivos. Relembra os principais eventos de sua vida, que lhe parece tão inútil. Foram eventos insuficientes para trazer algum significado positivo ou trazer algum benefício real para si e muito menos para os outros.

E Walter acaba por se deter junto à mesa. Quer retroceder, mas sente como que uma força o impulsionando a retomar o trabalho. Seu próprio vigor está muito frouxo para impedi-lo de se aproximar. Contempla amedrontado o teclado ! Seu braço relutantemente desce sobre o instrumento que logo volta a funcionar arrebatado por um poder intangível !

* ... Sente-se aí, Walter ! É de você mesmo que estamos falando !
É Eurico quem lhe dirige a palavra, furioso.

- Já é tempo de você saber que isso tudo tem de chegar ao fim. Pensa que estamos contentes com nossa situação e com o desprezo que recebemos ? Pois saiba que estamos unidos nesse ponto. Você não vai mais dirigir nossos destinos do jeito que quiser. Isto terminou !.

- Parem com isso ! Isso tudo é pesado sem sentido. Essas palavras não podem estar saindo de suas bocas ! -- exclama apavorado o escritor".

E o texto prossegue por si :

* ... - Por que não, Walter ? Vamos lá, diga, por que ? -- pergunta Lola em desafio.

- Porque ... porque vocês não existem !

- Ora, logo quem nos diz que não existimos -- graceja Eurico. Falta-lhe um mínimo de convicção para afirmar isso. Por que não aceita de uma vez que perdeu o controle completo da situação ? Nós não dependemos mais de você e de sua mente angustiada e doente, Walter Amorim. Cansamos de servir de fuga para suas malditas fraquezas.

E continua :

Você está muito enganado. Nós não precisamos de você. Você precisa de nós ! Nós é que somos SEUS criadores. Você é NOSSA criatura e sua vida oca está à nossa mercê !".

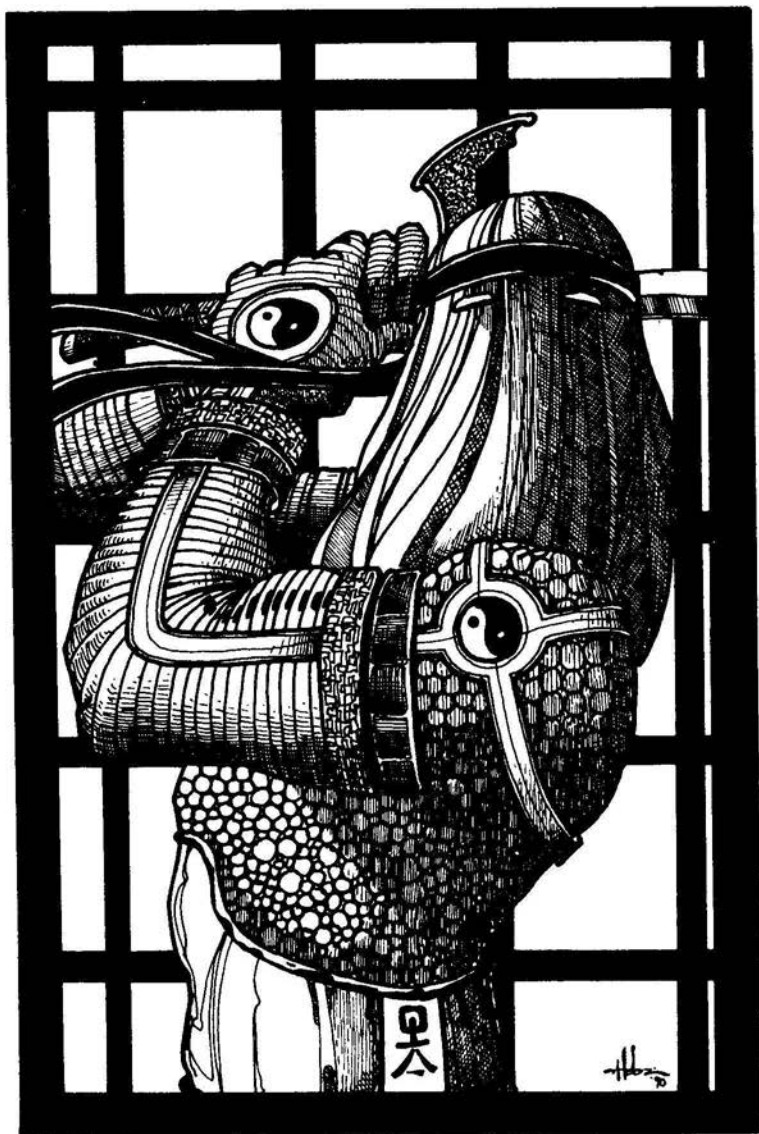
- Não ! Não pode ser verdade ! Não pode ser ! -- ainda exclama Walter desalentado.

Eurico e Lola são gente de convicções muito fortes, não é mesmo ? E eles têm uma maneira bem estranha de entender o mundo e a existência de todas as coisas. É difícil discutir com gente assim, pois se alguém perde na argumentação com eles pode sofrer conseqüências bem ruins.

Afinal de contas, não se deve amarrar tão estreitamente a própria existência à de ninguém, especialmente à de personagens de romance. De algum modo, porém, os problemas de Walter estão sendo definitivamente solucionados. Ou aqueles dos figurantes de sua história. Em qualquer dos casos, eliminar um antagonista, seja ele uma criatura ou um criador, pode precipitar uma experiência de solidão.

A arrumadeira faz sua visita regular ao recanto do famoso escritor. Já está habituada a executar seu serviço com um mínimo de ruído; de modo algum ela pretende perturbar a tarefa que faz o homem compenetrado em sua escrivaninha. Segue normalmente os pontos de sua rotina, passando ao outro cômodo do mesmo aposento. Após alguns minutos, retorna e depara com a mesa vazia !

Fica admirada, mas não por muito tempo. Quando menina; seu pai a levava com freqüência a um circo onde se apresentava um ilusionista estrangeiro. Em um momento, ela podia ver a pomba em sua mão. No momento seguinte, o bicho tinha desaparecido ... _



O VENTO DA MORTE

Ricardo Magagnin

Eu estava nervoso. Faltavam cinco minutos para o início da prova e os concorrentes estavam ocupando seus lugares. Tentei de ir para o meu. Desci pelo gigantesco hangar da nave em direção à comporta. Atrás do cordão de isolamento a multidão de jornalistas dos diversos centros da galáxia começou a gritar, querendo que eu me pronunciasse. Ignorei-os. Deixei-me no trenó antigравitacional e deslizei para fora da comporta sobre o raio de tração, indo parar silenciosamente em sua extremidade.

Os outros competidores já estavam alinhados.

O primeiro à esquerda era N'gar. Pertencente a uma raça de répteis e com o corpo coberto por escamas ósseas, seria moleza para ele suportar o vento inumano que uivava à nossa volta. Ele voltou aquela cabeça de cobra para mim e arreganhou as presas. Quem não conhecia os Saurecs muito bem ficaria apavorado pois eles injetavam veneno, mas eu sabia que ele estava sorrindo.

- É bom tomar cuidado, Renato. Esse vento pode arrancar os seus culhões fora.

Ele falava o galaxiano fluentemente. E tinha um ótimo senso de humor. Eu não podia dizer a mesma coisa da mulher ao lado dele. Marla Zor pertencia à uma raça matriarcal. Era grande, forte e muito bonita. Não tentava esconder seu desprezo pelos concorrentes homens. Provavelmente achava que nos venceria com as mãos amarradas.

A seguir vinha Pedekaris. Alto, muito magro e muito frágil. Eu tinha a impressão que seus braços e pernas se quebrariam ao menor impacto. Seus membros contrastavam com sua cabeça enorme, que abrigava um cérebro espantoso. Devido à grande inteligência, seu povo tornara-se notável no campo das ciências e artes. Pedekaris queria provar que podiam ser bons nos esportes também. Ia precisar de mais do que cuca para isso.

A criatura ao meu lado era muito agradável. Parecia impossível não gostar dele. E era mesmo. O povo de Anágoras possuía uma espécie de magnetismo empático que fazia com que todos os apreciassem. Eu sabia que ele era um macho da espécie, caso contrário teria ficado na dúvida. A ausência de barba, os cabelos compridos, o rosto de traços finos e delicados e a aparência de criança enganariam qualquer um. Na verdade ele era mais velho do que eu. Sua agilidade natural seria muito útil ao deslizar no vento. Ele me olhou e sorriu, como se adivinhasse meus pensamentos.

E por fim eu mesmo. Renato Diniz, o único terrestre classificado para a final. Os comentaristas esportivos costumavam dizer que eu conseguira tal feito graças à selvageria natural de minha raça. Eu concordava que o instinto animal contava muito no meu sucesso, mas não era tudo. Os terrestres ainda eram um povo relativamente novo no cenário intergalático e muitos nos consideravam ainda selvagens de argola no nariz. Como o primeiro terrestre a chegar à final do Campeonato Intergalático de Trenó Eólico, eu queria ganhar. E esfregar na cara daqueles patifes o seu preconceito.

O Trenó Eólico não era um esporte fácil. Muita gente se machucava e até morria. Talvez por isso não fosse tão popular. Eu sempre achei que o interesse por um determinado esporte estava diretamente vinculado ao grau de risco que seus praticantes corriam. Emoções baratas. Pão e circo. A última etapa seria transmitida ao vivo para toda a galáxia. Quantos trilhões de seres inteligentes assistindo? Quanto dinheiro em apostas nas mãos dos bookmakers dos diversos planetas? Havia muito mais ali que simples competição. Interesses dos patrocinadores, das grandes redes de transmissão ...

Todos sabiam que a final do campeonato era sempre em Otne porquê ali ficava a pista mais perigosa de todas. Todo ano morria gente e houve até uma vez em que ninguém ganhara. Todos os competidores morreram na pista. Olhei para a frente. Lá estava o imenso vale glacial em forma de U, de fundo largo e paredes quase verticais, encravado no gigantesco platô com mais de dois mil metros de altura e sabe Deus quantos quilômetros de largura. O vale, escavado por uma geleira antiga durante a Era Glacial do

planeta, tinha uns duzentos metros de largura, a mesma altura do paredão, e estendia-se por cento e vinte e cinco quilômetros tortuosos de comprimento. Era a nossa pista.

A campainha que anunciava o início da prova soou. Abaixei o visor do meu capacete e apertei o botão que acionava as faixas que me mantinham preso ao trenó. Logo em seguida o raio de tração que nos segurava foi desligado e deslizamos para a frente e para baixo até sermos apanhados pelo vento que nos lançou furiosamente para adiante.

Atrás de nós havia uma imensidão de gelo e neve. Quilômetros à frente, depois do paredão rochoso, existia um deserto escaldante onde a temperatura chegava a setenta graus centígrados. A brutal diferença de pressão atmosférica entre os dois ambientes criava aquela corrente de ar gigantesca cuja velocidade atingia facilmente quinhentos quilômetros por hora. Só mesmo os potentes motores da nave poderiam suportar tanta força. Mas nossos trenós foram arrastados como folhas secas. Os cem metros que nos separavam da entrada do vale foram cobertos em um instante. Uma vez dentro daquele túnel de vento procurei me posicionar bem no meio. Nossos trajes eram verdadeiras armaduras de tecido especial para nos proteger da violência da ventania, mas não seriam de nenhuma ajuda no caso de um impacto direto contra a rocha.

Segundo as regras, devíamos permanecer à uma altitude mínima de cem metros e máxima de duzentos, a não ser que tivéssemos que nos desviar de algum obstáculo. Minhas mãos estavam crispadas nos controles do leme. À minha frente estavam N'gar seguido de perto por Marla Zor. Pouco atrás, como eu podia ver pelo refletor do trenó, estava Anágoras. Pedekaris ficara bem atrás mas parecia estar ganhando terreno novamente. Já devia ter calculado como tirar o melhor proveito da corrente de ar.

Eu já esperava que meu amigo réptil assumisse a liderança. Ele havia sido o campeão do ano passado. Nós passamos zunindo pelas câmeras de transmissão montadas nas paredes de rocha do vale. Toda a galáxia devia estar vibrando ao ver que ele estava na frente.

Chegamos então ao primeiro obstáculo. A curva em L. Ela já havia encerrado prematuramente a carreira de muita gente. Provocava uma violenta convulsão no vento. Meus dois concorrentes à frente passaram sem maiores problemas. O segredo era virar o leme devagar mas continuamente. Uma virada abrupta faria o trenó desgovernar-se e o piloto acabaria como uma mancha no paredão.

De repente percebi que estava virando devagar demais. Estava muito próximo da rocha. Aumentei freneticamente a velocidade com que girava o leme e completei a curva por pouco. Pisquei quando o suor que escorria pela minha testa caiu no olho e sussurrei alguns palavrões. Anágoras se saíra melhor do que eu na curva e agora estava à minha frente e ganhando terreno. Meu consolo era que Pedekaris também havia se enrolado no L e estava ficando para trás.

Procurei me acalmar. Lembrei-me que os otneanos tinham enchido o percurso com obstáculos. Pelo menos era como eles chamavam. Na verdade eram armadilhas mortais que transformavam a pista numa trilha sangrenta. Nossos pequenos trenós de um metro e meio de comprimento e cinquenta centímetros de largura não tinham a menor chance de resistir a elas. Só podíamos desviar-nos e fugir.

Um brilho à frente monopolizou minha atenção. Um gigantesco labirinto de torres de metal com trezentos metros de altura cada. Visto de cima tinha a forma de uma gigantesca teia. Como ia de uma ponta a outra do vale não podíamos contornar, e pelas regras, não podíamos voar por cima. Teríamos que passar entre elas.

Crispei as mãos sobre os controles do leme e concentrei-me. O espaço de uma torre para a outra era de poucos metros. N'gar e Marla já haviam sumido entre elas. Alcancei a primeira e desviei suavemente para a esquerda, logo em seguida para a direita, nem demais nem de menos, ziguezagueando num balé mortal entre os pilares metálicos. Ouvi um baque tão violento atrás de mim que sobrepujou o barulho do vento. Não tive coragem de olhar pelo refletor. Toda a minha atenção es-

tava votada para o controle do leme. Minha boca estava seca e eu nem piscava.

Respirei pesadamente quando a última torre ficou para trás. Só então percebi que estivera prendendo o ar desde que avistara o labirinto. Olhei pelo refletor. Como eu já esperava, nem sinal de Pedekaris. Seus reflexos não haviam sido tão grandes quanto sua inteligência.

Voltei a atenção para a pista e tive uma agradável surpresa ao ver que estava quase emparelhado com Anágoras. E também não estávamos tão atrás de N'gar e Marla. A competição estava bem equilibrada. E melhor ainda, eu continuava tendo chance de vencer.

Estava bolando uma maneira de ultrapassar Anágoras quando vi a cerração à frente. Neblina artificial, feita para camuflar o longo trecho de curvas em S adiante. Imediatamente levei meu trenó para o centro do vale, sabendo que sem visibilidade era melhor ficar bem distante das paredes. O único instrumento de navegação de que dispúnhamos nos trenós era o altímetro, para nos mantermos na altura regulamentar. Aquele ia ser um verdadeiro vôo cego.

Meus colegas estavam fazendo o mesmo que eu. Deixei-me ficar um pouco para trás. Dentro da neblina havia uma boa possibilidade que eu batesse em Anágoras.

Entramos na cerração. E não dava para enxergar nada lá dentro, nada mesmo. Procurei sentir as curvas e ir virando de acordo, mas eu sabia que era pura especulação. Eu estava realmente perdido. Minha única esperança era que deixássemos logo a neblina para trás antes que eu me chocasse contra o paredão ou outro competidor.

Tive a impressão de que estávamos ali dentro há horas, mas na verdade poucos minutos tinham se passado quando saímos da cerração. Percebi imediatamente o quanto estava próximo da parede do vale e tratei de levar o trenó para o centro de novo. Os outros continuavam à minha frente. Era a hora de tentar melhorar minha colocação. Lentamente, segundo a segundo, comecei a me aproximar de Anágoras. Estava quase colado à sua traseira quando ele percebeu a manobra e me fechou. Joguei o trenó para a esquerda e tentei de novo. Ele acompanhou meu movimento e tornou a me fechar. De repente tomei consciência de N'gar apontando freneticamente com a mão esquerda para baixo. Olhei e vi quatro esferas do tamanho de melancias subindo em nossa direção. Eu sabia o que eram. Teleguiadas. Ajustadas para os campos antigravitacionais dos trenós. Quando os atingissem ficariam presas magneticamente a eles. Mas não explodiriam. Em vez disso emitiriam um campo magnético inibidor de antigravidade. O resultado seria uma longa queda até o solo.

Imediatamente nos separamos. Eu e Marla para a direita, N'gar para a esquerda. Assim evitamos a primeira investida das esferas. Menos Anágoras. Nervosamente, ele jogou seu trenó para cima. A esfera à frente teve apenas que continuar sua trajetória ascendente para grudar-se nele. Reprimi uma imprecação ao ver o trenó fustigado pelo vento ser arrastado até se chocar com o paredão esquerdo.

Mas estava na hora de pensar em mim mesmo. Uma das esferas mudou lentamente seu curso e veio em minha direção. Aumentei minha curva para a direita até ficar a poucos metros da parede do vale. Eu mordia os lábios enquanto lutava para controlar o trenó. Não era nada seguro ficar perto da rocha, mas era a única chance que eu tinha. A esfera se aproximava cada vez mais, e eu sabia que não podia esperar demais. Quando ela estava apenas a uns cinco metros fiz o trenó subir. Eu sabia que seu sistema direcional não seria capaz de reagir tão rápido. Ou pelo menos esperava. Lutei para controlar o trenó enquanto via a maldita máquina passar um metro abaixo de mim e se chocar violentamente contra o paredão. Então a perdi de vista. Calmamente deslizei de novo para o centro do vale. Vi que meus competidores também tinham tido sucesso em se livrar de suas perseguidoras.

Menos Anágoras.

Lembrei-me daquele rosto infantil sorrindo para mim no início da corrida. Como ele poderia saber que seu tempo acabara? Lutei contra o

pressentimento que me assaltou quando lembrei da corrida que não tivera ganhadores.

Ao olhar para a frente fiquei satisfeito ao ver Marla brigando com N'gar pelo primeiro lugar. Aquela era uma ótima chance para me aproximar sem ser percebido.

Comecei a ganhar terreno, sempre observando os dois à minha frente. Estavam tão ocupados com sua disputa que nem pareciam lembrar-se de mim. Se eu tivesse sorte ...

Mas não tive. De repente N'gar e Marla voltaram sua atenção para o solo do vale à frente. Observei umas estranhas construções parecidas com chaminés. Não tinha idéia para que poderiam servir ...

Logo em seguida lembrei. Os gêiseres artificiais. Lançavam uma coluna de água fervendo a mais de duzentos metros de altura sem serem afetadas pela força do vento. Eu não sabia que efeito aquilo teria em N'gar, mas tinha certeza sobre o que aconteceria comigo e Marla. Toda aquela parte do solo do vale estava coberta pelas chaminés. Eu já devia saber. Não devia ter esquecido das torres. O problema era que os jatos eram acionados por um programa aleatório de computador; não havia como prever a regularidade deles.

À minha frente, N'gar jogou-se para o lado bem a tempo de evitar um jato d'água repentino. Eles realmente não pareciam ser afetados pela força do vento. Também não gostei do modo como subiam. Pareciam ter sido programados para nos acertar. Senti vontade de esganar o idiota que nos informara que os gêiseres disparavam aleatoriamente.

Ouí um ronco surdo abaixo de mim e tratei de me desviar para o lado. No lugar onde eu estava antes surgiu uma gigantesca coluna líquida exalando vapor. O calor em si não era tão significativo. O impacto daquela massa bastaria para matar qualquer um.

Estávamos agora passando do meio daquele campo minado. Eu mantinha um curso reto para a frente mas olhava para baixo. Assim pude ver com riqueza de detalhes a coluna trovejante subir em direção a Marla Zor. Ela não hesitou. Desviou agilmente o trenó para o lado. Quase em seguida foi colhida por um segundo esguicho que subira paralelamente ao primeiro. Estremeci. Poderia ter sido eu. O barulho do segundo jato fora abafado pelo anterior. E ele também se beneficiaria do fato de nossa atenção estar voltada para o primeiro. Estratégia simples, mas mortal.

Que diabo eles tinham lá embaixo? Um computador usado em jogos de guerra?

Suspirei aliviado ao ver o campo coalhado de chaminés ficar para trás. E agora estávamos chegando à reta final. Para mim estava ótimo. Meus nervos já não aguentavam mais mesmo.

Só havia mais uma chance para tentar passar N'gar. Eu sabia disso e comecei a forçar o trenó. Poucos metros nos separavam agora. Ele não me deixaria tomar a frente fácil. Eu esperava que não acabássemos batendo um no outro no calor da disputa.

Estava quase emparelhando nossos trenós quando um movimento abaixo despertou meu sentido de alerta. Qualquer novidade naquela pista só podia ser uma coisa ruim.

Era outro trenó.

Não havia ninguém pilotando. E subia rápido para nos interceptar. Controle remoto, sem dúvida.

O que ele faria? Bateria em um de nós? Explodiria na nossa cara? Compreendi logo que iria descobrir se não me mexesse. Ele havia nivelado na mesma altura que nós e estava atrás de mim. É claro, eu estava mais perto. Esperei que ele se aproximasse mais um pouco e fiz o trenó subir à toda velocidade. Meu plano era chegar à altitude de duzentos metros e descer o mais rápido possível para cem metros. Pretendia desorientá-lo. Forçá-lo ao máximo.

A violenta explosão me pegou de surpresa e sacudiu-me perigosamente. Lutei para manter a direção e levar o trenó à altitude de cruzeiro, mas os controles não respondiam direito. Meu veículo havia sido atingido por um estilhaço do caçador.

Ou de N'gar.

Eu agora já fazia uma idéia do que acontecera. Quando subi esperava que o teleguiado viesse atrás de mim, mas o que ele fez foi simplesmente continuar em frente e chocar-se com o Saurec, detonando sua carga explosiva em seguida.

N'gar nem deve ter percebido. Ao ver que ele estava atrás de mim desviara toda a sua atenção para a reta final que se aproximava. Um erro fatal.

Por outro lado eu também não estava no mar da tranquilidade. Minha velocidade estava inalterada, mas eu perdia altura bem rápido. O campo antigravitacional estava falhando. Se pifasse de vez ...

A saída do vale estava à minha frente agora. Era a reta final. Mas isso não me despertava grande alegria. Eu segurava firme os controles e não tirava os olhos do altímetro.

Transpor a saída acima dos cem metros não me despertou grande atenção. Eu caía cada vez mais rápido, e à minha frente começava o grande deserto. Eu tinha uma boa chance de quebrar o pescoço na queda.

Esprei impaciente o altímetro marcar vinte metros, então apertei o botão que soltava as faixas de contenção. Uma vez livre rolei para fora do trenó despencando desajeitadamente em cima de uma duna de areia. Cai de mau jeito e senti uma dor violenta no braço direito. Não tinha sido o pescoço, afinal de contas.

Meu capacete fora arrancado. Lutei para me sentar e cuspi areia sufregamente. Segurei o braço quebrado com a outra mão.

Já podia ver uma pequena nave de salvamento vindo em minha direção. Os caras foram eficientes no resgate. Me deram um analgésico e colocaram uma tala eletrônica em meu braço. Ela exercia pressão automática na área fraturada e fazia o osso soldar-se na posição correta.

Quando me levaram ao pódio eu estava confuso. Não era como eu imaginava. Onde estava a euforia da vitória? Onde estava o prazer íntimo de saber que eu era o melhor?

Mas no fundo eu sabia que não era nada disso. Era a hora de deixar para trás todas as minhas ilusões e encarar os fatos. Eu não vencera nada, não fora o melhor na pista, apenas sobrevivera a ela. Se meu amigo Saurec não tivesse morrido a vitória teria sido dele.

Entregaram-me o troféu. Um diamante lapidado do tamanho do meu punho fechado. Provavelmente oriundo das minas de Skoar. Eu o segurei e a multidão me ovacionou. As câmeras de transmissão flutuavam no ar tentando pegar meu melhor ângulo. Olhei para todos e fiquei surpreso ao constatar que naquele momento os odiava. N'gar tinha sido o campeão do ano passado; mesmo assim ninguém lamentava sua morte. Enquanto eu só conseguia pensar nos colegas massacrados na pista. Percebi que se eu tombasse no próximo campeonato não faria a menor diferença. Haveria um novo campeão a saudar. Rei morto rei posto.

Eu não era um vencedor. Era apenas o palhaço principal em um circo onde os grandes proprietários embolsavam rios de dinheiro, e os espectadores tinham o seu ópio garantido. Imaginei que no próximo ano a pista estaria ainda mais perigosa. Mais emoções baratas. Mais dinheiro. O círculo sempre voltava ao início.

Desci do pódio calmamente e decidi que no próximo ano eu não estaria ali. Já era hora de amadurecer e sair de baixo da lona. Mesmo porque do lado de fora brilhava o maior sol.

Ilustrações:

Capa: R. Schima, baseado no seu conto *Ao Encontro do Sonho*

R. Schima: logotipos, 14, 19, 27, 30, 37, 39, 61, 69 e 3ª capa

Bob E. Hobbs: 47 e página central

Michael MARRAK: páginas centrais

Tom Foster/Ken Fletcher: 72

Vocês não acreditam em coincidência ? Pois então vejam só essa.

Foi há algum tempo, quando eu servia como imediato no cargueiro Kutuzov. Certo dia, eu e o capitão Lorr estávamos na sala de observação da ponte, vendo o planeta Rabukhói deslizar lentamente a estibordo. Eu resolvi perguntar ao capitão porque não fomos entrar em órbita, já que estávamos no espaço há mais de seis meses e Rabukhói era um bom porto comercial. Ele suspirou, virou-se para mim e disse :

- Devo confessar, Tremon, que minhas razões são um tanto pessoais. Mas creio que, como meu imediato, você tem o direito de saber.

Ele me contou, então, que já tinha estado no planeta anos atrás, durante a sua viagem de instrução como cadete da Marinha Colonial. Embora ninguém tivesse permissão para ir a Rabukhói, ele havia conseguido "emprestada" uma nave auxiliar para emergências e pousado. Depois de muitas farras, ele acabou a noite num bordel. Só que, ao acordar, ele encontrou a mão esquerda envolta em curativos. E descobriu que o dedo mínimo tinha sido cirurgicamente removido. Ele não se atreveu a comunicar o fato às autoridades, com medo de ser punido por ter descido à superfície.

- E desde essa época eu passei a usar estas luvas negras -- ele falou, tirando a luva esquerda e mostrando a mão mutilada.

Olhei estupefato para a mão do capitão e depois comecei a rir. Um acesso de riso incontrolável, que deixou o capitão Lorr muito ofendido. Depois que consegui voltar a ficar sério (e acalmar o capitão) é que eu expliquei:

- Desculpe-me, capitão, mas é que estamos diante de uma das mais estúpidas, mais inacreditáveis coincidências de que eu já ouvi falar ! Não sei se o senhor sabe, mas minha segunda esposa tem parentes em Rabukhói, e eu conheço um pouco a cultura deles. Eles são essencialmente boas pessoas, mas são um bocado supersticiosos. Como eles recebem poucos visitantes de outros mundos, consideram qualquer encontro casual com alguém "de fora" como um sinal de boa sorte. Para manter essa boa sorte, eles costumam guardar alguma recordação do viajante como amuleto.

Tirei um objeto do bolso da túnica e fiquei brincando distraído com ele por alguns instantes, antes de continuar :

- Quando me casei, minha esposa ganhou um desses amuletos de uma de suas primas como presente de núpcias. Segundo ela, era a lembrança de um jovem e belo cadete da Marinha. Minha esposa insistiu em que eu sempre o carregasse comigo, embora eu ache o amuleto um tanto macabro. Muitas vezes pensei em jogá-lo fora, mas agora fico feliz em tê-lo guardado.

Estendi o amuleto para o capitão : uma caixinha de vidro selada a vácuo, com um dedo mínimo esquerdo no interior.

- Senhor, tenho a honra de devolver seu dedo perdido.

O capitão Lorr ficou muito pálido, e olhou perplexo para a caixinha por alguns instantes. Depois, apanhou a caixinha, guardou-a no bolso e saiu da ponte, sem dizer uma palavra.

Fico contente por ter esclarecido um episódio infeliz da vida do meu capitão. No entanto, acho que ele podia pelo menos ter agradecido, ou retribuído de alguma outra forma.

Porque, nem assim, pousamos em Rabukhói.



Era janeiro de 1999.

A noite estava fria na pequena cidade, como fria deveria ser toda e qualquer noite de inverno. Passava da meia-noite e poucos automóveis circulavam pelas vias principais, cada qual carregando consigo seus sonhos, pesadelos e fantasias. De um modo geral, o que se tinha eram sombras mudas e escuras deliciando-se com o sereno, com o roçar de papéis amassados, folhas mortas e galhos retorcidos.

Era uma pequena cidade.

Apesar dos séculos, ela pouco fez para crescer, para acompanhar suas irmãs rumo ao progresso, ao futuro onde a energia nuclear andaria passo a passo com inacreditáveis realizações materiais. Não, ela optou por não se desenvolver assim. Manteve suas casas de madeira, suas árvores ornamentando as ruas, as flores sob as janelas. De vez em quando, até mesmo uma carruagem percorria os calçamentos de pedra ao som ritmado dos cascos. Decidiu ser menina para sempre, bucólica por toda a vida. E muitos a amavam por isso.

E, num dos inúmeros cantinhos dela, algo estava por acontecer.

Um movimento sorrateiro e sem ruído. Era um pedaço da noite, um enorme gato preto, feito das sombras mais escuras. Cruzou uma das ruas silenciosas, subindo posteriormente calçada acima até alcançar o portão de uma das casas, aonde entrou. Momentaneamente, seus olhos brilharam como duas chamas ao refletirem a luminosidade de uma lâmpada pendente sobre a varanda. Não se deteve e prosseguiu com sua marcha furtiva, subindo e subindo, até pular sobre a amurada de madeira, equilibrando-se com perfeição.

Repentinamente, uma porta de tela rangeu e o gato soltou um guincho estridente, assustado.

- Salem ... é você? -- perguntou a voz rouca.

Os pelos do felino se assentaram e ele se esgueirou na direção daquele homem que saiu, movimentando-se na cadeira de rodas. A porta se fechou com outro rangido, encerrando a atmosfera antiga da construção. Num pulo ágil, o animal pousou sobre o colo do seu dono.

- Isso, bichano, é assim que se faz.

A luz artificial iluminou a mão coberta de rugas quando ele se movimentou até quase tocar os pés na amurada. Acariciou a pelagem sedosa lentamente.

- É assim que se faz -- repetiu o velho, voz cansada.

O gato ronronou, saboreando o toque em seu dorso e sob o pescoço. Cerrou os olhos de fogo.

Diante do homem, havia uma escadaria de cimento que descia até o portão e há anos não era utilizada; à direita, encontrava-se a rampa por onde ele saía e entrava na casa sempre que precisava. O mato crescia nos jardins mal cuidados. Fungos se desenvolviam na escuridão do cercado. Uma macieira e um pinheiro cobriam a visão do outro lado da rua; na escuridão da noite, não passavam de vultos gigantescos farfalhando um para o outro, murmurando segredos de celulose.

Ele ergueu os olhos das árvores para o céu. O rosto pálido e enrugado, parcialmente iluminado pela lâmpada sobre a varanda, contraiu-se, e ele recuou um pouco, escondendo os cabelos brancos e o olhar cintilante de menino. Na proteção da penumbra, ele fitou a abóbada e suspirou. Sim, elas continuavam lá. Estavam lá sempre e sempre, e ele as amava, todas elas, desde que era um garoto correndo feito maluco pelos milharais com seus tênis encardidos. Como milhões de outras vezes, esticou a mão direita na direção delas e, como em tantas e tantas vezes, não as alcançou, exceto em seus pensamentos. Relaxou os lábios comprimidos e expirou o ar frio dos pulmões.

As estrelas.

Os dedos e os braços se encolheram, e, melancolicamente, voltaram a alisar o dorso invisível de Salem.

Mas os olhos do velho permaneceram fixos nos grãos de luz. Todas as

noites ele saía religiosamente para a varanda a fim de admirá-los. Pequenos sóis : brancos, azuis, amarelos e vermelhos; nessa noite, em particular, pareciam mais brilhantes, mais vivos. Eram olhos de serpentes, hipnotizando-o, atraindo, chamando. "Venha para nós", disseram. Teria ele ouvido ? "Venha para nós", repetiram. Meneou a cabeça. "Venha para nós". O pinheiro sussurrou para a macieira. Vento repentino. Frio. Inverno. Estrelas ansiosas.

Uma dor lancinante atingiu o peito do homem e ele dobrou sobre si próprio como uma folha que queima.

- Ahhh ... -- gemeu.

Lágrimas brilharam dos olhos fechados e ele inspirou profundamente, repetidas vezes, até o mal-estar ir embora. A vida toda percorreu sua mente como um raio. Tornou a olhar para o céu.

Tudo era luz, vento e frio.

Ainda que não fosse poderosa, a luz atingiu-o em cheio. Assustou-se. Cobriu os óculos de aros grossos e pretos com as mãos. Por um instante, pensou que fosse algum incêndio repentino ou o holofote de algum helicóptero silencioso.

Não era um incêndio e nem holofote. De um momento para o outro, a noite se transformara em dia.

- Mas que diacho está ... Maggie ! -- gritou pela esposa.

Deu meia volta com a cadeira de rodas, procurando pela porta de tela, buscando pela mulher, tentando fazê-la despertar.

Maggie havia desaparecido. A varanda e o piso de carvalho haviam sumido. A parede volatilizara-se. A porta de tela ... Onde estava a casa inteira?

- Maggie ... -- balbuciou, ciente de que não obteria resposta. Seu olhar estava preso na direção em que deveria estar a tela e, além desta, o interior aconchegante da sala.

Agora, tudo o que o velho via era um horizonte empoeirado e vermelho, um chão cheio de pedras e um céu muito claro e sem nuvens.

As mãos encarquilhadas procuraram consolo na pelagem escura de Salem; entretanto, o felino também tinha sumido.

Ele estava sozinho na imensidão do deserto. Um homem velho e desamparado, os cabelos ralos totalmente brancos, os óculos antiquados protegendo as vistas de menino. Não passava de uma criatura indefesa, paralisada por aquelas colinas desconhecidas, onde não deveria haver colinas.

"Calma, Raymond, você pode estar idoso, porém ainda não perdeu os parafusos ... Não perdi ? Então, em nome das estrelas, o que diabo estou fazendo aqui no meio de coisa alguma ? Onde é que aqui é aqui ?".

Ainda podia sentir o odor secular da cidadezinha, ouvir o ranger de cadeiras de vime sob os alpendres, ver meninas de guarda-sóis coloridos caminhando até a praça principal. Entretanto, tudo isso se foi com uma rajada de vento a esbofetear-lhe o rosto. Encolheu-se como um coelho amedrontado. Era um vento frio, glacial, mais gelado do que a corrente de ar que sentira na varanda. Trouxe o casaco para mais junto do corpo, ajeitou o cobertor sobre as pernas e ficou a tiritar. Viu sua respiração esbranquiçada emergir dos lábios feito fumaça da chaminé. Finalmente, enchendo-se de coragem, tornou a movimentar a cadeira, girando-a. O cascalho estalou novamente sob os pneus.

Colinas, colinas, colinas. Pedras, pedras, pedras. Pó, pó, pó ...

O sol ficou para trás e ele observou a paisagem árida, sentindo-se muito sozinho, ainda que fosse um amante da solidão. Desejou ver alguém, conversar, rir um pouco. Há quantos anos não soltava uma boa risada ? Sua sombra alongava-se diante dele, irregular, acompanhando os relevos das rochas.

Então, estalou os dedos.

"É isso ! Velho estúpido, você dormiu enquanto mirava as estrelas e agora está metido num sonho maluco. E, em breve, irá acordar aliviado e faminto por uma tigela de leite com flocos de milho".

Para onde ir ?

"Nada disso ... vou ficar bem aqui. Esta pedra esburacada que estou vendo não existe. Aquele vale adiante também é uma miragem, faz parte da ilusão. Não tem um sol batendo na minha nuca e muito menos esse céu cor-de-rosa cobrindo tudo. Boa imaginação, Raymond".

Foi então que ele viu e ouviu aquela outra sombra se aproximar. A cadeira de rodas se movimentou, guiada por mãos firmes no solo pedregoso.

- Ei ! Que-que-quem ?

- Não precisa ter medo, senhor.

A voz atrás de si tentou tranquilizá-lo inutilmente. Era suave, quase cantarolada, e tinha uma pronúncia diferente ... francesa ? Fazia lembrar os mordomos dos antigos filmes policiais. Mordomos ... Não eram sempre os culpados ?

Raymond girou a cabeça. Pouco conseguiu ver de seu interlocutor que obstruía o sol. Era um vulto alto e magro, todo envolto por um manto de tecido grosseiro. Os traços de seu rosto encontravam-se ocultos sob um capuz. Era um indivíduo muito estranho e despertou comichões no velho.

- Como não preciso ter medo ? O que quer dizer isso ?

- Significa ir ao encontro de um sonho.

A cadeira de rodas prosseguiu, indo e indo para a frente, deixando rastros no solo poeirento.

- Sonho ? Mas eu já estou nele ! Quer me fazer o favor de cair fora do meu sonho ? Pare de andar; não quero acordar no meio da rua.

O sujeito não respondeu nem tampouco parou.

Estava frio, muito frio. O vento assobiava.

- Quem é você ? -- inquiriu Raymond, sem se virar.

A voz melodiosa tinha um toque matreiro, felino.

- Pelo menos é um sonho educado -- murmurou Raymond

- Como o senhor disse, sou parte do seu sonho.

- Pelo menos é um sonho educado -- murmurou Raymond para si próprio, balançando a cabeça, insatisfeito. Deu de ombros e acrescentou em voz alta : - Vá lá, eu me entrego. Abandono a modéstia e aceito o título de "o maior fantasista do mundo".

O sujeito encapuzado soltou uma risada gostosa que se perdeu nos espaços daquele mundo desconhecido. Apesar do absurdo da situação, o riso contagiou o velho e ele sentiu parte do seu terror íntimo desaparecer. Isso já era alguma coisa. E era tão bom poder rir novamente !

Nos minutos seguintes, as duas figuras prosseguiram em silêncio, contornando uma colina após a outra, mantendo o sol sempre na retaguarda, embora as sombras fossem ficando cada vez mais curtas. Raymond fitava toda aquela paisagem de uma monotonia sem fim, inspirando o ar leve do tempo dos mamutes. Se ele estava verdadeiramente sonhando madrugada adentro na varanda de sua casa, estava começando a ficar um sonho muito chato. Normalmente, as imagens que surgiam eram movimentadas, mudavam bastante e se via constantemente em situações inusitadas. Tinham monstros, cenários cósmicos, bruxas agitando tachos nos caldeirões de ferro, gente que voava e dinossauros rompendo florestas do Cretáceo com músculos de aço. Por outro lado, se não estava tendo um sonho ... Ficou gelado, porque, se não estava dormindo, perdera a razão e isso era assustador.

Não se deu conta de quando foi que, aparentemente surgida do nada, a estrada poupou os pneus da cadeira de rodas e esta parou de sacolejar. O velho tinha a sua atenção presa a um desfiladeiro adiante, banhado pela luz fria, exceto nos paredes inferiores; entretanto, até nestes, onde resquícios de luminosidade conseguiam penetrar, reflexos dourados diziam que algo mais se ocultava nas sombras além dos rochedos. O desfiladeiro era um talho gigantesco produzido no relevo durante um tempo em que o solo principiou a baixar pelos efeitos da erosão. A estrada descia por uma colina íngreme diretamente para lá, para os reflexos dourados.

- O que tem lá ?

O estranho nada respondeu e continuou a caminhar.

Os paredes aumentaram como gigantes nascidos do ventre da terra, até Raymond conseguir decifrar o significado daqueles brilhos.

As ruínas.

- Uma cidade ... -- murmurou o velho para si, assobiando de espanto e esquecido do frio que congelava seus ossos. - É uma cidade de cristal ! Fabulosa ! Ainda que coberta pelo tempo, domos rachados e obeliscos partidos, é possível entrever sua grandeza. Ela ainda é grandiosa. De que época que é ?

O estranho girou a cabeça. O capuz fez um semicírculo de lá para cá. Suspirou audivelmente. Reflexos iridescentes, prismáticos, mágicos. Ladrilhos esmaltados. Cilindros transparentes. Mosaicos de pedras preciosas retratando cenas de um outro mundo. Edifícios de obsidiana. Altares de quartzo. Janelas de ametista. Uma povoação de contos de fada há muito escondida de olhares estrangeiros. Suspirou outra vez. Parecia estar vendo outras imagens, relembrando. Enfim, ele falou :

- Uma eternidade, senhor. Ela tem uma eternidade.

Raymond tentou fitá-lo novamente, sem sucesso. Havia alguma coisa na cadência daquela voz, nas palavras, que não soaram como uma figura de linguagem.

E o encapuzado prosseguiu :

- Os fantasmas continuam perambulando pelas alamedas, dormentes, famintos, febris. Seus pensamentos fazem ecos nos rochedos e refratam nas sombras. Aqui eles permanecerão até que a última ruína desfaça-se em pó e seja levada pelos ventos das planícies. São os senhores dos milênios, pois, mesmo na morte, encontraram a imortalidade; mesmo nos destroços, construíram devaneios; mesmo na mudez, fizeram-se ouvir. E eles sussurram. Eles sentem. Eles caminham. Eles estão aqui.

Em resposta a isso, o vento uivou através dos paredões. Era um lamento longo e triste. Vozes de espíritos antigos. Redemoinhos ergueram a poeira vitrificada que cintilou sob os feixes de luz. Uma pedrinha rolou de lá do alto e chocou-se contra uma torre, fazendo-a estalar.

O homem da cadeira de rodas encolheu-se todo, sem saber o quê responder, sem saber se haveria uma resposta. Cerrou os olhos, pensativo, desejando saber o que estava acontecendo, se estava sonhando ou se tinha enlouquecido, e para onde estaria sendo levado. Num impulso infantil, beliscou o próprio braço. Doeu.

Passaram por pirâmides, esferas, cilindros, fontes secas e janelas quebradas. O desfiladeiro foi se fechando até terminar em outro paredão; porém, a estrada continuava através dele, num túnel às escuras. O estranho não hesitou e ambos sumiram através dele.

Olhando sobre os ombros, Raymond viu a luz emoldurar o corpo do desconhecido, uma luz fraca que foi pouco a pouco sendo absorvida pela densidade das trevas. Desejou retroceder, buscar a segurança da claridade e percorrer as ruínas a fim de desvendar seus mistérios. A escuridão era total e o frio, mais intenso do que nunca. Aparentemente isso não constituía qualquer dificuldade para o encapuzado, que andava com segurança como se enxergasse ou fosse dotado de radar. O som arrastado dos pneus e dos pés eram aumentados pelos ecos. Estavam sós. Raymond lembrou sua infância, quando, no velho sótão, encontrara um livro sobre bruxas e demônios. Lera sobre sabás e monstros mágicos, sobre ritos secretos nas profundezas da floresta, sacrifícios humanos e pactos diabólicos. Ficara com muito medo então; contudo, ficara também igualmente fascinado. Havia outros mundos, outros universos além das limitações cotidianas. Fosse nos casarões mal-assombrados ou na amplidão da galáxia, os livros mostraram uma riqueza antes ignorada. Feiticeiras, selenitas, unicórnios, dragões e espaçonaves inundaram sua mente. E estavam lá agora, ocultos nas trevas do túnel sem-fim, aguardando por ele.

Finalmente, após percorreres o que pareceu ao velho uma jornada de quilômetros, uma luzinha surgiu adiante, à semelhança da primeira estrela a surgir no céu ao cair do crepúsculo. Dirigiram-se para ela como insetos de verão ao redor dos postes de luz. Deuses e demônios ficaram para trás. O céu sem nuvens, cor-de-rosa, foi bem-vindo. Emergiram na borda do penhasco e o estranho caminhou para mais perto dela. "Sacrifícios humanos ...".

- Não vai me jogar, vai ?

- Deveria, senhor ?

- Não acredito que seja uma boa idéia -- disse Raymond, não muito seguro de si.

O estranho tornou a rir. Tocou suavemente num dos ombros do velho, dedos finos e compridos, de tonalidade escura, incomum. Raymond ficou absorto, vendo os contornos daquelas falanges sob a pele. Uma voz gritou dentro de si, tentando fazê-lo se lembrar.

- Senhor ... -- murmurou o acompanhante.

- Hã ?

Um dedo escuro apontou para a frente, para o cenário visto do alto do penhasco.

E Raymond viu também.

Era uma paisagem surgida de seus sonhos de menino, deitado no gramado, o olhar preso às estrelas e planetas.

Soltou um gemido de puro espanto.

Mirou os desfiladeiros, os canais ressequidos, as colinas, as dunas de areia, o solo ferruginoso e avermelhado. Mas, o que chamou mesmo a sua atenção, foram as crateras. Crateras ! A voz em seu interior berrou vivas; uma voz infantil.

- Meu Deus ... É Marte ! Estamos em Marte !

- Hum, hum -- concordou o outro -- Bom e velho Marte.

O vento gelado mais uma vez retornou para fustigar os ralos cabelos brancos. O corpo enfraquecido enrijeceu. Sangue novo percorreu veias e artérias.

- Mas como pode ser ? -- indagou o velho. Diga-me, por favor, diga-me se perdi a razão.

A voz aveludada desafiou os ventos do penhasco, dos desfiladeiros, dos leitos secos de rios e das crateras, e chegou de mansinho :

- Se ir ao encontro do seu sonho é enlouquecer, então o senhor está louco há muito e muito tempo.

- Marte ... Não pode ser, não ... Mas afinal de contas, quem é você ?

Raymond continuava a não poder ver o rosto sob o capuz; porém, teve a impressão de que seu interlocutor sorria, um sorriso gentil e paciente.

- Pode me chamar de Mmm.

- Eme-eme-eme ?

- Isso.

o homem da cadeira de rodas meneou a cabeça, desconsolado.

- Pirei de verdade.

Mmm prosseguiu, levando o velho através de caminhos tortuosos, deixando seixos rolarem, evitando ribanceiras e passagens mais íngremes. Foi descendo, descendo, acompanhando uma esarpa até que, finalmente, alcançou a planície.

Raymond sentia-se perdido numa floresta tenebrosa, querendo voltar, mas sem saber o caminho. Recordou-se da Mariner 9 e das naves Viking, que revelaram um deserto glacial e isento de vida. Nada de homens encapuzados ou ruínas reluzentes. Nada de marcianos ostentando placas com os dizeres : "Bradbury estava certo !", como ele tanto sonhara.

A cadeira de rodas rodou por mais algum tempo até que Raymond, atrás de seus óculos, avistou vultos saírem por detrás de um rochedo esburacado e caminharem sem pressa em sua direção. Eram duas pessoas e vestiam-se do mesmo modo que Mmm, cobertos dos pés à cabeça.

- Sr. Raymond Bradbury ? -- perguntou aquele que ia à frente, quando já estava bem próximo. Seu sotaque era tão curioso quanto o de Mmm, o timbre mais grave.

- Eu mesmo.

- Maravilhoso ! Estávamos à sua espera por um longo tempo. Eu me chamo...

- Não, não diga -- pediu o velho, erguendo a mão enrugada. - Seu nome é Ene-ene-ene.

- Não -- riu o peregrino do deserto. - Nnn não pôde vir. Meu nome é Ppp. Este é meu irmão Qqq.

O encapuzado ao lado abaixou a cabeça, cumprimentando.

- Ah, claro, naturalmente. Como é que eu pude cometer tamanho engano ? E vocês são todos marcianos ...

... juntou-se aos outros dois e os três confirmaram num gesto de cabeça. ... e eu sou o Pato Donald -- completou Raymond. Os encapuzados trocaram olhares entre si. Zumbidos agudos fizeram cócegas nos ouvidos do idoso. Então, um a um foi abaixando o capuz, revelando suas faces ao sol distante.

Raymond Bradbury espremeu os óculos para mais junto dos olhos e observou, incrédulo, aqueles rostos estranhos e, contudo, tão familiares. Sim, ele os reconheceu de seus sonhos, milhares de sonhos, falando de gente de pele castanha e olhos cor de ouro. Há muito perambulavam no interior de sua mente até ele se atrever a escrever sobre essas criaturas, compor livros sobre elas, dar forma às abstrações. Eles eram seus, pertenciam-lhe, eram os seus marcianos. Sentiu-se retornar à juventude, quando na garagem dos fundos de casa ou no porão da universidade, passava horas e horas datilografando em barulhentas máquinas de escrever, perdido numa infinidade de mundos à medida em que ia compondo histórias fantásticas destinadas a deliciarem gerações de leitores pelo planeta inteiro.

O vento soprou no canal mais próximo, formando um redemoinho avermelhado, que percorreu o acidente geográfico até onde a visão permitiu alcançar. Ventava muito em Marte, apesar da atmosfera rarefeita; uma atmosfera de dióxido de carbono letal para qualquer ser humano e, entretanto ...

- Sr. Bradbury -- disse aquele que se chamava Ppp -- penso que irá apreciar isto.

O velho viu o marciano mexer na sua indumentária, vasculhar um bolso oculto e dele retirar uma coisa retangular de metal que cintilou sob a luz, reflexos prateados. Raymond esticou o braço e o apanhou, sentindo o contato gelado.

- Um livro de metal -- balbuciou.

- Sim. Abra-o.

Não havia letras, quaisquer caracteres; porém, ao roçar dos dedos enrugados, uma voz tão melodiosa quanto a de Mmm brotou, inundando a solidão do deserto e cantarolou juntamente com o uivar das correntes de ar em grutas escondidas. Era uma linguagem desconhecida, mais antiga que a humanidade, tão perpétua quanto as estrelas. E, apesar de indecifrável, de alguma forma Raymond soube. Ele a compreendeu. Era o seu livro, "As Crônicas Marcianas", contado na língua nativa, um dialeto morto mesmo entre os mais velhos marcianos. E seus dedos continuaram a percorrer as páginas de metal. A voz imortalizada prosseguiu, narrando a saga de todo um planeta. O coração do velho saltava dentro do peito como feijões mexicanos. O medo se fora para o éter; sentia-se confuso demais para ter medo; pensamentos demais; coisas demais cavoucando seu ser, ressuscitando fantasmas peraltas, arrastando correntes. Aquilo tudo era impossível, inconcebível, inacreditável. E, por ser tudo isso, os temores se foram. Estava com os seus. Sentia-se em casa. As pálpebras cobriram o palco, comovidas.

Os dedos acariciaram o rodapé de uma das páginas prateadas. A voz cantou sobre festejos nativos, embarcações velejando pelos canais, crianças correndo pelas dunas de areia, e construindo castelos de rubis. Havia risos e lágrimas naquela voz. Falava com saudade de um tempo que a aridez apagou, de memórias que se foram para sempre. A voz se calou. Raymond fechou o livro de metal. Cabisbaixo, ergueu as pálpebras lentamente, saboreando o último som, até ele desaparecer.

- Lindo, muito lindo. Tentei imaginar como seria muitas e muitas vezes, no silêncio da noite, sozinho em minha casa. Pensei em pássaros tropicais, em sintetizadores, em diferentes instrumentos de sopro. Jamais fui além de um sentimento de que algo estava faltando. É muito mais lindo do que eu poderia conceber. Uma voz que fala por todas as vozes, e, não obstante, é única e também fala somente por si.

Ppp recusou delicadamente o livro que estava sendo devolvido e deliciou-se com a alegria estampada nos olhos do terrestre. Falou:

- Enviamos nossas mensagens para a Terra desde os tempos em que as águas corriam por nossos canais e no fundo dos desfiladeiros, quando o ar era mais pesado; e a vida, abundante. Narramos nosso drama, nossas emoções, nossos medos, nossa sabedoria e nossa imprudência. Por milênios, só

recebemos de volta o silêncio, ou, no máximo, um murmúrio ... O senhor foi o único que nos entendeu e nos amou. Foi o único que soube levar nossa palavra de paz para os seus semelhantes, fazê-los ouvir. É por isso que está aqui.

O homem idoso ergueu o rosto para o sol a pino.

- Mas como? Como cheguei? A Terra, Maggie ...

Aquele que se chamava Qqq se aproximou. Agachou-se até nivelar seu rosto com o de Raymond. Sua pele era muito lisa; traços angulosos davam-lhe uma expressão firme e simultaneamente bela. Os olhos dourados piscaram.

- Há vários anos que Maggie está aqui, à sua espera -- disse Qqq mansamente -- você não se lembra?

- Vários anos?

- Sim, vários anos.

- Maggie ... aqui?

- Exatamente, Sr. Bradbury -- confirmou o marciano.

As rugas de Raymond se pronunciaram, entrecortaram-se como leitos de rios secos vistos do espaço. E ele recordou-se. Viu novamente o piso de madeira, o alpendre, Salem no seu colo, a porta entreaberta, a sala vazia, as poltronas com uma fina camada de poeira ... Pelo Criador do Universo, como poderia ele ter se esquecido? Há uma eternidade que sua amada Maggie se fora, carregando consigo a metade de uma outra vida. E todas as noites, a partir de então, ele voltou os olhos para o céu, procurando encontrar conforto entre as estrelas, sentindo, todavia, aquela imensidão comprimir seu peito e a saudade sufocar seu coração. E o único consolo era aquela estrelinha vermelha, que não era uma estrela, e que parecia chamá-lo como tantas e tantas vezes o chamara durante a infância e a adolescência nos campos verdes do Illinois.

Raymond Bradbury levou uma das mãos à garganta. Estava dolorida e ele soluçou.

- Eu estou morto?

Qqq e os outros marcianos sorriram. Era um sorriso sublime como o de uma criança recém-nascida.

- O que é morrer, Sr. Bradbury -- respondeu Ppp -- senão o despertar de um sonho duradouro? E o senhor sempre foi um grande sonhador.

- O maior fantasista do mundo -- disse Mmm.

Raymond chorou e não soube dizer porque chorava.

Quando as lágrimas secaram, Qqq, ainda agachado, estendeu a palma de sua mão esquerda e cobriu os olhos do velho.

- Maggie aguarda por você. As ruínas de cristal aguardam por você. Há pterodáctilos planando além de uma cadeia montanhosa ao sul. No leste, uma família de andróides prepara jantares deliciosos todas as noites. Fochetes cortam o céu acompanhados por bolas de fogo azuis. Fadas invisíveis beliscam a mente de adolescentes em noites de verão. Há a solidão também, vinda das planícies rubras deste mundo, do nosso mundo. E ele é todo seu, sempre foi. Somos parte do seu sonho tanto quanto o senhor faz parte do nosso ... É hora de acordar.

A vista foi descoberta e Raymond pôde ver novamente. E ele viu. Num vale a poucos quilômetros, onde nada mais havia além de rochas e areia vermelha, uma belíssima cidade transparente brotara do solo. Não era um punhado de ruínas, mas viva, pulsante, respirando. Conseguiu divisar formas perambulando suas ruas vitrificadas, carros aéreos realizando acrobacias entre os obeliscos de safira. De algum lugar partia uma melodia semelhante à de uma flauta. Uma criatura alada com asas semelhantes às de um morcego sobrevoou um cais e prosseguiu seu caminho até perder-se no horizonte. Havia barcos à vela no cais e uma corrente espumante corria pelos canais. Marte retornara à vida.

Raymond olhou para os lados a fim de agradecer aos seus anfitriões. Eles haviam sumido. Foi novamente tomado pelo vazio; contudo, rapidamente preenchido pela música vinda da cidade, pelos seres que avistava, cor

rendo, conversando, sorrindo e amando. Sentiu-se muito bem, mais vivo do que jamais sentira durante séculos e séculos na velha casa de madeira. Subitamente, um dos pequeninos vultos destacou-se dos demais e passou a caminhar na direção em que o idoso de encontrava. A princípio, Raymond ficou intrigado, imaginando o que mais estaria por vir. Então, uma campainha soou dentro de seu cérebro e ele apertou o livro de metal em seu colo até os dedos doerem.

- Isso é ... impossível !!!

A figura continuou no seu andar sem pressa, a saia comprida arrastando pelo chão, varrendo o pó das eras. Os cabelos iam até a cintura, livres, levados pelo vento. O rosto era uma maçã tenra, recém-colhida, viçosa e perfumada. Era um rosto que as memórias do escritor conheciam de décadas passadas, quando era pouco mais que um adolescente apaixonado.

- Maggie !

- Raymond !

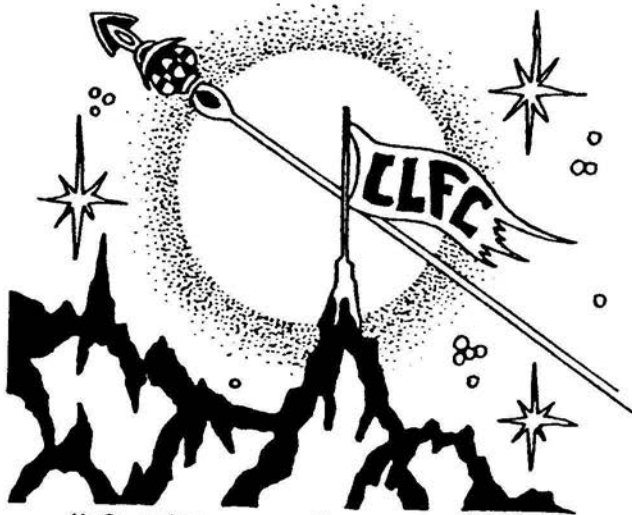
Era a mesma voz de que ele se lembrava, o mesmo timbre impossível. Sem se dar conta, pôs-se de pé, abandonando pela primeira vez em muitos anos a sua cadeira de rodas. Os dedos sem rugas, jovens, depositaram o exemplar alienígena de "As Crônicas Marcianas" sobre o cobertor, e ele correu em direção à mulher, inspirando o ar frio daquele princípio de tarde. Ela também correu em sua direção. E, finalmente, abraçados, dirigiram-se para a cidade de cristal até se transformarem em dois pontinhos muito pequeninos para serem distinguidos separadamente.

NOTA DO AUTOR

A idéia deste trabalho surgiu da leitura de uma pequena matéria sobre Bradbury publicada no fanzine "Somnium" nº 50, pag. 30, de março/abril de 1991, a qual se iniciava assim :

"Ray Bradbury nasceu em Waukegan, no Estado de Illinois, em 22 de agosto de 1920. Já tem marcada a data de sua morte : janeiro de 1999, quando comecem os acontecimentos de seu livro 'As Crônicas Marcianas'".

Pretendi dessa forma homenagear este autor por quem nutro sincera admiração desde que vi uma versão em quadrinhos de seu conto "O Lago", quando garoto. Bradbury vive, e creio que sua esposa também. Votos para que vivam mil anos, tanto na Terra quanto na memória dos homens.



INTRODUÇÃO À PSICONÁUTICA ELEMENTAR

Ricardo Jorge Teixeira Martins

Querem saber porque me dei mal - por que um psiconauta competente como eu, de consultório montado, pacientes ricos, prestígio entre seus pares, caiu em desgraça e acabou por vir parar a um país bárbaro, de costumes selvagens, muito longe da sua terra natal ? Então escutem a história triste que tenho para contar.

Foi há muito tempo, na minha saudosa pátria, quando eu ainda tinha um lindo consultório na 23rd Avenue. Vários anos se passaram, mas parece até que foi ontem, segunda-feira, dia em que afloram as neuroses. Eu estava cansadíssimo, pois tinha passado a manhã inteira caçando a mim mesmo dentro do cérebro de uma paciente, uma neurótica que cismou de se apaixonar por mim e que agora, além de não conseguir transar direito com o marido (problema que a levou ali, no início), não conseguia fazê-lo com mais ninguém. Não imaginam a quantidade de lugares no seu cérebro em que encontrei a minha própria cara, uma figura de idiota vestindo uma armadura medieval e ...

Bem, importa dizer é que eu estava caído sobre a minha mesa, pensando na vida, quando me entrou pelo consultório uma mulherzinha meio esquisita (opinião não profissional, é claro).

- Ah, Doutor Floyd, só o senhor pode me ajudar -- foi o que ela disse.

E só você pode me ajudar a comprar aquele carro esporte no mês que vem, foi o que eu pensei, sempre atento ao valor dos pacientes. Mas, é claro, não manifestei esse pensamento súbito. Os pacientes gostam de acreditar que suamos por eles e apenas por eles, de modo que não vi motivo para desfazer já as ilusões da tal mulherzinha. E, se ela havia ficado dois meses na fila, que era o tempo médio de espera para se consultar comigo, é porque devia ter um problema daqueles de tirar o sono. Nada muito original, vi logo, pois até os problemas mais graves acabam por se repetir, sobretudo se lidamos com eles profissionalmente. Na certa friidez ou anorgasmia, ou talvez os dois, que era o que o comportamento dela sugeria. E não é que era mesmo ? Depois de ela se sentar e se acalmar um pouco, eu interpretava com toda a classe o papel do profissional competente, dedicado e atencioso com os seus pacientes, perguntando coisas genéricas e tentando me entrosar, quando ela me interrompeu e exclamou :

- Doutor, não consigo gozar de jeito nenhum.

Eu pensei comigo que no Kama Sutra estavam listados quarenta e dois "jeitos" que fariam esse "de jeito nenhum" parecer meio precipitado, mas sabia que ela não se referia à parte física da questão; caso contrário estaria em sexoterapia, não ali. Talvez até se referisse -- a humanidade é muito preguiçosa, mesmo nessas questões -- mas tendo ela entrado no meu consultório e ocupado preciosos minutos do meu tempo, eu iria resolver o problema do meu jeito, isto é, fazendo valer cada um dos milhões de centavos que ela iria pagar.

Só que a mulherzinha ainda não tinha terminado de confirmar o meu diagnóstico. Olhou-me com uma expressão trágica, baixou o rosto e falou, em um tom que quase não ouvi :

- Além do mais, meu marido diz que sou frígida. -- Ela respirava forte, como se estivesse prestes a desmentir, através de atos inequívocos, a sua declaração.

- Já tentou trocar de marido ? -- perguntei, só para orientar a conversa para onde eu queria.

A mulher, sra. Brandon, aliás, deu um suspiro daqueles bem cinematográficos, tipo Greta Garbo em meio a uma leve crise de bronquite asmática.

- Três vezes -- bradou. - Já troquei de marido três vezes, e os quatro disseram a mesma coisa : frígida -- pronunciou a palavra como quem cospe uma barata que encontrou no sorvete.

Não costumo confiar na opinião de leigos nesses assuntos especializados, mas o diagnóstico unânime de uma junta de quatro sexoterapeutas amadores não deve ser desprezado.

Mesmo assim ...

Regra número um do psiconauta, extensível aos psicanalistas em geral: se quiser receber os honorários pelo seu trabalho, sem recorrer a um tribunal, jamais dê razão ao cônjuge do seu paciente, por muito feliz e harmonioso que pareça o casamento. Sabe-se que os matrimônios são a maior causa de psicopatologias no planeta, e não há psiconauta que dê conta. Se o profissional compactuar, através de atos ou palavras, com essa instituição falida, o seu nome será imediatamente associado ao mal absoluto, e o mais provável é que nunca mais ouça falar de um paciente que, de outro modo, poderia constituir longa e duradoura fonte de renda, quem sabe até de algo mais.

Logo :

- Os quatro estavam errados, evidentemente. Não têm a menor noção da teoria e prática da psicanálise, caso contrário saberiam que o conceito de frigidez é desprovido de base científica. Como todas as mulheres, você é dotada de um potencial psico-erótico de alto grau, que só precisa do estímulo adequado para despertar.

Ela me encarou com uns olhos enormes, como fazem todas as suas compatriotas, habitantes do país das frígidas, quando chego a esse ponto do diálogo. Não é por acaso; as minhas palavras são intencionalmente ambíguas. Nunca se sabe quem, dentre essas milionárias problemáticas, está disposta a patrocinar em caráter permanente as pesquisas pioneiras de um jovem psiconauta.

- Eu refiro-me, é claro, ao tratamento de psico-sondagem neuro-computadorizada. É essa a minha tarefa aqui.

Um longo suspiro de decepção velada foi tudo que ouvi. Mas não liguei. Espera só até ela ver o preço da consulta. As decepções mal tinham começado.

Digo isso porque cada consulta sai bem cara -- muito mais, astronômicamente mais, do que uma sessão comum de psicanálise. É lógico; o meu trabalho é muito mais complicado. Enquanto o psicanalista nem arranha a superfície, perdido num bate-papo que produz mais sono do que resultados, eu mergulho direto nas profundezas do problema. Não me limito a símbolos, metáforas do inconsciente ou sonhos que possam refletir algo interior; eu viajo até esse interior, fico cara a cara com ele, convivo com ele. Se é uma experiência traumática que incomoda o paciente, desço até o nível neurodinâmico em que ela se encontra registrada e a passo e repasso quantas vezes for necessário, transformado que estou em um tipo de "programa caçador". Testemunho o trauma, vejo onde e como ele se fixou, quais as associações inconscientes, nocivas, que gera. E, quando percebo o seu mecanismo de ação, passo à parte ativa do tratamento : interfiro, altero, transformo aos poucos a memória traumática até os seus efeitos subliminares serem eliminados. Posso fazê-lo como observador, como testemunha ou como personagem ativo -- alguém que, por exemplo, tape os olhos do paciente-criancinha e o impeça de ver Papai&Mãe transando -- apagando assim a seqüência de memórias gravadas e, logo, eliminando o trauma e uma porção de problemas.

Sinto-me, portanto, no direito de cobrar muito alto, pois também são altos os benefícios para os meus pacientes. Não é todo dia que alguém pode se ver livre de um trauma que carregou a vida inteira, uma besteirinha que viu quando criança mas que, não obstante, atrapalha o tempo todo. E nem é todo dia que se pode despender a verdadeira fortuna que eu cobro a cada sessão. Como já disse, para altos benefícios, altos preços. Chamo a isso coerência profissional.

Resolvi não perder mais tempo; a agenda estava cheia, eu morto de cansaço, e daí a pouco teria de fazer uma sessão a domicílio em um casarão do outro lado da cidade. Por isso, fui rápido. Peguei mais uns detalhes do seu histórico clínico, fiz alguns testes simples de neurocompatibilidade, preparei o orçamento e anunciei :

- O preço é de 2500 dólares por sessão, devido à raridade do seu caso. O tratamento será feito em dez sessões de meia hora, a primeira pode começar hoje mesmo e garanto-lhe que ao fim da décima sessão você estará tão em forma quanto Messalina nos seus dias de glória. Aceita ?

Ela aceitou.

O primeiro mergulho foi aquela coisa de rotina : teia de aranha pela frente, portas emperradas, janelas sujas, bagunça típica de um cérebro pouco usado. As memórias estavam fora do lugar, havia informações esquecidas atrás das coisas e em todo lado se via poeira, muita poeira, cobrindo as idéias, o raciocínio, a imaginação, até a libido. Não admira que nada funcionasse direito. Mas, como era a primeira sessão, com outras nove pela frente, nem mexi. Limitei-me a anotar a posição das memórias mais importantes, para facilitar uma busca posterior, e a tirar de leve a poeira que cobria a libido -- para que ao chegar a casa ela tivesse a ilusão de que o tratamento já começava a funcionar. Mas, óbvio, não ia conseguir nadinha; eu não seria besta de a curar na primeira sessão.

A causa em si, a origem do problema, era uma coisa boba; vi logo que entrei. Não passava de um trauma comum de infância, coisa de manual de psicanálise : Mamãe parece que sofrendo enquanto Papai parece que batendo. Não sei como ela própria não tinha desconfiado.

Terminada a consulta, garanti à sra. Brandon que se tratava de um caso muito complexo, que talvez até viesse a requerer um tratamento suplementar -- mais cinco ou dez sessões, preço especial. Depois, mandei-a embora com o meu Sorriso de Despedida Nº 3.

As reuniões seguidas não foram muito diferentes. Passei por alguns níveis do seu corpo neurodinâmico superior, explorei dois ou três subníveis e dei uma olhada no centro de traumas. Nada, é claro, com propósitos terapêuticos; a cura seria tão simples que não havia necessidade alguma de pesquisa. O que eu queria era estudar a sua estrutura neural, coletar dados úteis para futuros tratamentos, com outros pacientes. Sempre faço isso durante os mergulhos; é impressionante a quantidade de coisas novas e interessantes que se aprende durante um simples passeio pela mente alheia, mesmo de uma pessoa vazia como ela. Pode-se ver o mecanismo de um trauma bem na frente, ou um sentimento de culpa mais profundos da psique, ou pólos como atração e repulsa se alternando e realimentando, e ainda neuroses, psicoses, esquizofrenias, coisas do arco da velha. São informações que nenhum livro didático pode hoje fornecer, pois a psiconáutica é uma ciência jovem, com as suas leis e princípios básicos ainda sujeitos a revisão ou aperfeiçoamento. Toda informação que se conseguir poderá ser útil um dia, nem que seja para ganhar um prêmio Nobel. Além do mais, se aquela paciente em particular tinha um problema simples de resolver, podia não acontecer o mesmo com o seguinte. Era sempre bom ter um fichário bem completo sobre morfologia psicopatológica.

A paciente veio e foi, veio e foi, e sempre deixou o seu cheque ao final de cada sessão, cheque esse que eu, nada confiante na honestidade humana, tratava de verificar assim que ela saía. Durante mais de um mês correu às mil maravilhas.

Foi só no meio da oitava sessão que me veio a idéia -- quando eu, bem mergulhado no seu cérebro, acabara de passar pelo cantinho onde se encontravam as memórias relativas aos bens materiais dela e da família.

Desde o princípio, sem notar eu associara o dinheiro dela -- avaliável a partir das roupas e jóias que usava e sobretudo da limusina com motorista que a deixava à entrada do edifício -- ao marido, não à sua família. Foi burrice minha, pois ela própria declarara que já havia tido uns três ou quatro. Mas quando vi, lá no lugar da cabeça que ela usava como arquivo financeiro, a relação dos bens pessoais e familiares -- ninharias como poços de petróleo, minas de urânio, ações de gigantes do mercado, propriedades imensas -- algo em mim despertou. Por quê, pensei nesse momento de revelação, apenas viver das migalhas que um bando de neuróticas me joga diariamente, ou então esperar que alguma velha rica se apaixone e me adote como seu "psicoterapeuta de tempo integral" ? Por quê não induzir os pacientes a me darem suas fortunas, a se apaixonarem, se obcecarem pela minha modesta pessoa ?

Meios para isso eu tinha -- a Psicosonda Neurocomputadorizada, nome pomposo e ridículo para algo muito simples : telepatia eletricamente induzida, acesso à matéria-prima de que se fazem os pensamentos. Uma das discussões em torno da validade ética da psiconáutica era justamente essa : não poderia ela ser usada para o mal ? Não se tratava apenas de uma pos-

sibilidade teórica; o que todo psiconauta faz é, em escala limitada, uma lavagem cerebral. Ele altera a memória, muda a sua feição para aliviar a psique do paciente. Daí até introduzir verdadeiras modificações -- criar memórias falsas, ou neuroses artificiais, ou mesmo induzir obsessões com propósitos escusos -- é um pulo. Um psiconauta desonesto poderia muito bem implantar autênticas bombas mentais no cérebro do seu paciente e depois chantageá-lo: "Se não me der um bilhão, vai ficar louco varrido em vinte e quatro horas".

Tudo isso eu ouvira falar até à exaustão na faculdade, quando a psiconáutica mal havia nascido e não passava de uma vanguarda dissidente da neuroterapia. Por uma questão de ética profissional, ou talvez ingenuidade ou idealismo juvenil, nunca me ocorrera uma coisa dessas, e o que eu fazia era seguir a regra sagrada dos psiconautas: tosquiar, sim; esfolar, não. Mas ali, cercado pelas imagens mentais de poços de petróleo e iates e fortunas gigantescas, a idéia veio e ficou. Mais: cresceu, tomou forma, se sofisticou.

A idéia rude, desajeitada, de seduzir a mulher a partir do seu próprio cérebro, despertando nela uma paixão avassaladora, depressa eu abandonei; havia possibilidades muito maiores. Também poupados depósitos na minha conta bancária foram coisa que rápido descartei; chamariam demais à atenção. Mas um plano sutil, que envolvesse o implante de certas memórias programadas para eclodirem tempos mais tarde, isso valia a pena considerar.

Terminei rápido a sessão, recebi o dinheiro, acompanhei a sra. Brandon até à saída e voltei voando para a minha mesa, não sem antes cancelar todos os compromissos do dia com a secretária. Tinha muito que fazer.

Em primeiro lugar, uma confirmação: existia realmente o clã dos Brandon? Eu me lembrava de ouvir um nome semelhante, e relacionado ao mundo dos negócios, mas lembranças não eram suficientes; precisava de uma certeza. E, caso o Clã existisse, ainda permanecia a dúvida sobre a existência de Ema Brandon, trinta e cinco anos, três vezes divorciada e frígida incorrigível -- e se tal pessoa era minha paciente. A mulher que todas as segundas ia ao meu consultório podia muito bem ser uma doida que se convencera de que pertencia ao Clã dos Brandon. Não era impossível; certas psicoses geram memórias falsas tão poderosas, tão vívidas, detalhadas, autocomplices, que até o psiconauta mais competente tem dificuldade em distingui-las das memórias verdadeiras. Eu vira as jóias que ele usava, e as roupas e a limusina, mas isso não provava nada; quem sabe de que artimanhas um desequilibrado convicto é capaz? Se eu ia realizar uma manipulação ilegal no cérebro da mulher, o que poderia me custar a licença ou talvez a liberdade, tinha de se estar certo de que ela era Ema Brandon, herdeira da fortuna dos Brandon, e ninguém mais.

Como obter essa informação? Fontes não faltavam, desde as velhas colunas sociais (que ela, sendo quem afirmava ser, na certa frequentaria, já que tinha de exibir as jóias em algum lugar), até o "Quem é Quem no Mundo dos Negócios", longa relação de executivos e grandes acionistas da qual ela talvez não fizesse parte, caso não me interessasse pelas atividades econômico-financeiras da família. Mas eu precisava de uma confirmação oficial, que não deixasse dúvidas. Isso, felizmente, eu sabia como obter.

Um dos meus primeiros empregos, logo ao sair da faculdade, fora no Departamento de Polícia, na divisão de torturas e confissões. Ainda que a psiconáutica enfrentasse forte oposição nos setores mais tradicionais da psiquiatria, a polícia rápido adotou os seus exames como rotina nos interrogatórios e depoimentos. À semelhança do velho polígrafo, o teste psiconáutico não tinha validade como prova em um tribunal, nem ninguém se submetia a ele contra a vontade, mas uma informação extraída dessa forma tinha o peso informal de uma certeza. Quanto a mim, um dos infelizes que procedíamos testes, em pouco tempo me cansei de mergulhar na cabeça de criminosos e arrancar confissões aos neurônios. Mal juntei um dinheirinho, saí dali e montei meu próprio consultório.

Mas o tempo que passara revistando a cabeça de bandidos da pesadíssima foi de grande utilidade; aprendi técnicas de roubo, extorsão, tortura e atividades afins que nem em mil vidas teria adquirido. A maioria, deixei

no plano teórico, pois a psiconáutica é um ganha-pão razoável. Algumas técnicas, no entanto, fui experimentando aqui e ali, às vezes com sucesso. Uma delas foi como entrar e sair dos computadores da Rede Federal de Informações sem ser notado, mesmo carregando às costas um baú cheio de dados os mais secretos.

Não, não vou cotar como se faz; não tenho a menor intenção de alimentar vocações criminosas. Limito-me a dizer que consegui, entrei nos computadores da Rede e obtive os dados. E que o que descobri me deixou ainda mais empolgado.

Sim, ela era de fato Ema Brandon, trinta e cinco anos, três vezes divorciada e tão frígida que tinha dificuldade para apreciar até mesmo um sorvete de baunilha com flocos. Era a pessoa certa. Agora, só faltava fazer a coisa certa, e talvez essa fosse a parte mais difícil.

Explico-me : o maior problema quando se tem um poder imenso nas mãos, que era o meu caso, é a pessoa se afoibar e pensar que é dona do mundo, que pode fazer tudo que quiser. É o modo mais rápido de fazer besteira e ser apanhado. Eu, por exemplo : tinha uma mulher riquíssima que poderia manipular como bem entendesse. Se lhe pedisse um cheque de um bilhão, ela o daria sem hesitar, bastando-me implantar no seu cérebro os imperativos adequados -- quase os mesmos que eu usava todos os dias para curar neuroses e crises de claustrofobia.

Acontece que a mulher não estava sozinha no mundo. Por trás dela erguia-se uma multidão de ex-maridos, parentes, acionistas, contadores e advogados que, caso me passasse o tal cheque, se apressariam em arrumar uma junta de psiquiatras que a declarariam mentalmente insana, tornando o meu cheque tão quente como se fosse roubado mesmo -- isso se não viessem logo atrás de mim e me acusassem de indução criminosa e outras coisas. Eu teria de usar de um infinito cuidado, de atuar com paciência e atenção, para não acabar por dar ao meu diploma a mais baixa das utilidades.

Dados; em primeiro lugar eu precisava de dados. Tudo o que a cercava, tudo o que ela fazia, pensava, conhecia, via, não via, e assim por diante. As informações que eu afanara da rede não serviam, pois referiam-se apenas a coisas oficiais (o governo ainda não aprendeu a ler pensamentos, mas com a psiconáutica não deve demorar). Mas os dados de que eu realmente precisava -- coisas pessoais, subjetivas, íntimas -- esses não eram difíceis de conseguir; o melhor lugar do mundo para o fazer ia todas as segundas ao meu consultório, entre as dez e as dez e meia, empoleirado no alto de um corpo pálido e informe que só uma imensa fortuna podia tornar atraente. E, graças aos esforços diligentes da minha santa mãezinha, que trabalhou durante vinte anos como garçonne para que o filhinho estudasse na universidade, eu ainda recebia dinheiro para obter esses dados.

O problema, de novo, seria o que fazer com a informação. Copiar o número da conta bancária da mulher e retirar alguns zeros por mês, tudo assinado e declarado ? Desencadear crises cíclicas de amnésia durante as quais ela me acompanhasse ao meu banco e lá fizesse generosas doações à minha causa ? Ou desencadear um processo esquizóide em que uma nova personalidade gradativamente subjugasse a original e, entre outras revoluções de comportamento, resolvesse investir pesado na psiconáutica, nomeando este humilde profissional como chefe de projeto ou algo assim ?

Sim, essa idéia era boa. Poderia criar uma empresa e, via sra. Brandon, introduzi-la no Clã sem chamar à atenção. Talvez não ficasse tão rico quanto eles, pois eram profissionais do ramo enquanto que eu não passava de aspirante a amador, mas ficaria mais rico do que era.

Adotada essa idéia como primeira hipótese, restava saber que informações seriam necessárias para levar adiante o projeto. Trabalho leve, pouco mais de cinco minutos de raciocínio.

Esperei a nona sessão, manhã de segunda-feira, como São Mefistófeles à espera de novos adeptos.

Quando a sra. Brandon chegou, atrasada como sempre, eu a recebi com uma satisfação muito mal disfarçada. Conteí algumas piadinhas sem graça, só para que não desconfiasse de nada, encaminhei-a discretamente para o divã de psicossondagem, liguei o aparelho e pronto : presa na armadilha.

Mergulhei rápido no seu cérebro e fui direto ao que importava : o "setor financeiro".

Que decepção. Tudo o que ela guardava na cabeça era o aspecto prático do dinheiro : quanto estava disponível para gastar, onde conseguir, etc. Mas o seu processo de geração -- o funcionamento das empresas, os membros da diretoria, reuniões de acionistas, falcaturas, tudo o que realmente importava -- nada ela sabia. No máximo, tinha registradas algumas informações bem genéricas, coisas que ela só não saberia se estivesse morta. Um fiasco.

Não desanimei. Desde o início sabia que ela não passava de uma boba; por que esperar que estivesse ao corrente de todos os negócios da família ? Talvez, e isso era bem possível, ela fosse íntima de algum parente mais comprometido com a "essência" do Clã, alguém que pudesse ir ao meu consultório e ...

Corri para o setor de "Amigos & Parentes" e, após uma rápida busca, encontrei. Sim, lá estava um rosto que aparecera relacionado a várias das atividades financeiras da família : Elmer Brandon, o irmão mais velho dela, "um gênio", segundo o seu rótulo de classificação mental, "que entende dessas coisa de ações, porcentagens, cotas e sei lá o que". Pelo sumário de caracterização que acompanha a imagem, eu soube que o irmão era "um sujeito meio veado, veado desde menino, que não curte muito bem esse negócio de não ser macho, um enrustido que ..."

Perfeito. Se convencesse a levar o irmão ao meu consultório, ganharia tudo de uma vez. Imagine : prometer-lhe a cura para o seu probleminha, ou quem sabe a auto-aceitação. Ele ficaria tão agradecido que quase não precisaria manipulá-lo. A única dificuldade seria como levá-la a convencer o irmão. Pelo que eu vira, o seu relacionamento não era dos melhores; distância e rivalidade, disparidade intelectual violenta, enorme divergência de interesses -- não tinham nada em comum. Até os encontros entre eles eram raros, apesar de morarem no mesmo bairro. Seria um programa difícil de implantar. Mas não impossível.

Terminada a sessão, na hora do cheque, fiz uma cara séria tipo Notícia Muito Grave e informei a sra. Brandon de que o caso era mais complicado do que inicialmente previra. Seriam necessárias no mínimo mais dez sessões, e eu recomendaria que a próxima fosse não na semana seguinte, mas dali a dois dias, na quarta feira. Ela ficou preocupadíssima e perguntou se eu descobrira "algo de terrível" na mente dela, mas eu a tranqüilizei dizendo que não, apenas verificara que o caso exigia maior atenção. Recebi o cheque, ela se levantou e saiu muito nervosa, sem se despedir como sempre fazia.

Que se dane; o que queria era agarrar o irmão e deitá-lo no divã da psicossonda. Esse valeria a pena estudar.

Quanto à estratégia de aproximação, não era complicada. Claro que exigiria cautela; se eu simplesmente programasse a sra. Brandon para chegar perto do irmão e dizer : "Escuta aqui, meu irmão: descobri um jeito infalível de você deixar esse negócio de ser veado", o provável era que nunca mais se falassem, tão mal resolvido era o caso dele. Mas, se fizesse a coisa com cuidado, se despertasse nela um sentimento de ternura em relação ao irmão, uma nostalgia pelos tempos de inocência e companheirismo da infância, uma atração quase ... incestuosa, quem sabe ?

Sim, poderia convencê-la de que inconscientemente sempre fora apaixonada pelo irmão, e de que só curaria a tal friidez -- que teria origem nesse "amor impossível" -- se conseguisse transar com ele. Mas, é claro, isso só poderia acontecer se o irmão se curasse do seu probleminha, o que este humilde profissional da psiconáutica na certa seria capaz de providenciar ...

A sra. Brandon chegou meio tensa ao consultório, mas nem liguei; pulei as preliminares de sempre, empurrei-a direto para o divã da psicossonda e pronto ! -- terminado em menos de quinze minutos. Foi um trabalho limpo, um mínimo de interferência direta, o melhor da minha carreira. Recebi o cheque de sempre, a paciente foi embora e mandei entrar o seguinte.

Pouco mais de duas horas depois a secretária chamou-me e disse que estava ali o sr. Brandon.

Já ? Nunca imaginei que o "tratamento" fizesse efeito tão rápido; devia ter caído como uma bomba.

Corri para a porta e a abri de par em par.

Não era o irmão dela, isso eu pude ver no primeiro instante. O rosto que vira no cérebro da sra. Brandon, a imagem mental que tinha do irmão, era de alguém muito mais velho, não o rapaz à minha frente. Parado, de pé, estava um homem que não tinha mais de trinta anos, ladeado por dois sujeitos imensos, de óculos escuros e mãos enfiadas nos bolsos dos sobretudo-cinzentos. Talvez guarda-costas de milionários, pensei, já sem acreditar.

O homem entrou no consultório, acompanhado da sua escolta. Sentou-se. Por alguns instantes, apenas olhou ao redor, uma certa ironia brilhando no olhar.

Encarou-me.

- Eu não sou o sr. Brandon, nem sou o irmão da sra. Brandon. Na verdade, o Clã dos Brandon não está nem um pouco interessado nas suas atividades profissionais -- falou devagar, pausado, com uma calma arrepiante.

Eu não sabia o que dizer. O homem continuou.

- A sra. Brandon que você conhece não passa de uma atriz, uma mulher muito simpática que se ofereceu gentilmente para servir de isca, que aceitou sofrer um processo de psicoformação temporária visando transformá-la em uma pessoa fútil, vazia, frígida.

"Sabe, têm sido cada vez mais frequentes as denúncias de golpes praticados por psiconautas; doações induzidas, depósitos e investimentos forçados, casamentos por hipnose, coisas assim. Como ainda é pequeno o número de psiconautas diplomados, o governo federal resolveu iniciar uma investigação sistemática das atividades de todos os profissionais do ramo, e como resultado foi colocada uma "isca" em cada consultório, uma pessoa que ao final de cada sessão é examinada nos nossos laboratórios em busca de manipulações ilegais. E, pelo que constatamos, foi realizada uma manipulação ilegal neste consultório.

Eu ainda não estava derrotado.

- Não podem me condenar só com isso. Tudo o que fiz foi usar de uma via indireta para curar a paciente da frigidez que ela ... que eu acreditava que ela possuía. Não podem provar nada, pois não houve manipulação de espécie alguma.

O homem não se perturbou.

- Sim, foi habilidoso da sua parte usar a psicopatologia da própria paciente, mas ainda podemos provar que houve intenção de fraude. Temos os registros das suas repetidas visitas ao "arquivo financeiro mental" da paciente. Além do mais, há muitos precedentes; você se surpreenderia com o número de psiconautas atrás da fortuna da pobre sra. Brandon.

- Isso não prova nada; eu apenas procurava alguém das relações da paciente que pudesse usar como catalisador de um processo. Não é crime tentar curar alguém.

- Poderá alegar isso no tribunal, mas deve concordar que induzir a sua paciente a uma paixão incestuosa, mesmo com a mais legítima das finalidades terapêuticas, é uma conduta profissional no mínimo questionável. Estará dando razão aos psicanalistas quando dizem que vocês, psiconautas, não passam de técnicos sem ética, desentupidores de cérebros. Além do mais, podemos acusá-lo de manipular ilegalmente um paciente só para conseguir novos clientes. Mais : podemos acusá-lo de fraude, pois poderia ter curado a paciente desde a primeira sessão. E, se alegar que não viu o óbvio, questionaremos a sua competência como profissional. De um modo ou de outro, a sua carreira está arruinada.

Sim, era verdade; eu estava mais do que frito.

- Mas, é claro, levando em conta certos pontos ambíguos do caso, estamos dispostos a ser clementes, talvez até a entrar em acordo.

Ah, estava demorando. Toda aquela lição de moral tinha um objetivo.

- Podemos poupá-lo da humilhação pública de um processo, e da má publicidade que daí viria, se aceitar exercer a sua profissão em outro país, numa república sulamericana cujo nome prefiro omitir agora. Terá de usar um nome falso, é claro, mas fora isso poderá continuar a sua carreira como

se nada tivesse acontecido, apenas tendo de nos enviar periodicamente relatórios das suas consultas com políticos, empresários, banqueiros, etc. E o que é melhor : em dez anos poderá voltar para casa, com a ficha limpa e um consultório montado. Aceita ?

Aceitei, e aqui estou eu numa certa república sulamericana. Nome trocado, diploma falso, mas exercendo a minha profissão -- e suando para recuperar o dinheiro perdido. Graças a um implante neural fixo, falo um português perfeito, e ninguém reclama do meu sotaque. Continuo cínico e machista, e também misógino, mas a agenda está cheia até o ano que vem -- cheia de viúvas ricas, esposas insatisfeitas e homossexuais enrustidos, e também empresários, políticos e banqueiros, é claro. Ah, e estou escrevendo um livro técnico, "Introdução à Psiconáutica Elementar", no qual instruo os psiconautas recém-formados sobre os princípios básicos da profissão. Já tenho três editoras interessadas.

E é isso. Se você tiver alguma esquizofrenia branda, ou um leve medo de comer pickles, ou mesmo um forte desejo de livrar do seu dinheiro, venha ao meu consultório; fica na Av. Rio Branco, n° 328, 2° andar, sala 27, no Centro. Estou esperando por você. Isto, é claro, se puder pagar a consulta. Se não, nem precisa passar perto; de gente problemática e sem dinheiro já estou cheio. _

• • •





Infelizmente, em minha última coluna um parágrafo foi truncado; justo o que eu achava mais importante. Além do Editor oferecer desculpas, concordou que eu reproduzisse novamente o dito cujo :

"Gostaria de fazer um parêntesis : não sou e nem quero ser advogado e/ou defensor da Frota Estelar Brasileira, que inclusive possui falhas e imperfeições; mas acho que muitos sócios do CLFC deveriam comparecer a estas "convenções" e compará-las com as nossas reuniões : com as polêmicas absurdas e sem saída, os mesmos assuntos de sempre, o "congelamento" do *Somnium*, etc."

INTERNACIONAL

Falha minha : fui "alvejado" pelo Departamento de Boatos e informei que a *Alferes Ro Laren* seria realocada. Não foi, continua na *Enterprise*. E pelo que eu vi no *Deep Space Nine*, a série promete; vamos aguardar. E mais boatos sobre *Star Trek VII* e/ou um longa-metragem com a *Nova Geração*; é sempre a mesma coisa.

BRASIL

Finalizando a retrospectiva de 1992 : A *Aleph* lançou mais dois livros no fim do ano : "*Kobayashi Maru*" e "*Crime em Vulcano*". O primeiro mostra como vários tripulantes da *Enterprise* passaram pelo mais famoso teste da Academia da Frota; o segundo passa-se em *Vulcano*, e na minha opinião é um dos melhores já editados, inclusive com uma capa belíssima -- 100% a ver com a história. A *Aleph* só precisa tomar mais cuidado na revisão : no número oito havia muitas palavras acentuadas truncadas. Previstos para 1993 mais dois livros : "*Os Pacificadores*" (*Nova Geração*) e o "*Manual da Enterprise*". Os quatro primeiros volume da série já estão em sua segunda edição, o que mostra que *Star Trek* é viável.

ZINES RECEBIDOS

"*Diário e Bordo*" n° 12 -- agora de fato em formato revista, sob a batuta do *Silvio Alexandre (Aleph)*, está bem variado : matérias sobre a "*Deep Space Nine*", o filme "*A Guerra do Fogo*", *Frankenstein* num estudo mais aprofundado, etc.

Traz ainda um encarte em papel "pulp" chamado "*Galileo*", feito por *Christiano Nunes*; de maneira bem-humorada, é a âncora de zine na revista - gostei da fórmula.

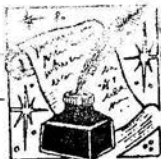
Endereço : Caixa Postal 14592, São Paulo (SP), 03698-970.

Trekker Report n° 1 -- 16 pags., formatinho. Um novo grupo que se diz independente, mas está sempre nas reuniões da Frota e ainda não resolveu como vai vazer suas próprias reuniões. "*Deep Spce Nine*", trilhas sonoras, etc. Feito em editoração eletrônica na *Gazeta do Tatuapé*.

Endereço : Rua Serra de Bragança 1363/142, São Paulo (SP), 03318-000.

Warp 9, Vol. 1, n°s 1 e 2 -- 14 e 20 pags. respectivamente, A-4. Um fanzine inspirado no *LogBook* americano, sobre o qual já falei nesta coluna mais de uma vez, e que começou a tomar forma nas discussões "treknicas" do Departamento de Engenharia da Frota. Editado por *Paolo F. Pugno* e eu mesmo, aborda naves, motores de dobra, física e astronomia "reais", etc. Temos o firme propósito de diversificá-lo mais, não abordando apenas *Star Trek* mas *FC-Hard* de modo geral.

Endereço : Rua João Barbosa 53, São Paulo (SP), 03323-030.



QUEM TEM MEDO DA "FÓRMULA 1" ?

André Carneiro

Passei um tempo viajando e só agora recebi os números 56 e 57 do *Somnium*. Todos muito bons, um fanzine revista que dá uma visão panorâmica do gênero, no Brasil.

Um articulista indaga se a F.C. é gênero ou sub-gênero. A maioria dos críticos acha que é sub, junto com o romance policial. Este, em sua maioria (como também a F.C.) é literatura de entretenimento. Compreende-se. O romance policial é um jogo, um quebra-cabeças, onde o criminoso se oculta até o final. Quando adolescente li centenas de romances policiais. Escrevi até uma tese, onde tentava analisar o porque do gênero praticamente ser inexistente, no Brasil. No primeiro mundo, um suspeito é considerado inocente, até que a polícia prove sua culpa. Em nosso país, o suspeito (principalmente negros ou pobres) é culpado até que prove a própria inocência. A investigação para chegar ao criminoso, não comporta torturas, onde o suspeito confessa sob coação e nega depois diante do juiz. Nosso romance policial, se for realista, acabaria nas primeiras páginas, nos choques e "pau-de-arara". Quanto à qualidade e ao valor literário do romance policial, a crítica internacional usa o mesmo critério empregado para situar a F.C.. Grandes obras do gênero nunca são chamadas de "romance policial", como "Crime e Castigo", de Dostoevski. Simenon, o genial escritor belga, com centenas de livros publicados, dignificou o gênero dando-lhe profundidades psicológicas que Agatha Christie invejava. A denominação "romance policial" é tão venenosa quanto a de "ficção científica". Por isso os livros "policiais" de Rubem Fonseca jamais levam esse título.

Quanto à superficialidade e ao desrespeito crítico da grande maioria dos "comentadores" nos fanzines, é um fenômeno que ainda não sei explicar. Isso não acontece quando se trata de Literatura, com maiúscula. As exceções ocorrem, é evidente. Uma análise do Bráulio Tavares sobre Machado de Assis é um exemplo de seriedade e competência. Uma promissora contista entrevistada Thomas Dish, mas o trata com ironias injustificáveis. E repete o dito popular "gosto não se discute". Gosto se discute, sim. O que não se discute é o direito de ter mau gosto.

Outro contista promissor escreve uma carta ao editor, dizendo: "Gostaria de ver André Carneiro se postar na linha de fogo e criticar o trabalho dos seus colegas... mas, é preciso alertá-lo de que ele pode ser alvo dos insultos de autores de pavio curto e ego explosivo...".

A carta parece mais uma ameaça do que um convite. Chego a pensar que a palavra "Crítica" tenha, para alguns jovens, um significado negativo e não de análise literária. Nos onze volumes do "Diário Crítico", de Sérgio Milliet, onde ele analisa e "critica" centenas de escritores, jamais foi insultado por autores de pavio curto. A crítica competente é algo que dignifica o autor, mostra que ele tem importância suficiente para ser "criticado". Significa uma honra, nunca uma ofensa para ser revidada. Falo de crítica competente e não dos "palpites" de alguns fanzineiros, mero jogo de peteca, onde a intenção é bater mais forte até que os curtos pavios se acendam.

Quando comecei a escrever em jornais do interior, eu assinava uma "Coluna Crítica e Literária". Nunca me preocupei de praticamente não ser lido em minha cidade. Minha ambição era muito mais alta. Orientando uma Oficina de Poesia, no Mário de Andrade, meus "oficinandos" visitaram uma outra turma, também de poesia. Feita a leitura dos poemas e a crítica dos participantes, os outros se queixaram da implacável e severa crítica dos meus alunos. Quebrei o clima desagradável, afirmando que não pretendíamos ser os melhores poetas do bairro nem da cidade. Queríamos ser importantes em todo o Brasil, no continente, ganhar o Prêmio Nobel, etc, por isso éramos exigentes. Sempre imaginei que um escritor sonhe sempre ser capaz de

escrever uma obra de repercussão mundial, algo de qualidade permanente, que não seja somente "entretenimento" passageiro. Mas, é claro, todos têm o direito de escrever superficialidades sem nenhuma ambição maior. Como equilibrar uma orientação ou um crítica exigente em relação a esses trabalhos menores ?

Ajustar um motor de fusca para um "racha" nos subúrbios, é muito diferente de fazer o mesmo para uma disputa de Fórmula 1.

Se alguém sabe como conciliar essa diferença, gostaria de aprender ...

• • •



© 1989
Tom Foster/Ken Fletcher

Trata-se de uma edição independente, de 170 páginas e contendo um total de dez histórias, sendo que duas são do gênero FC: "Um Planeta Hostil" e "O Pequeno Ser Prateado". Outras histórias abordam tanto a fantasia quanto os pequenos dramas do cotidiano. Lancei-o em 1987 e tem falhas estruturais e gramaticais, mas é fruto de um sonho há muito acalentado. Se tiver interesse em adquiri-lo, envie-me um cheque nominal cruzado no valor equivalente a US\$ 5,00 que remeterei um exemplar pelo correio no prazo de uma semana. Escreva para:

Roberto Schima/PPDE
R. São Serapião, 518 (antigo 308/A).
Vila Ré-S. Paulo/SP-03664.000

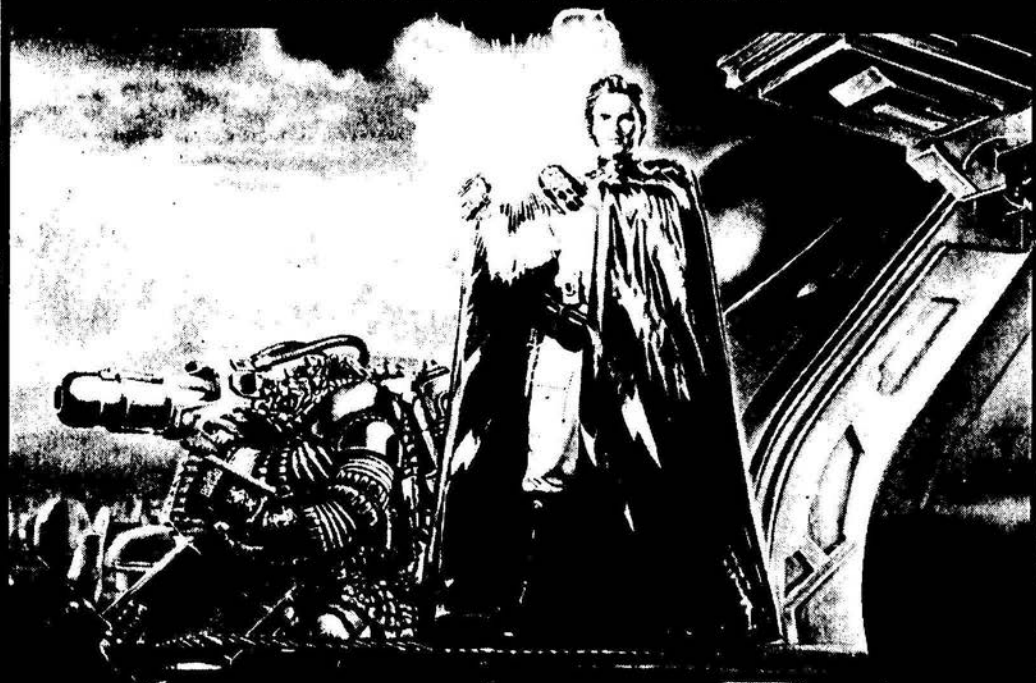
Pequenas Portas do Eu

Roberto Schima



H. 93
SCHIMA

OLE DOC and HIPPOCRATES UNITED AT LAST



OLE DOC METHUSELAH

by **L. RON HUBBARD**

AUTHOR OF THE NEW YORK TIMES BESTSELLERS **BATTLEFIELD EARTH** AND THE **MISSION EARTH**® SERIES

IN THIS NEXT BESTSELLER BY L. RON HUBBARD YOU WILL TRAVEL ON INTERGALACTIC ADVENTURES WITH **SOLDIER OF LIGHT #77, OLE DOC METHUSELAH**, AND HIS FAITHFUL SIDEKICK, **HIPPOCRATES**. TOGETHER THEY FIGHT DISEASE, CORRUPTION, AND THE WARPED PSYCHOLOGY THAT SPREADS IN THE ISOLATION OF MANKIND'S LOST PLANETARY COLONIES.

AVAILABLE NOW AT YOUR
LOCAL BOOK STORE
Hardcover book: 288 pages
Audio: 6 hour program

GET YOUR COPIES TODAY! HARDBACK \$18.95; AUDIO \$24.95